



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

ALEX APOLONIO SOARES

**MAMULENGO EM TECNOVÍVIO:
NÓS, QUIPROCÓS E FOLGANÇAS
NO CAMINHO PARA A INCLUSÃO DIGITAL
DO TEATRO DE BONECOS POPULAR
PERNAMBUCANO**

NATAL/RN

2022





**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS**

ALEX APOLONIO SOARES

**MAMULENGO EM TECNOVÍVIO:
NÓS, QUIPROCÓS E FOLGANÇAS NO CAMINHO PARA A INCLUSÃO DIGITAL
DO TEATRO DE BONECOS POPULAR PERNAMBUCANO**

**NATAL
2022**

ALEX APOLONIO SOARES

MAMULENGO EM TECNOVÍVIO:
NÓS, QUIPROCÓS E FOLGANÇAS NO CAMINHO PARA A INCLUSÃO DIGITAL
DO TEATRO DE BONECOS POPULAR PERNAMBUCANO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. André Carrico.

NATAL
2022

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Departamento de Artes - DEART

Soares, Alex Apolonio.

Mamulengo em tecnovívio: nós, quiprocós e folganças no caminho para a inclusão digital do teatro de bonecos popular pernambucano / Alex Apolonio Soares. - Natal, 2022.

122 f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de Artes, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas.

Orientador: Prof. Dr. André Carrico.

1. Teatro - Cultura popular - Dissertação. 2. Teatro de fantoche - Mamulengo - Dissertação. 3. Teatro - Inclusão digital. I. Carrico, André. II. Título.

RN/UF/Biblioteca Setorial do Departamento de Artes. CDU 792.97



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS

ATA DE DEFESA

1 Aos vinte e oito dias do mês de março de dois mil e vinte e dois, às quatorze horas, por
2 videoconferência, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelo professor e professoras
3 doutor/as: ANDRÉ CARRICO (Presidente – Orientador – PPGArC/UFRN), ADRIANA
4 SCHNEIDER ALCURE (Examinadora Externa à Instituição – UFRJ) e TEODORA DE
5 ARAÚJO ALVES (Examinadora Interna – PPGArC/UFRN), para Defesa da Dissertação
6 intitulada “MAMULENGO EM TECNOVÍVIO: NÓS, QUIPROCÓS E FOLGANÇAS NO
7 CAMINHO PARA A INCLUSÃO DIGITAL DO TEATRO DE BONECOS POPULAR
8 PERNAMBUCANO”, de autoria do discente ALEX APOLONIO SOARES. Após 30 minutos de
9 apresentação, a Banca Examinadora arguiu, seguindo a ordem da convidada externa para a
10 convidada interna. Ao final, a Banca ressaltou a contribuição do trabalho para os estudos do
11 Teatro de Mamulengo, especialmente em relação à atualização de dados que contemplam as novas
12 gerações da brincadeira. Destaca ainda a importância das ações realizadas durante a pesquisa
13 como contribuição às ações de salvaguarda do Mamulengo no momento pandêmico. Indica
14 também que seja feita uma revisão de Língua Portuguesa e normas ABNT. Sendo assim, a Banca
15 considerou o trabalho APROVADO. Não havendo nada mais a registrar, eu, ANDRÉ CARRICO,
16 Presidente da Sessão, lavrei a presente Ata que, depois de lida e aprovada, vai assinada por mim,
17 pela Banca Examinadora e pelo discente.

Prof. Dr. ANDRÉ CARRICO
(Presidente – PPGArC/UFRN)

Prof.^a Dr.^a ADRIANA SCHNEIDER ALCURE
(Examinadora Externa à Instituição – UFRJ)

Prof.^a Dr.^a TEODORA DE ARAÚJO ALVES
(Examinadora Interna – PPGArC/UFRN)

ALEX APOLONIO SOARES
(Discente)



Emitido em 28/03/2022

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO Nº 4/2022 - PPGARC (13.28)

(Nº do Protocolo: NÃO PROTOCOLADO)

(Assinado digitalmente em 29/03/2022 14:00)

ANDRE CARRICO
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ARTES/CCHLA (13.13)
Matrícula: 2276305

(Assinado digitalmente em 29/03/2022 11:23)

TEODORA DE ARAUJO ALVES
PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR
ARTES/CCHLA (13.13)
Matrícula: 2200162

(Assinado digitalmente em 29/03/2022 09:07)

ADRIANA SCHNEIDER ALCURE
ASSINANTE EXTERNO
CPF: 043.045.387-64

(Assinado digitalmente em 29/03/2022 22:40)

ALEX APOLONIO SOARES
DISCENTE
Matrícula: 20201001977

Para verificar a autenticidade deste documento entre em <https://sipac.ufrn.br/documentos/> informando seu número: 4
, ano: 2022, tipo: ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO, data de emissão: 29/03/2022 e o código de verificação:
3289a91776

Dedico este trabalho aos mestres mamulengueiros José Severino dos Santos, Mestre Zé de Vina (*in memoriam*) e José Lopes da Silva Filho, Mestre Zé Lopes (*in memoriam*), por terem devotado suas vidas a brincar e repassar a arte do Mamulengo, deixando uma imensurável contribuição ao teatro de bonecos popular pernambucano. Dois homens cuja trajetória me inspira na arte da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

A minha mãe, Maria Valdenice Apolonio (*in memoriam*), aquela que primeiro nutriu em mim o gosto pelas letras e pelo conhecimento, sem medir esforços para que nada me faltasse na trajetória do aprendizado e do crescimento, e a minha avó materna, Edeilda Bezerra Apolonio, mulheres cuja gana de vencer na vida me faz querer ser forte e olhar sempre adiante.

Aos colegas de graduação e labor artístico, Gessyca Geyza, Gustavo Viana e Tamires Rodrigues (*in memoriam*). E a todo corpo técnico e docente da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, onde iniciei minha trajetória acadêmica.

A Jorge Clésio, Zuleika Ferreira e, novamente, Gessyca Geyza, os seres mais iluminados que o universo colocou na minha vida. Sou extremamente grato por tê-los conhecido, vibrado em seus carnavais e crescido com a serenidade e a sabedoria de suas palavras e gestos.

A Alexsandro Francisco, colega, artista pernambucano e acadêmico, pessoa que com grande generosidade me guiou nos primeiros passos dessa jornada rumo à pós-graduação.

A minha terapeuta, Teresa Alves, por todo cuidado, estímulo e acompanhamento nessa jornada de conhecimento e autoconhecimento.

Aos colegas do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN, turma 2020.1, são eles: Ana Lincka, Amanda Souza, Daniele Bustorff, Denilson Oliveira, Eduardo Martins, Eduardo Valencia, Glaydson Rodrigues, Javier Díaz, Jéssica Cerejeira, José Ricardo, Liliane Bezerra, Jan Macedo, Mariana Fernandes, Maria Flor, Miguel Segundo, Thayane Priscilla, Thales Athye, Simone Santos e, em especial, a Maria Flor Simone Santos, pessoas grandiosas, acolhedoras e detentoras de saberes e histórias de vida que me inspiraram a não desistir, continuar de pé e seguir adiante.

Às professoras e aos professores do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFRN, com os quais tive grandes momentos de aprendizado: Naira Ciotti, Larissa Marques, Leônidas Silveira, Karyne Dias, Adriano Oliveira, Robson Haderchpek e, em especial, meu orientador, André Carrico, pela parceria, generosidade, disponibilidade e tranquilidade na condução desta pesquisa, pessoa com a qual me entusiasmo em trocar ideias sobre o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste.

À banca examinadora, as professoras Teodora de Araújo Alves, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, e Adriana Schneider Alcure, Universidade Federal do Rio de Janeiro, pela dedicação e entusiasmo com que abraçaram esta pesquisa, lançando mão de suas

vastas experiências no campo da cultura popular para fazer esse pesquisador enxergar além do visível, assim contribuindo de maneira valiosa com a pesquisa sobre o teatro de bonecos popular pernambucano.

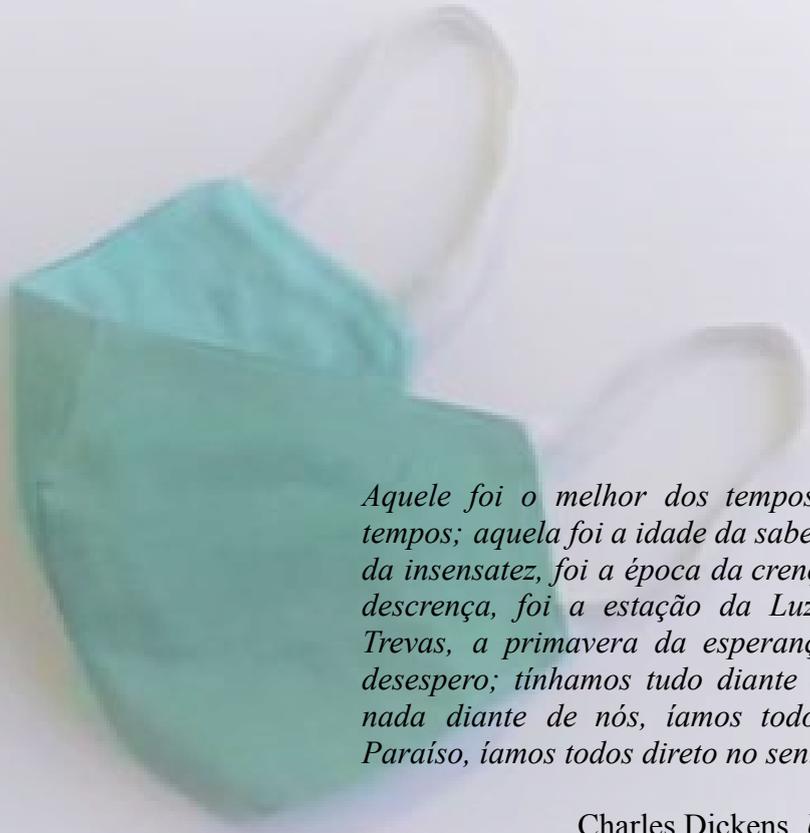
A Hermilo Borba Filho (*in memoriam*), Fernando Augusto Gonçalves dos Santos, Adriana Schineider, Izabela Brochado e Marcondes Lima, pesquisadores/as que abriram caminho para que hoje eu pudesse estar refletindo sobre Mamulengo.

Aos mestres Zé Lopes e Zé de Vina (*in memoriam*), a mestra Cida Lopes, contramestra Neide Lopes, folgazã Larissa Lopes, mestre Miro dos Bonecos, mestre Tonho de Pombos, mestre Vitorino de Igarassu (*in memoriam*), mestre Jurubeba, mestre Wagner Porto, mestre Bel, mestra Titinha, mestre Bila, bonequeira Genilda Félix, folgazã Jaci Félix, e ao produtor cultural Pablo Dantas.

A Jennyfhem Mendonça, profissional especializada em redes sociais que abraçou o projeto *Mamulengo em Tecnóvivo*, me auxiliando na contribuição para a inclusão digital da comunidade mamulengueira pernambucana.

A todas e todos os gestores que fazem o Serviço Social do Comércio de Pernambuco – Sesc PE, à Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco – SECULT – PE e à Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado de Pernambuco, a FUNDARPE.

Por fim, meus agradecimentos a todas as pessoas que lutam e lutaram ao longo da história desse país em defesa da universidade pública e gratuita, sem a qual minha formação como Licenciado em Teatro e agora como Mestre em Artes Cênicas não seria possível.



Aquele foi o melhor dos tempos, foi o pior dos tempos; aquela foi a idade da sabedoria, foi a idade da insensatez, foi a época da crença, foi a época da descrença, foi a estação da Luz, a estação das Trevas, a primavera da esperança, o inverno do desespero; tínhamos tudo diante de nós, tínhamos nada diante de nós, íamos todos direto para o Paraíso, íamos todos direto no sentido contrário.

Charles Dickens, *Um conto de duas cidades*, 1859.

RESUMO

Durante a pandemia da Covid-19, o trabalho de artistas de Teatro de Mamulengo ficou restrito ao tecnovívio – conceito desenvolvido pelo filósofo Jorge Dubatti (2016) para designar as relações de trabalho mediadas por suporte tecnológico. Assim, o presente estudo, ancorado na pesquisa-ação, reflete sobre algumas estratégias adotadas pela comunidade mamulengueira do Estado de Pernambuco em decorrência das tensões vivenciadas no formato remoto durante a pandemia, e a partir de uma experiência prática propõe diálogos e ações formativas no intuito de contribuir com o fazer dos/as artistas mamulengueiros/as em processo de inclusão digital.

Palavras-chave: Cultura popular. Teatro de Mamulengo. Tecnovívio. Inclusão digital.

RESUMEN

Durante la pandemia de Covid-19, el trabajo de los artistas del Teatro de Mamulengo se restringió al tecnovio, un concepto desarrollado por el filósofo Jorge Dubatti (2016) para designar las relaciones de trabajo mediadas por el soporte tecnológico. Así, el presente estudio, anclado en la investigación-acción, reflexiona sobre algunas estrategias adoptadas por la comunidad Mamulengueira del Estado de Pernambuco debido a las tensiones vividas en el formato remoto durante la pandemia, y desde una experiencia práctica propone diálogos y acciones formativas con el fin de contribuir a la realización de artistas mamulengueiros en el proceso de inclusión digital.

Palabras clave: Cultura popular. Teatro de Mamulengo. Tecnovio. Inclusión digital.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

| | |
|--|----|
| Fotografia 1 – Experimento cênico: Solos Armoriais | 29 |
| Fotografia 2 – Encontro com mestre Zé Lopes | 33 |
| Fotografia 3 – Interior da barraca do Mamulengo Teatro Riso durante uma brincadeira | 43 |
| Fotografia 4 – Frente da barraca do Mamulengo Riso do Povo durante uma brincadeira | 44 |
| Fotografia 5 – Brincadeira de Mamulengo com ênfase para o público | 49 |
| Fotografia 6 – Frente da barraca do Mamulengo Teatro Riso | 82 |

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 – Mapa do Estado de Pernambuco | 38 |
| Figura 2 – Representação da comunidade mamulengueira pelo Estado | 60 |
| Figura 3 – Representação do sustento da família por meio do Pisa-Pilão | 62 |
| Figura 4 – Redes mais usadas pela comunidade mamulengueira | 62 |
| Figura 5 – Aumento do acesso e tempo de permanência nas redes sociais | 63 |
| Figura 6 – Incompreensão da linguagem digital | 64 |
| Figura 7 – Divulgação dos 04 episódios do <i>podcast Fala Mamulengo</i> | 66 |
| Figura 8 – Divulgação do bate-papo <i>Caminhos para a inclusão digital</i> | 78 |
| Figura 9 – Captura de tela de um momento da Live Solidária | 84 |
| Figura 10 – Captura de tela, bate-papo <i>Caminhos para a inclusão digital</i> | 87 |
| Figura 11 – Divulgação do curso <i>Conectando Brincantes</i> | 88 |

LISTA DE ABREVIATURAS

| | |
|------|------------------------|
| AL | Alagoas |
| BA | Bahia |
| CE | Ceará |
| DVD | Digital Versatile Disc |
| Dra. | Doutora |
| MA | Maranhão |
| MG | Minas Gerais |
| PB | Paraíba |
| PI | Piauí |
| PE | Pernambuco |
| RJ | Rio de Janeiro |
| RN | Rio Grande do Norte |
| SP | São Paulo |
| SE | Sergipe |

LISTA DE SIGLAS

| | |
|------------|--|
| ACMAGG | Associação Cultural de Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá |
| CHESF | Companhia Hidrelétrica do São Francisco |
| FIG | Festival de Inverno de Garanhuns |
| FENEARTE | Feira Nacional de Negócios do Artesanato |
| FUNCULTURA | Fundo de Incentivo à Cultura do Estado de Pernambuco |
| FUNDARPE | Fundação do Patrimônio Artístico e Histórico de Pernambuco |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| LAB | Lei Aldir Blanc |
| MINC | Ministério da Cultura |
| OMS | Organização Mundial da Saúde |
| PCdoB | Partido Comunista do Brasil |
| PDF | Portable Document Format |
| PPGARC | Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas |
| PT | Partido dos Trabalhadores |
| QR-Code | Quick Response (que em português significa: código de resposta rápida) |
| SECULT PE | Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco |
| SESC PE | Serviço Social do Comércio de Pernambuco |
| TBPN | Teatro de Bonecos Popular do Nordeste |
| UnB | Universidade de Brasília |
| UFAL | Universidade Federal de Alagoas |
| UFPE | Universidade Federal de Pernambuco |
| UFRJ | Universidade Federal do Rio de Janeiro |

LISTA DE SÍMBOLOS

- ♪ Símbolo usado neste trabalho para indicar versos cantados

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|---|------------|
| | MINHA PRIMEIRA TOADA QUANDO EU PEGO A VADIAR! | 19 |
| 1 | DA BRINCADEIRA EM CHÃO DE TERRA BATIDA AOS TERREIROS DIGITAIS | 36 |
| 1.1 | CONVIVIALIDADES MAMULENGUEIRAS | 46 |
| 1.1.1 | Convívio | 46 |
| 1.1.1.1 | Pequena crônica dos terreiros e suas territorialidades | 46 |
| 1.1.2 | Tecnovívio | 52 |
| 2 | MAMULENGOS EM QUARENTENA E A PESQUISA-AÇÃO COMO UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO DIGITAL | 54 |
| 2.1 | ESCUTA | 56 |
| 2.1.1 | Questionário | 57 |
| 2.1.2 | Podcast | 66 |
| 2.2 | PROPOSIÇÃO | 76 |
| 2.2.1 | Bate-papo <i>Caminhos para a inclusão digital</i> | 77 |
| 2.2.2 | Curso <i>Conectando brincantes</i> | 88 |
| | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 94 |
| | REFERÊNCIAS | 98 |
| | APÊNDICES | 100 |
| | APÊNDICE A – LISTA DE GRUPOS E BRINCANTES PERNAMBUCANOS CONTEMPORÂNEOS A ESTA PESQUISA | 100 |
| | APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO SOBRE MAMULENGO EM TECNOVÍVIO | 103 |
| | APÊNDICE C – PLANO DE CURSO: <i>CONECTANDO BRINCANTES</i> | 115 |
| | APÊNDICE D – LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO VIRTUAL MAMULENGUEIRA DURANTE A PANDEMIA | 118 |

MINHA PRIMEIRA TOADA QUANDO EU PEGO A VADIAR!

Alex



♪ *Oh Pai, Filho, Espírito Santo, oh lélé
Pai, Filho, Espírito Santo, oh lélé
Nas horas de Deus, amém Êohhhh!!!
Pai, Filho, Espírito Santo nas horas de Deus, amém...*

*Minha primeira toada, oh lélé
Minha primeira toada, oh lélé
Quando eu pego vadiar, lélé oh
Minha primeira toada
Quando eu pego vadiar...*

*Mateu, nego véio que veio ver
Caiu na roda pro povo ver!
Mateu, nego véio que veio ver
Caiu na roda pro povo ver!¹ ♪*

Caroca²



*Boa noite, meu povo todo,
Que eu cheguei dando louvor:
Nesse campo de fulô
Louvado seja meu Deus.
Se houver outro como eu,
Que preste melhor serviço,
Eu quero deixar-me disso*

E não quero ser mais: Mateu!³

¹ Música tradicional de abertura das brincadeiras de Mamulengo na Zona da Mata pernambucana. Para melhor compreensão do/da leitor/a, os versos alinhados à direita indicam citações de letras de músicas e loas tradicionais do Mamulengo. Já os diálogos dramáticos em verso e prosa, alinhados à esquerda, são de autoria do pesquisador.

² Caroca é um personagem tradicional no Mamulengo da Zona da Mata pernambucana, ele representa o homem negro e trabalhador da roça, em algumas brincadeiras ele é o primeiro boneco a se apresentar, geralmente entra acompanhado de Catirina – sua esposa.

³ Loa de abertura do Mamulengo.



Caroca
Alex?



Alex
Oi.



Caroca
Chegasse?



Alex
Cheguei!



Caroca
Apoi, se eu cheguei depoi de tu, eu me atrasei!



Alex
Oxe, nem começou!



Caroca
Nem começou, né?! E vai ser o quê mermo?



Alex
Rapaz, num é a leitura da minha dissertação!!



Caroca
Ah, é pra lê, é?



Alex
É!



Caroca
E pra quê tu num disse?!



Alex
Oxe, por quê?



Caroca
Daí eu não vinha, mandava minha Nega Véia, que ela é mais apumada⁴ pra esses negócio de leitura do que eu. Ler dá um sono [bocejando]. Mas pode ficar só ouvindo?



Alex
Pode também.



Caroca
Apoi tá certo! Comece aí, vá!



Alex
Se aproxigue, meu leitor,
Pro caso que vou dissertar
A respeito de uma joia da cultura popular.
Pegue seu café,
Puxe uma cadeira pra não ficar em pé.
Porque vem muita história pela frente
De um brinquedo que é a alma da nossa gente.
Misturando prosa com verso
Assim eu começo
Mamulengando academicamente.

⁴ Aprumada: expressão local para se referir a uma pessoa apta a uma função, bonita, “em forma”.

♪ **MATEU, NEGO VÉIO QUE VEIO VER, CAIU NA RODA PRO POVO VER** ♪

Este trabalho é resultado de uma pesquisa-ação que visa contribuir com o processo de inclusão digital dos brincantes mamulengueiros no Estado de Pernambuco, suscitando reflexões quanto à presença do Mamulengo nas redes sociais, e o modo como essa presença tem afetado o teatro de bonecos popular pernambucano. O que o/a leitor/a irá acompanhar nas páginas a seguir é resultado de meses de leituras, diálogos, ações formativas e reflexões junto à comunidade brincante, acerca do que denomino *Mamulengo em Tecnovívio*.

Tecnovívio, substantivo que tomo de empréstimo do filósofo e teatrista argentino Jorge Dubatti, designa as relações interpessoais síncronas e assíncronas que se dão por meio de suporte tecnológico. Nesta investigação, o pensamento desenvolvido por Dubatti, muito antes do período pandêmico, a respeito das relações tecnoviviais e suas implicações na produção e recepção da obra cênica, me ajuda a fundamentar a discussão em torno da presença do Mamulengo no ambiente virtual.

Nesse sentido, a produção intelectual sobre o Mamulengo pernambucano de pesquisadores/as como Hermilo Borba Filho, Fernando Augusto dos Santos, Adriana Schneider Alcure e Izabela Brochado, e do mesmo modo, as reflexões advindas da pesquisa *Mudança e Permanência no Mamulengo Contemporâneo*, coordenada pelo professor Dr. André Carrico, e desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas – PPGArC – UFRN, foram de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho.

O desejo de me debruçar sobre as relações do teatro de bonecos popular pernambucano com o ambiente virtual surgiu a partir da pandemia da Covid-19, em 2020.⁵ Se antes da pandemia os/as artistas das artes cênicas conviviais tinham o convívio como a base das relações de produção e consumo, durante esse período fomos forçados a migrar de maneira abrupta para o tecnovívio, visto que nesse período a natureza convivial e o caráter aglomerativo inerente aos teatros, cinemas, shows musicais, brincadeiras de terreiro, entre

⁵ Maior crise sanitária global desde 1918, a pandemia da Covid-19, nome da doença causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, eclodiu em Wuhan, na China, ainda em dezembro de 2019, espalhando-se pela Ásia, Europa, África, em seguida chegando às Américas e à Oceania. Na época, sem medicamentos capazes de neutralizar os efeitos nocivos do vírus ao corpo humano, a Organização Mundial da Saúde – OMS recomendou medidas de distanciamento social, incluindo quarentenas que levaram ao fechamento de espaços físicos de atividades comerciais e de lazer em praticamente todas as cidades do mundo. Até o momento atual, foram 23 meses de pandemia, em todo o mundo oficialmente foram contabilizadas mais de 417.730.572 pessoas infectadas, e cerca de 5.850.628 de vidas perdidas para a Covid-19, sendo que dessas, 643.029 eram vidas brasileiras. Os números são do portal: <https://www.bing.com/search?q=covid+19&qs=n&form=QBRE&sp=-1&ghc=2&pq=covid&sc=8-5&sk=&cvid=54CBD20C303B4F8B9C6DB24454D28365>. Acesso em: 20 fev. 2021.

outros eventos de grande público, contribuíram para a disseminação do coronavírus, representando um risco à vida.

Ocorre que para o/a brincante de Mamulengo o encontro presencial com o outro é elemento vital na realização da brincadeira, logo a utilização das tecnologias de interação social a distância para fins de trabalho e conquista de rentabilidade, mostrou-se um desafio no ofício do/da mamulengueiro/a em tempos pandêmicos. No entanto, vale salientar que antes da pandemia as limitações relativas às tecnologias já eram sentidas, pois boa parte desses artistas encontrava-se, até então, à margem de um acesso pleno aos bens tecnológicos de comunicação por internet (computadores, smartphones, microfones, câmeras filmadoras etc.), que lhes possibilitasse produzir com qualidade técnica em termos de som e imagem. Nesse sentido, a pandemia avolumou um problema já existente.

Assim, a pandemia chega impondo uma dinâmica de trabalho totalmente virtual, fazendo com que esses trabalhadores da cultura sejam pressionados a compreender minimamente e num curto espaço de tempo aspectos da funcionalidade, navegabilidade e aplicabilidade das redes sociais ao Mamulengo, para quem sabe desse modo ter alguma possibilidade de obter renda e sobreviver diante de uma crise sanitária e econômica.

No caminho trilhado durante esta pesquisa, uma parte de mim era desejo em contribuir com os estudos sobre Mamulengo, mas a outra era um misto de ansiedade por ver brincantes à deriva, em meio aos desafios tecnológicos impostos pela pandemia, com enorme desespero diante da possibilidade de ter que lidar com as mortes físicas e simbólicas que a crise pandêmica, agravada pela necropolítica do governo Jair Messias Bolsonaro (2019-2022), ameaçavam trazer e trouxera.⁶

Diante dessa nova conjuntura pandêmica e das problemáticas enfrentadas pelo Mamulengo, em razão da transição abrupta do convívio para o tecnovívio, a presente pesquisa tem por objetivo aproximar-se dos/das brincantes, para ouvir suas questões, no que diz respeito às relações tecnoviviais, e, assim, propor uma ação formativa sobre as aplicabilidades das redes sociais ao Mamulengo, no intuito de diminuir as distâncias entre os brincantes e o universo digital.

Nesse sentido, num primeiro movimento de contato remoto com a comunidade mamulengueira pernambucana, em um contexto de distanciamento social, quarentena

⁶ Necropolítica aqui é entendida na perspectiva do filósofo e teórico político camaronês Joseph-Achille Mbembe (2003), que utiliza o termo para refletir sobre a soberania e o seu poder de decidir quem pode viver e quem deve morrer.

Para mais informações ver: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/achile_mbembe_-_necropol%C3%ADtica.pdf.

Acesso em: 10 dez. 2021.

rigorosa e com limitações de tempo e orçamento para a pesquisa, foi possível alcançar mais de 20 profissionais, residentes em três das quatro mesorregiões de Pernambuco (Zona da Mata Norte, Agreste e Metropolitana), mestres/mestras, folgazões, bonequeiros/as e produtores, sendo eles: Vitorino de Igarassu, Tonho de Pombos, Célia Regina, Jurubeba, Miro dos Bonecos, Marinês Bonequeira, Neide Lopes, Wagner Porto, Bel, Bila, Titinha, Genilda Félix, Jaci Félix, Almir do Mamulengo, Cida Lopes, Adriano Show, Léo do Boneco, Peu, Pablo Dantas, Larissa Lopes, Felipe Santos, Mariana Acioli e Maurício Bonequeiro.

O trabalho de campo, realizado todo de modo virtual, se deu por meio do projeto cultural *Mamulengo em Tecnóvivo*⁷, sendo desenvolvido em duas etapas: a primeira com recurso da chamada pública *Cultura em Rede SESC PE*, promovida pelo Serviço Social do Comércio de Pernambuco – SESC PE. E a segunda, com recurso advindo da União por meio da lei emergencial de auxílio à cultura, Lei Aldir Blanc – LAB⁸, repassados à classe artística mediante editais elaborados pela Secretaria de Cultura de Pernambuco, a SECULT PE, e pela Fundação do Patrimônio Artístico e Histórico de Pernambuco, a FUNDARPE. A primeira etapa ocorreu entre agosto e outubro de 2020, nela foi possível aplicar um questionário, que por sua vez possibilitou realizar um mapeamento quantitativo do perfil profissional e socioeconômico dos brincantes já mencionados. Foram entrevistados seis artistas ao longo de quatro episódios do *podcast Fala Mamulengo*, sendo eles: Vitorino de Igarassu, Tonho de Pombos (Mamulengo Risada), Miro dos Bonecos (Mamulengo Novo Milênio), Neide Lopes, Cida Lopes e Larissa Lopes (Mamulengo Teatro Riso e Mamulengando Alegria).

Os desafios a serem vencidos em relação à inclusão digital, apontados pelos/as mamulengueiros/as durante a primeira etapa, inspiraram a proposição de uma segunda etapa do projeto, na qual pude oferecer atividades formativas profissionalizantes no âmbito das redes sociais. Assim, em fevereiro de 2021, foram realizados o bate-papo *Caminhos para a inclusão digital* e o curso *Conectando Brincantes*.

No início dessa trajetória, durante os primeiros meses de confinamento pandêmico, quando o objetivo era tão-somente compreender as questões relacionadas ao acesso e manejo

⁷ *Mamulengo em Tecnóvivo* é o título desta dissertação, assim como o título do projeto cultural financiado por editais de incentivo à cultura, por meio do qual se deram as ações analisadas nesta pesquisa, e onde além de pesquisador atuei como produtor cultural.

⁸ De autoria da deputada federal Benedita da Silva (PT-RJ), e com relatoria da deputada federal Jandira Feghali (PCdoB-RJ), a lei que homenageia o compositor Aldir Blanc, vitimado pela Covid-19 em 04/05/2020, foi construída a partir de uma ampla articulação nacional envolvendo outros parlamentares, lideranças políticas, artistas e demais trabalhadores/as do setor cultural, visando o repasse de 3 bilhões de reais em forma de auxílio para artistas, técnicos e equipamentos culturais impactados pela pandemia. Para mais informações, consultar: http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/View_Identificacao/lei%2014.017-2020?OpenDocument. Acesso em: 16 maio 2022.

dos/as mamulengueiros/as com relação às redes sociais, pouco a pouco, passei a defrontar-me com relatos de alguns brincantes sobre as suas dificuldades em lidar com atividades corriqueiras do trabalho com redes sociais, tais como: realizar uma transmissão ao vivo, participar de salas de reuniões on-line, entre outras. Era perceptível, que em maior ou menor grau, para esses artistas não estava sendo fácil manter uma rotina de interação com o público e conquista de rentabilidade financeira por meio da internet. Nesse momento, passei a me questionar se apenas compreender as dificuldades e necessidades dos brincantes daria conta do problema.

Diante dessa realidade, embora tivesse o entendimento de que uma pesquisa de mestrado não possui um caráter salvacionista, não me sentia à vontade como pesquisador em simplesmente relatar, tecer reflexões e por fim apresentar uma dissertação, ignorando que após minha formação e obtenção do título de mestre, as dificuldades dos brincantes no tocante à inclusão digital muito provavelmente continuariam lá. Esse momento de crise ensejava uma ação capaz de contribuir no enfrentamento das dificuldades dos brincantes em relação à inclusão digital, permitindo a conquista de autonomia no trato com as redes sociais, e com isso novas possibilidades de existência e alcance do público por meio da internet, sobretudo em tempos pandêmicos.

O desafio abraçado nesta pesquisa requereria uma metodologia que desse conta de interagir com a realidade. Assim, a partir da transição do mapeamento para proposição de ações de enfrentamento do problema, a pesquisa-ação foi se estabelecendo como uma metodologia de trabalho, fazendo desta pesquisa um estudo artístico-cultural de natureza qualitativa ancorado nos pressupostos da pesquisa-ação (THIOLLENT, 1986). Metodologia que valoriza uma abordagem cogenerativa na produção de conhecimento, isto é, um fazer no qual participantes e pesquisador(es) cogeram o conhecimento por meio de um processo de comunicação colaborativa (CHIZZOTTI, 2014), utilizando como principal técnica para coleta de dados o método do grupo focal. Desse modo, foi trilhando esse caminho que cheguei até aqui.

Pois bem, no primeiro capítulo buscarei localizar o Mamulengo pernambucano no contexto do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, descrevendo os elementos que o compõem, ao passo que proponho reflexões em torno das formas de convívio que se dão a partir do brinquedo, estendendo o pensamento até o conceito de tecnovívio (DUBATTI, 2016).

O segundo capítulo inicia com uma extensão das reflexões sobre Mamulengo e tecnologia, na perspectiva da inclusão digital, para em seguida se dividir em dois subtópicos,

onde passo a discorrer sobre as ações desta pesquisa-ação, trazendo informações quantitativas e qualitativas advindas da aplicação de questionários e das entrevistas realizadas com os/as mamulengueiros/as, bem como discorrendo sobre as práticas formativas no campo da inclusão digital ofertadas aos artistas e suas reverberações. Em seguida, apresento as considerações finais a respeito desse primeiro estágio da pesquisa: o mestrado.

Antes de aprofundar as questões que trago nesta apresentação, ainda em ritmo de introdução, quero partilhar com o/a leitor/a os caminhos que me me levaram até o Mamulengo, e, por sua vez, me trouxeram até a posição de pesquisador, permitindo que agora estejamos aqui, em pleno diálogo.

♪ *MATEU, NEGO VÉIO QUE VEIO VER, CAIU NA RODA PRO POVO VER* ♪⁹

Há muitas coisas que me alegram o coração, uma delas é assistir a uma brincadeira de Mamulengo. Diante de uma barraca esqueço que os bonecos são objetos de pano e madeira, e passo a me relacionar com eles como se estivesse diante de velhos conhecidos. A cada vez que revejo Catirina e Caroca com seus quiprocós conjugais, ou quando reencontro Janeiro com sua ranzinze meiga, complicando as coisas mais simples do dia a dia e com isso arrancando risos, me sinto diante do espetáculo da vida.

Para além de apreciar o Mamulengo, estar na condição de pesquisador dentro do universo da cultura popular, me dá a possibilidade de atuar como mediador entre dois titãs em ato e potência: a academia e o Mamulengo. Para fins de distinção, ao escrever mamulengo com “m”, refiro-me estritamente ao boneco, já ao escrever Mamulengo com “M”, busco imprimir um sentido mais amplo, abrangendo tanto o boneco quanto seus fazedores/as e todo o conjunto de saberes contido da fisionomia ao espírito do brinquedo, que fazem do Mamulengo um fenômeno artístico-cultural.

Esse sentimento de pertencimento e paixão que sustenta minha relação com o Mamulengo, me fazendo apreciar, refletir e dissertar, é o modo que tenho encontrado de manter um portal vivo com a minha ancestralidade pernambucana e interiorana. Sendo assim, vamos aos caminhos que me trouxeram até essa conversa entre gente e boneco.

⁹ A repetição aqui é intencional, em alusão à repetição que se dá quando o verso é cantado durante as transições de passagens (cenas) nas brincadeiras de Mamulengo.

Alex



♪ *Mateu, nego véio que veio ver
Caiu na roda pro povo ver!*

*Mateu, nego véio que veio ver
Caiu na roda pro povo ver!*

*Mateu, nego véio que veio ver
Caiu na roda pro povo ver!*¹⁰♪

Filho de família cristã, com forte controle moral de cunho protestante, da infância à adolescência, minha educação se deu sob um conjunto de crenças limitantes que me impossibilitaram de vivenciar ritos sociais que não fossem de natureza evangélica, o que excluía, dentre tantas coisas, as manifestações da cultura de tradição popular.

Em 2011, aos 16 anos, ainda morando em Garanhuns – PE, minha cidade natal, ingressei de maneira despreziosa num curso livre de iniciação teatral, experiência que me arrebatou, despertando o desejo de sair do interior para dar continuidade aos estudos teatrais. Assim, parto em 2012 rumo a Maceió – AL para cursar Licenciatura em Teatro na Universidade Federal de Alagoas – UFAL.

Alex



♪ *Meu avião embarcou pra
Maceió ai, ai...
Meu avião embarcou pra
Maceió ai, ai...*

*Foi pra tão longe aqui não
voltou mais.*

*Lá deixei pai,
Minha mãe que me criou,
Deixei meus irmãozinho
Abandonei o meu amor.*¹¹♪

¹⁰ Refrão de uma música tradicional das brincadeiras de Mamulengo na Zona da Mata pernambucana.

¹¹ Música tradicional das brincadeiras de Mamulengo na Zona da Mata pernambucana.

Como um pernambucano em terras alagoanas, apenas com a experiência de um curso de iniciação teatral, e sem vivências nas manifestações da cultura de tradição popular do meu Estado, me vi cercado de curiosos que se dirigiam a mim como se estivessem diante da pessoa que poderia lhes ensinar passos de Frevo, Xaxado, Maracatu, dentre outros ritmos populares. Tantas projeções e expectativas para uma “performatividade pernambucana” despertaram-me para algo que até então não havia racionalizado: a identidade multicultural do meu Estado.

Entendo que tais projeções, a depender de como são lançadas para o outro, podem ser enxergadas como agressivas, visto que não há uma cartilha de gostos, habilidades e hábitos a serem seguidos para ser considerado/a um pernambucano/a e tampouco um/a brasileiro/a. No entanto, como um jovem estudante de artes cênicas apaixonado pela poesia da vida, pelo lúdico e pelo colorido, passei a me ater às manifestações culturais pernambucanas e alagoanas com um olhar mais atento e com um corpo cada vez mais presente na condição de espectador. Assim, posso afirmar que foi em Alagoas que comecei a me entender como pernambucano.

Minha relação com o teatro de bonecos começou em 2012, no instante em que pus meus pés na UFAL. Na época, a universidade dispunha do programa de assistência estudantil *Vivência de Arte*, voltado para a produção e fruição artística entre os estudantes, ao qual propus, juntamente com outros colegas de curso, o projeto *Teatro de Bonecos: uma vivência Armorial* (2012-2015). O intuito do projeto era iniciar uma investigação prática e teórica sobre o teatro de bonecos popular e o Movimento Armorial¹², difundindo esses conhecimentos para a comunidade acadêmica ao longo de vivências artístico-pedagógicas.

Iniciei o projeto sem nenhum conhecimento prévio a respeito do teatro de bonecos, contudo a disponibilidade de aprender e o tempo colocaram em meu caminho artistas-professores com os quais aprendi a manipular, construir bonecos de diferentes técnicas, e a repassar esses conhecimentos.

Ao fim dessa experiência, após refletir sobre as relações entre industrialização, aparelhos de comunicação e suas implicações no curso das tradições populares alagoanas e pernambucanas, por meio de um experimento cênico de minha autoria, defendi a monografia

¹² Armorial, que significa: “conjunto de brasões e bandeiras de um povo”, foi um movimento artístico-cultural liderado por Ariano Suassuna (1927-2014), que se consolidou durante a década de 1970, em Pernambuco, tendo por objetivo congregar artistas de diversas linguagens, que já possuíam um fazer estético ancorado nos elementos das culturas de tradição popular brasileira, a se articularem em prol da consolidação de uma arte erudita brasileira em sintonia com os valores estéticos das culturas de tradições populares, ver: SANTOS, Idelette Muzart Fonseca dos. *Em demanda da poética popular: Ariano Suassuna e o Movimento Armorial*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.

intitulada *Entre pássaros e motores: em busca de um teatro de bonecos Armorial*, retornando a Pernambuco como licenciado em Artes Cênicas com mais sede de Mamulengo.

Fotografia 1 – Experimento cênico: Solos Armoriais



Autora da fotografia: Amanda Souza (2015). Maceió – AL, Teatro de Arena Sérgio Cardoso. Em cena, o ator Alex Apolonio manipulando o Boi.

No palco do Teatro Santa Isabel (Recife – PE), no dia 19 de julho de 2016, ao receber como dramaturgo o Prêmio Ariano Suassuna de Cultura Popular e Dramaturgia pela peça *Severino Brincante* (escrita para teatro de formas animadas), conheci mestre Zé Lopes, mamulengueiro prestigiado da Zona da Mata Norte pernambucana, e uma de suas filhas, a

Cida Lopes (Zé Lopes, na ocasião, também estava recebendo o mesmo prêmio, porém na categoria Mestre dos Saberes Populares). Esse encontro modificou minha relação com o teatro de bonecos, sendo também determinante tanto para meu ingresso no PPGArC, quanto na minha mudança para Glória do Goitá – PE,¹³ já durante a pandemia. Todo esse percurso, repleto de encontros e trocas, reverberou na escrita desta dissertação.



Caroca

Rapaz, Zé Lopi foi meu mestre.



Alex

E eu não sei, Caroquinha!



Caroca

E foi ele quem mandou tu escrever essa tal dissertação, foi?



Alex

Oxe?! De onde tu tirou, isso Caroquinha?



Caroca

Tu mermo que botou as letras aí dizendo: “influenciando diretamente na escrita desta dissertação”.



Alex

Não, Caroquinha, deixe eu ir desenvolvendo aqui, que você vai entender, tenha calma!

¹³ Glória do Goitá – PE é um município com cerca de 30 mil habitantes, localizado na Zona da Mata pernambucana, a aproximadamente 60 km da capital, Recife. Terra de importantes nomes do Mamulengo como Zé Lopes e Zé de Vina (*in memoriam*), além de toda uma nova geração de brincantes da qual tratarei mais adiante. Mudei de Recife para Glória do Goitá, no início de 2021, ainda durante a pandemia, no intuito de viabilizar meu trabalho como pesquisador.



Caroca

Eu tô calmo!!! E quem disse que eu tô nervoso?! Agora tu, ao invés de ir direto ao assunto, gasta dez quilo de papel pra explicar essa tal de dissertação. [Pausa curta] Oh Alex!



Alex

Oi.



Caroca

Eu tenho um versinho aqui, que eu tô doido pra dizer.



Alex

Rapaz, eu já ia retomar aqui, tá vendo? Depois você reclama que tem muita folha, que tá comprido, diga logo, vá!



Caroca

É sobre Zezinho do Mamulengo, rapaz, deixe de ser besta! Você ainda vai falar uma tonelada de papel e não posso dizer sete sílabas poéticas? Escute!

Zezinho do Mamulengo
Filho de Glória do Goitá.
Com dez anos de idade
Começou a brincar.

Zé de Vina o ensinou,
E o povo lhe consagrou
Mestre da cultura popular.

Em sessenta anos de Mamulengo
Brincou nos quatro cantos do Brasil.
Foi a terras além-mar,
E na Europa se apresentou pra mais de mil.
Só faltou combustível e chapa de aço
Pra Zé fazer foguete e botar boneco inté no espaço
Mamulengueiro assim nunca existiu!



Alex

Eita, que ele tá inspirado. Assino embaixo tudo que tu tá dizendo, Caroquinha.



Caroca

Peraí que tem o derradeiro verso, que é pra fechar bonito na métrica e na rima! Veja só:

A morte pode inté ser forte
 Só não é mais que a vida.
 Zé deixou filhos de carne, osso e mulungu
 Que seguem seus passos na lida.
 Assim ele continua presente,
 Fazendo alegria da gente
 E a cada brincadeira adiando a despedida.

Pouco mais de quatro anos após aquele encontro no Teatro Santa Isabel, em 21 de agosto de 2020, Zé Lopes viria a falecer.

José Lopes da Silva Filho, nascido em 1950, na cidade de Glória do Goitá – PE, como Caroquinha já explicou, começou a botar boneco por volta dos dez anos de idade, tendo influência de vários mestres, dentre eles Zé de Vina.¹⁴ Menino pobre do interior, cresceu sem a figura do pai, sendo criado pela mãe, uma mulher guerreira, que assim como muitas mulheres brasileiras, sobretudo aquelas que são mães, enfrentou uma dupla jornada de trabalho para sustentar a família. Zé Lopes passou por inúmeras dificuldades dentro e fora do universo brincante para se firmar como artista profissional.

Sua natureza inventiva lhe permitiu introduzir modificações na estrutura tradicional do Mamulengo que eram motivo de contestação para uns e de admiração para outros. Excelente ator, exímio escultor, além de possuir disponibilidade e amor pelo canto e pelos instrumentos musicais. É na soma dessas qualidades que compreendo a potência artística que foi o mestre Zé Lopes.

¹⁴ José Severino dos Santos (1940-2021), também conhecido como Zé do Rojão, foi um importante Mamulengueiro, fundador do grupo Mamulengo Riso do Povo. Influenciou a formação do mestre Zé Lopes, assim como de outros brincantes da região. Para assistir o mestre Zé de Vina, e conhecer um pouco da sua trajetória vendo-o brincar, basta acessar o QR-Code ao lado ou clicar neste link: <https://www.youtube.com/watch?v=VnHq-rIGh4E>. Acesso em: 19 jun. 2021. Sempre que o QR-Code aparecer ao lado de uma nota de rodapé, você, leitor/a, poderá ter acesso a trechos de espetáculos e depoimentos dos brincantes.



Mas não era só a virtuosidade que lhe conferia o título de mestre: ensinar era para Zé Lopes como respirar, não houve uma vez que estivesse em sua companhia que ele não compartilhasse comigo e com quem estivesse à sua volta histórias do Mamulengo, batidas de zabumba, acordes de sanfona ou talhes no mulungu.¹⁵ Quando estava criando, estava também ensinando e vice-versa. Ao seu lado, aprendia-se *brincando*. Seu Zezinho, como todos o chamavam na intimidade, tinha mãos curiosas de um inventor e olhos inquietos de uma criança descobrindo o mundo. Zé Lopes dava o sentido exato à palavra mestre.

Fotografia 2 – Encontro com mestre Zé Lopes



Autora da fotografia: Marinês Teresa da Silva – Neide Lopes (2019). Garanhuns – PE, 29ª edição do Festival de Inverno de Garanhuns – FIG, da esquerda para a direita: o boneco Zé do Bode, mestre Zé Lopes e Alex Apolonio.

Tamanha dedicação e excelência lhe conferiu em vida, por meio do governo do Estado de Pernambuco, o título de Patrimônio Vivo pernambucano. Alcinha da qual orgulhava-se a ponto de onde quer que chegasse, fazer questão de se apresentar como “Patrimônio Vivo”. No

¹⁵ Madeira que é usada para esculpir os mamulengos, originária da árvore cujo nome científico é *Erythrina Mulungu*.

final de 2020, já após sua morte, Zé passa a ser reconhecido como Patrono dos Mamulengos de Pernambuco, uma homenagem da Assembleia Legislativa do Estado.¹⁶ Faço questão de ressaltar brevemente a trajetória e as honrarias concedidas a Zé Lopes, primeiro porque devo a ele parte da minha visão crítica sobre o lugar do Mamulengo no campo artístico, político, pedagógico e econômico. Segundo, porque não é somente sobre Zé Lopes que estou discorrendo, trata-se de algo maior, é sobre um homem negro, interiorano, vindo de uma classe social economicamente desfavorecida, que pela força do seu trabalho recebeu as mais altas honrarias que um mamulengueiro pode ganhar. Zé inspirou seus filhos/filhas de sangue e de brincadeira a acreditar que existe um lugar de valorização do Mamulengo na sociedade. Um homem que por ser um inventor, um visionário, sempre recebeu de braços abertos a pesquisa, fazendo este pesquisador que vos escreve acreditar no próprio trabalho.¹⁷

Tendo partilhado um pouco do caminhar que me fez chegar até o universo do Mamulengo, no próximo capítulo passarei a adentrar nos conceitos que orientam a discussão posta neste trabalho.



Caroca
 Qué isso, esse menino?



Alex
 O quê, Caroca?



Caroca
 Essa história de falar complicando de novo, [imitando-o] – *adentrar nos conceitos*. Eu nunca vi tanta volta pra dizer as coisas; olhe, assim dá certo não! Fale a língua do povo, rapaz. Bote um verso aí, já que essa parte começou com verso, é com verso que ela vai findar!

¹⁶ Lei Ordinária nº 1449/2020, adota José Lopes da Silva Filho – Mestre Zé Lopes – como Patrono dos Mamulengos de Pernambuco. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=Lei+ordinaria+Patrono+do+Teatro+de+Bonecos+Pernambucano&cvid=2d0e89bf147d4f299e760189154902e1&aqs=edge..69i57.19905j0j1&pglt=2339&FORM=ANNTA1&PC=ACTS>. Acesso em: 20 jun. 2021.

¹⁷ Para saber mais sobre a vida e a obra do mestre Zé Lopes, veja o vídeo disponível no QR-Code ao lado. Acesso em: 28 jun. 2021.



**Alex**

Agora que já estou apresentado
E o leitor conhece minha trajetória
Vamos seguir adiante
Aprofundando essa oratória
Relembrando o passado
Refletindo sobre nossa história.

**Caroca**

Vamo simbora, Alex! Que eu quero terminar logo
essa leitura pra mode ir pra casa cedo, que minha
Nega Véia tá me esperando, pra nós fazer outra
barrigada de 116 menino!

1 DA BRINCADEIRA EM CHÃO DE TERRA BATIDA AOS TERREIROS DIGITAIS



Alex
 Improvisa para brincar
 Esse Mamulengo presepeiro,¹⁸
 Que faz do mundo
 Uma brincadeira de terreiro.



Caroca
 Brinca para improvisar
 Esse Mamulengo nordestino,
 Que sabendo fazer de conta
 Desmancha e refaz o próprio destino.

Brinca para improvisar
 Esse Mamulengo do riso
 Enganando a morte e esticando a vida
 Retribui dor com sorriso.



Alex
 Improvisa para brincar
 Esse Mamulengo do povo,
 Brincando renova as energias
 Porque amanhã há de ser tudo novo de novo.

Mamulengo é o nome dado ao teatro de bonecos popular praticado em Pernambuco, Estado situado na região Nordeste do Brasil. Entendo por Mamulengo pernambucano o teatro de bonecos de matriz popular e tradicional, no conjunto de suas expressões: bonecos e suas materialidades, formas de manipulação, passagens/cenas, sonoridade (músicas, loas, instrumentos e pisadas), dialeto, e sobretudo a dimensão do brincar, indispensável a esse fazer artístico.

Esse teatro se reúne a outras formas de bonecos populares praticadas em estados vizinhos, que em razão de algumas variantes na sua estrutura dramática recebem diferentes nomes, de acordo com cada estado da região, sendo: **Babau** na Paraíba – PB, **João Redondo** no Rio Grande do Norte – RN, **Cassimiro Coco** no Maranhão – MA e Piauí – PI, **Calunga** no Ceará – CE, e **Mamulengo** em Pernambuco – PE, Alagoas – AL, Sergipe – SE e Bahia – BA.

¹⁸ Presepeiro, expressão local para se referir a uma pessoa brincalhona, que faz coisas engraçadas.

Juntas, essas variantes se inserem dentro de um universo maior chamado Teatro de Bonecos Popular do Nordeste – TBPN.¹⁹

Vale salientar que essa relação nomenclatura/estado não é tão rígida como a princípio possa parecer, pois no momento de o/a artista definir a si e ao seu seu brinquedo, variantes como: as relações fronteiriças entre esses estados (no caso de artistas que residem nas fronteiras), fluxos migratórios (quando um artista sai de sua região, mas continua utilizando a nomenclatura de origem), ou simplesmente o livre-arbítrio do/da brincante podem influenciar na escolha da nomenclatura que melhor lhe representa.

É sempre bom ter em mente que dentro desse universo existe uma variação de sotaques tão diversa quanto os povos que habitam essa região do país. Compreender e respeitar essa diversidade é importante para o reconhecimento e valorização do TBPN, que, aliás, extrapola a região Nordeste, haja vista que o Distrito Federal – DF (região Centro-Oeste) e o Estado de São Paulo – SP (região Sudeste) são alguns lugares onde, para além da região Nordeste, também existem práticas de Mamulengo.

Por considerar a diversidade do TBPN e dado o recorte sociocultural e geográfico para os processos de inclusão digital dos/das brincantes pernambucanos/as, neste trabalho, ao abordar o Mamulengo, estarei me referindo estritamente às práticas artísticas referentes ao teatro de bonecos popular feito em Pernambuco, concomitantes ao período pandêmico, utilizando um referencial teórico que dialoga com o contexto da brincadeira pernambucana, o que não quer dizer que tratarei de um tipo específico de teatro de bonecos, pois há muitos Mamulengos dentro do Mamulengo pernambucano.²⁰

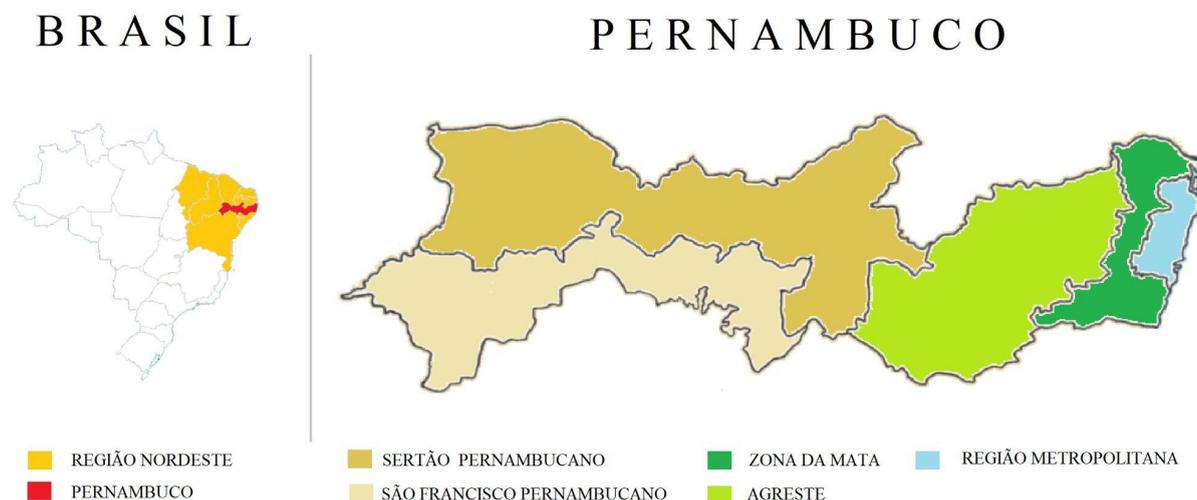
Desde os tempos coloniais, em termos políticos e econômicos, Pernambuco tem prestado relevantes contribuições ao crescimento da região Nordeste do Brasil. Sua diversidade cultural, principalmente em termos de manifestações artísticas de tradição popular, é uma das maiores riquezas do Estado. Atualmente, Pernambuco está organizado em

¹⁹ Em 2015, o Teatro de Bonecos Popular do Nordeste foi reconhecido pelo Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional – IPHAN como patrimônio cultural do Brasil. Informação disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2015-03/iphan-reconhece-teatro-de-bonecos-do-nordeste-como-patrimonio-cultural-do#:~:text=O%20Instituto%20do%20Patrim%C3%B4nio%20Hist%C3%B3rico%20e%20Art%C3%ADstico%20Nacional,institucional%2C%20o%20que%20garante%20salvaguarda%20desse%20bem%20cultural>. Acesso em: 18 jul. 2021.

²⁰ No Apêndice A, existe uma relação de grupos e brincantes de Mamulengo atuantes em Pernambuco contemporâneos a esta pesquisa.

184 municípios, numa população estimada em mais de nove milhões de habitantes,²¹ sendo geograficamente dividido em cinco mesorregiões:

Figura 1 – Mapa do Estado de Pernambuco²²



A Zona da Mata é a mesorregião que dispõe da maior concentração de mamulengueiros/as no Estado. Economicamente, se destaca tanto pela produção da cana-de-açúcar e seus derivados (açúcar, aguardente, álcool e etanol), quanto pela agricultura e pecuária, além de abrigar desde indústrias nacionais de pequeno porte até gigantes multinacionais. Atualmente, cidades como Carpina e sobretudo Glória do Goitá, se destacam pelo trabalho incessante de mamulengueiros/as que lutam pela valorização do patrimônio. Glória do Goitá, desde de 2003, abriga o segundo Museu do Mamulengo do Estado,²³

²¹ Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pe.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

²² Elaborado a partir da https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_mesorregi%C3%B5es_e_microrregi%C3%B5es_de_Pernambuco#Mesorregi%C3%B5es_de_Pernambuco. Acesso em: 01 ago. 2021.

²³ O Museu do Mamulengo de Glória do Goitá, antes denominado Centro de Revitalização do Mamulengo, é um espaço que teve sua história iniciada em 2003, por iniciativa do mestre Zé Lopes, do já citado Fernando Augusto e da então prefeita Fernanda Paes. Desde então, o museu é a casa da Associação Cultural dos Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá – ACMAGG, da qual fazem parte alguns dos mais relevantes mestres/a da cidade como mestre Bel, mestre Bila, e mestra Titinha. Já o primeiro Museu do Mamulengo fica em Olinda e foi fundado em 1994, por iniciativa do bonequeiro e pesquisador Fernando Augusto. O espaço conta com um acervo de aproximadamente 1200 bonecos, sendo o primeiro do país a dedicar-se exclusivamente ao Mamulengo.

conquistando em 2013 o título de capital estadual do Mamulengo.²⁴

Num estado tão diverso em suas manifestações artístico-culturais, bem como em sua geografia e economia, é importante ter em mente que os sistemas de produção açucareira, agropecuária e a pecuária, bem como toda a organização social em torno dessas atividades, moldaram nos últimos 500 anos a sociedade pernambucana como conhecemos hoje. O Mamulengo, por ser um teatro que retrata o cotidiano do povo, reflete num plano estético e político as conquistas, violações e belezas dessa organização (BROCHADO, 2005).

Não buscarei me ater sobre às possíveis origens do Mamulengo, por se tratar de um um campo bastante complexo, ainda pouco compreendido do ponto de vista acadêmico e por vezes contraditório, cuja abordagem demandaria uma interdisciplinaridade que extrapola o escopo desta pesquisa. Borba Filho (1969), Santos (1979), Alcure (2001) e Brochado (2005), são unânimes quanto à imprecisão da origem do Mamulengo, apontando a escassez de registros, sobretudo anteriores a última década do século XIX, como principal razão na difícil tarefa de tentar situar a origem do Mamulengo no tempo. No entanto, tais pesquisadores/as trabalham com a hipótese de que o Mamulengo está presente entre nós, desde o período colonial brasileiro, sendo, portanto, uma manifestação secular.



Caroca

Alex, mo fi,²⁵ por que tu não conta a história da fazenda?



Alex

Aquela que Zé Lopes vivia contando?



Caroca

Ela merma.

²⁴ Lei Ordinária n° 15 098/2013. Disponível em: <https://www.alepe.pe.gov.br/proposicao-texto-completo/?docid=1EC5F9EDCDE42FC903257BBA004BE87C&tipoprop=>. Acesso em: 19 jun. 2021.

²⁵ Mo fi, expressão local utilizada como vocativo, trata-se de uma abreviação de *meu filho*.



Alex
Conta tu.



Caroca
Minha gente, pra gente que somo boneco e pros mamulengueiro, não tem esse mistério todo, não! A origem do Mamulengo tá nas fazendas! Zé Lopi dizia... [*A parte*] E isso, ele já aprendeu com os mestres dele, sabedoria que vem de um tempo muito antigo... que o Mamulengo é escritinho uma fazenda. Na fazenda de antigamente não tinha o coronel?



Alex
Tinha!



Caroca
Mané Pacaru! E não tinha trabalhador na roça?



Alex
Tinha! E ainda hoje tem!



Caroca
Pois pronto! Eu, Caroca, e a minha Nega Véia, Catirina! Ói,²⁶ e assim mais uma ruma de gente. Dizem que antigamente tinha pra mais de 120 boneco no Mamulengo, mas eu não vou dizer o nome de tudim não, se não, nois não sai daqui hoje. Ói, com o tempo os mamulengueiros foram pegando essas figura tudo, e botando no brinquedo, e pra mode quê? Pra mode o povo se divertir. Vamo simbora!

²⁶ Ói, expressão local para se referir à palavra: olhe, no sentido de preste atenção.

Sendo um brinquedo secular, quer seja na zona rural ou na cidade, o Mamulengo possui uma essência que o teatrista pernambucano Fernando Augusto dos Santos descreve com as seguintes palavras:

O mamulengo é um fenômeno vivo, dinâmico, em constante processo de mutação, de transformação. Sendo de natureza dramática possui possibilidades consideravelmente mais amplas de incorporar os fatos culturais do cotidiano [...] através do seu processo de representação centrado na teatralização do mundo que o cerca, levando à cena os brinquedos, as contradições, costumes e tradições da comunidade onde subsiste (SANTOS, 1979, p. 34).

Santos (1979) apreende bem a essência dinâmica do Mamulengo, contudo o dinamismo do Mamulengo torna o ato de descrever o brinquedo uma constante zona de impermanência, pois implica considerar de que tempo histórico estamos tratando, qual brincadeira/brincante está em observação, ou ainda se um/a mesmo/a mamulengueiro/a altera a estrutura de seu brinquedo a depender da época/contexto em que está inserido/a. Desse modo, o dinamismo do Mamulengo é tamanho que não se deixa engessar em definições, quando pensamos que sabemos “tudo” sobre ele, podemos ser surpreendidos com algo novo. Ainda assim, buscarei apresentar algumas características da estrutura física e dramática do Mamulengo, como tem sido brincado atualmente em Pernambuco.

A começar pela barraca, elemento emblemático dentro do Mamulengo, ela representa o espaço cênico de onde os bonecos são vistos, ao mesmo tempo que demarca um lugar físico e simbólico de acontecimento teatral, orienta a posição dos demais brincantes que estão fora dela, incluindo o público. Apenas para fins de análise, farei uma separação entre o interior e o exterior da barraca, também conhecida como tolda, tenda ou empanada.

Na brincadeira pernambucana, sobretudo na Zona da Mata, dentro da barraca, revestida em tecido, sendo o mais comum a chita²⁷, há duas pessoas que dão vida aos bonecos, a primeira a qual chamamos de mestra mamulengueira, e a outra chamada contramestra. A mestra é a pessoa detentora do brinquedo, conhecedora das histórias a serem encenadas e sobretudo aquela que dá vida aos bonecos, geralmente esculpidos em madeira de mulungu.²⁸

²⁷ Tecido de baixo custo, leve, composto por algodão, com estampas em cores vibrantes que representam elementos da fauna da região, sendo também bastante usado em trajes e decorações durante os festejos juninos (festa da colheita), ao longo do mês de junho.

²⁸ Mesmo que a maioria dos bonecos criados pelos/as mamulengueiros/as do Estado sejam esculpidos no mulungu, é possível encontrar artistas que se utilizam do papel machê ou ainda de materiais recicláveis, sendo o mais comum a garrafa de plástico como base para a estrutura de seus bonecos.

Considero um/a mestre/a mamulengueiro aquele/a artista com uma prática contínua, cuja formação se dá pela vivência com outro(s) mestre(s) que lhe permitiram adquirir domínio sobre os elementos de tradição de seu brinquedo, isto é, os bonecos em seus processos de construção e manipulação, o teor dramático das passagens e seus dialetos, o registro vocal das personagens, e a sonoridade do brinquedo – o que compreende as músicas, loas, pisadas, e o conhecimento sobre os instrumentos musicais utilizados na brincadeira. Mas, sobretudo, um/a mestre/a precisa brincar, a brincadeira é dimensão indispensável a esse fazer artístico. E para além dessas habilidades, um/a mestre/a para ser reconhecido como tal, precisa atuar como um agente multiplicador de saberes, tendo o seu fazer validado pela comunidade à qual pertence.

As qualidades listadas acima não têm por objetivo engessar o sentido da palavra mestre/a para o Mamulengo, visto que o próprio brinquedo é dinâmico, então é preciso estar aberto a um entendimento fluido do que é e do que pode vir a ser um/a mestre/a, compreendendo cada artista em seu espaço/tempo. Os parâmetros que estão postos no parágrafo anterior não devem ser encarados como uma verdade absoluta e imutável, no máximo são critérios preestabelecidos por este pesquisador na tentativa de dar fundamento e concretude às reflexões deste trabalho.

É imprescindível para o bom andamento da brincadeira que o/a mestre/a possua versatilidade e projeção vocal, assim como capacidade aguçada de improviso, visto que no Mamulengo não há diálogos, nem marcações previamente ensaiadas, mas sim passagens (cenas) que são organizadas mentalmente em forma de roteiro e encenadas de improviso.

Ao contramestre, cabe auxiliar a/o mestra/e dentro da barraca, zelando pelos bonecos, mantendo a ordem de entrada dos personagens, e, por vezes, manipulando bonecos que não possuem diálogos (longos) dentro da trama. Geralmente, o/a contramestre/a manipula os bonecos quando a passagem requer um número de bonecos maior do que o/a mestre/a pode animar com suas próprias mãos.

Em janeiro de 2020, na festa do padroeiro de Limoeiro – PE, tive o privilégio de entrar na barraca do mestre Zé Lopes para, naquela função, exercer o papel de contramestre. A princípio, minha ida a essa brincadeira tinha por objetivo apreciar e fazer um registro para fins de estudo, mas diante da ausência de Neide e Larissa (respectivamente, esposa e filha do mestre), Zé precisou fazer um novo arranjo, colocando Cida na frente da barraca como Catirina e triangueira, Theo (filho do mestre) como zabumbeiro, e Felipe Santos na rabeça. Na necessidade de um auxiliar dentro da barraca, o mestre pediu que eu entrasse como contramestre. Como ele já havia me visto em cena na rua com os bonecos híbridos, e semanas

antes havíamos manipulado juntos na gravação de um videoclipe, Zé me confiou a missão de naquele momento ser seu contramestre. Foi uma das experiências mais alegres e desafiadoras que tive em todo esse tempo de relação com o Mamulengo e atuação como ator-animador.

Vejamos a fotografia abaixo que retrata a relação de mestra e contramestra no interior da barraca durante uma brincadeira.

Fotografia 3 – Interior da barraca do Mamulengo Teatro Riso durante uma brincadeira



Autor da fotografia: Angelo Azuos (2021). Da esquerda para a direita, a mestra Cida Lopes e a contramestra Neide Lopes, respectivamente, filha e mãe. Em cena o boneco: Dr. Rodoleira Pinta Cega. Nas bordas da imagem, podemos ver os bonecos organizados.²⁹

Ainda existem brincantes que, por vezes, preferem brincar sentados numa tábua fixada na estrutura da barraca, recurso que lhes permite dar pisadas no baú de madeira, que serve para transportar os bonecos, e assim, compor de dentro da barraca com a musicalidade construída pelos tocadores no lado de fora, como costumavam fazer os mestres mais antigos. Contudo, transitar com essas tábuas por vias terrestres e aéreas, torna a logística das apresentações mais complexa e onerosa, por isso é comum ver a maioria dos artistas

²⁹ A brincadeira em questão foi realizada no dia 30/10/2021, no Sítio Palmeira (zona rural de Glória do Goitá) e faz parte das ações do projeto *Cada Mamulengo tem sua cantoria*, idealizado e coordenado por Alex Apolonio, com incentivo do FUNCULTURA – Fundo de Incentivo à Cultura de Pernambuco.

brincando em pé, e as brincadeiras sem a sonoridade das pisadas.

Segundo ouvi de mestres mamulengueiros, atualmente a barraca tem sido feita para ser leve e portátil, porém em outros tempos, os brincantes chegavam ao terreiro e armavam a barraca com varas de madeira colhidas no local, cavando buracos no chão de terra batida e fincavam as toras de madeira para posteriormente revesti-las com tecido, fazendo com que essas estruturas fossem bem mais pesadas se comparadas às atuais.

Do lado de fora, na frente da barraca, em casos em que a brincadeira ocorre com uso do som ao vivo³⁰, temos os/as tocadores/as. A estes cabe a função de dar cadência às loas e cantorias puxadas dentro da barraca pelo/a mestre/a. Dentre os instrumentos mais comuns numa brincadeira de Mamulengo, estão: ganzá/mineiro, triângulo, zabumba, oito-baixos e/ou sanfona e, por vezes, a viola e a rabeça. Além dos/as tocadores/as, há a presença do Mateu ou Catirina, único/a personagem humano/a do Mamulengo, cuja função é estabelecer conexões entre os mamulengos e o público, sendo vital para o desenvolvimento da brincadeira. Vejamos a fotografia abaixo, que retrata os artistas que ficam na parte exterior da barraca durante uma brincadeira de Mamulengo.

Fotografia 4 – Frente da barraca do Mamulengo Riso do Povo durante uma brincadeira



³⁰ Por vezes, principalmente na região metropolitana do Recife, vemos artistas brincando Mamulengo sozinhos, neste caso é feito uso de som eletrônico, o que dispensa a presença dos tocadores.

Autor da fotografia: Angelo Azuos (2021). Da esquerda para direita, a Mateu e triangureira Jacilene Félix, ao centro o tocador de oito-baixos Tonho, na sequência a tocadora de ganzá Dona Zefa (viúva do mestre Zé de Vina) e na zabumba Nildo Show. Em cena dentro da barraca, mestre Bel (Gilberto Lopes) manipulando os bonecos: Morte e Bambu, junto com seu filho e aprendiz contramestre Igor Ferreira.³¹

O artista mamulengueiro/a fala das belezas, inquietudes, anseios e desejos da sua gente, de questões do seu tempo e da sua região. Por se tratar de um teatro feito por artistas populares para as camadas sociais à margem dos espaços de poder político, acadêmico e econômico, esse teatro tende a trazer histórias narradas pela perspectiva do/da trabalhador/a do campo e da cidade, retratando opressões trabalhistas, crenças sobrenaturais, valores morais, contradições éticas, desejos eróticos e a vulnerabilidade humana diante da morte. Assim, no Mamulengo, não tardam a aparecer histórias de amor, luta de classes, pancadarias, traições, golpes, encontros com seres fantásticos, e um sem-fim de **nós, quiprocós e folganças**.

No Mamulengo não há texto dramático previamente escrito e decorado, a brincadeira se dá por meio de uma dramaturgia oral que, embora muito bem definida, nunca chega à cena totalmente pronta a ponto de negar a dimensão do tempo presente na relação com o público; pelo contrário, permite-se ao improvisado, abrindo-se para que o público brinque junto com os artistas, para que seja um agente cocriador. E assim, segue sendo repassada de brincante para brincante, e a cada brincadeira reelaborada no improvisado.

É comum ouvir um/a mamulengueiro/a referir-se a sua prática como brincadeira, ouço os/as mestres/as dizerem: – *Meu brinquedo*; – *Minha brincadeira*. – *Eu vou brincar em tal dia, tal hora, em tal canto*, embora por influência de artistas teatros, produtores/as culturais, mídia televisiva e a própria linguagem dos editais/leis de incentivo, as palavras *espetáculo* e *apresentação* estejam cada vez mais em uso entre a comunidade mamulengueira.

Observar a escolha pelo uso da palavra *brincadeira* ao invés de *apresentação* ou *espetáculo*, desloca minha escuta como pesquisador para o entendimento de que uma brincadeira de Mamulengo é um constante jogo entre os artistas e o público, numa experiência coletiva de teatralização das vivências de uma comunidade, onde se estabelece um pacto coletivo na crença de que os mamulengos que entram em cena são seres reais, e que por meio desses seres é possível transcender o cotidiano a uma dimensão lúdica, poética e política. Nesse estado de jogo, só há espaço para espectadores ativos em total interação com os bonecos, no Mamulengo quem brinca muito além de compor com os artistas uma narrativa

³¹ A brincadeira em questão foi realizada no dia 29/10/2021, no Sítio Mufumbo (zona rural de Glória do Goitá) e faz parte das ações do projeto *Cada Mamulengo tem sua cantoria*.

dramática, termina por construir uma narrativa de si, enquanto sujeito pertencente a uma comunidade.

1.1 CONVIVIALIDADES MAMULENGUEIRAS.

1.1.1 Convívio

A ideia de convívio é extremamente importante para a compreensão do Mamulengo enquanto fenômeno cultural, fora e dentro dos terreiros digitais. Por convívio refiro-me ao ato de viver com, viver junto e em harmonia, a partilha do cotidiano com outrem, na proximidade e afetividade entre pessoas de uma mesma comunidade. Dubatti (2016, p. 32), ao tecer reflexões sobre o convívio no âmbito das artes cênicas, enfatiza a importância da relação entre corpos presentes, sem intermediação tecnológica, numa unidade de tempo e espaço, fazendo assim distinguir o teatro do cinema, ou ainda da televisão, por exigir a presença aurática das pessoas. Nesse sentido, recorro a Santos (1979, p. 24) para refletir o quanto o convívio é importante para o Mamulengo:

[...] o mamulengo baseia-se na improvisação livre do ator (mamulengueiro). Conquanto tenha um roteiro básico para a história que não é escrita, os diálogos são criados no momento mesmo do espetáculo, de acordo com as circunstâncias e com a forma de reação do público. Não podendo existir sem a música e sem a dança, o mamulengo exige do público uma participação constante e ativa, um dinamismo imaginativo e uma criatividade enormes, que lhe permitam completar, por exemplo, o que os bonecos muitas vezes lhe irão apenas sugerir. Requer-se, portanto, uma imensa interação boneco/plateia, que não se torna difícil por conta do incrível poder de improvisação e capacidade imaginativa que tipifica esses artistas chamados mamulengueiros.

Pois bem, é a partir dessa noção de convívio que o Mamulengo se estrutura, tanto na sua fruição quanto na transmissão de seus saberes. Estamos diante de uma arte coletiva, que se constrói a partir da relação entre brincantes que atuam – mamulengueiro/a, contramestre/a, tocadores/as e Mateu/Catirina e brincantes que interagem na condição de espectadores.

1.1.1.1 Pequena crônica dos terreiros e suas territorialidades

Certo dia, numa tarde de março em Glória do Goitá, ao caminhar pela rua Quinze de Novembro em direção à Rui Barbosa, diminuí o passo para contemplar de maneira mais

atenta a arquitetura externa da Paróquia de Nossa Senhora da Glória. Então, passei a olhar a praça a sua frente, vi os pés de oiti, algumas pessoas sentadas em bancos, mototaxistas, poucos transeuntes. Tive a sensação de ter visto aquela cena antes, logo veio à mente memórias de minha infância caminhando em torno da Paróquia de São José, em Angelim, e da Igreja Matriz de Santo Antônio, em Garanhuns, ambas cidades do Agreste pernambucano.

Naquele momento, me dei conta que há uma estrutura comum às cidades com as quais tenho contato desde a infância. Elas possuem uma igreja católica com uma praça na frente, ambas localizadas no centro da cidade, envoltas de ruas paralelas ou perpendiculares, e a vida a girar em torno dessa geografia, que me faz sentir pequeno diante de sua grandeza arquitetônica e histórica.

Nesse girar, vejo a moça do ponto de recarga telefônica, a senhora da padaria, o rapaz da farmácia, a mulher do cartório, o senhor do mercadinho... Pessoas ocupando funções comuns ao cotidiano de cidades interioranas como Glória do Goitá. A vida girando num fluxo contínuo, sem grandes oscilações, em oposição ao ritmo frenético das capitais, longe de tantos motores. Naquele momento, percebi que a praça em frente à igreja representava mais um território de lazer, encontros e celebrações, do que um espaço vazio, feito de concreto.

Importante notar os espaços de brincadeira do Mamulengo, geralmente a praça, a feira, o terreiro, a rua³², ambientes internalizados no cotidiano do público, portanto, ambientes familiares, livres de formalidades, lugares onde todos podem estar por “igual”, sem ingressos ou barreiras que restrinjam o acesso, sem “obrigatoriedade” de trajes formais, e separações entre camarotes e pista, como é comum às casas de espetáculo à italiana, ou como queiram impor as grandes produtoras de eventos carnavalescos.³³

Embora a pavimentação, a popularização de veículos e o aumento da violência urbana não sejam mais uma exclusividade dos grandes centros urbanos, e durante as últimas décadas tenham visivelmente obtido notória ascensão nos municípios interioranos, para os/as moradores/as dessas pequenas cidades a praça, o pátio da feira, a rua, e o terreiro, ainda representam esse ambiente de “liberdade”. Sentir-se livre é a condição primária para que haja brincadeira. Brincar requer relaxamento, sentir-se em segurança, confortável, estado que só

³² Santos (1979, p. 43) enfatiza os contratos estabelecidos entre os proprietários de bares, situados na zona rural, e os mamulengueiros a fim de atrair o público para esses estabelecimentos e assim estimular o consumo da clientela. Atualmente, esses tipos de contrato são raros.

³³ Vale salientar que em cidades como Glória do Goitá, equipamentos culturais destinados à produção e consumo de artes cênicas, literatura, música, dança, entre outros, são raros e, por vezes, até escassos. Logo, onde não há equipamentos culturais como os já citados, os momentos de fruição estética se dão comumente em espaços ao ar livre: ruas, praças, feiras e terreiros.

alcançamos quando reconhecemos e acolhemos um determinado ambiente, e por ele somos acolhidos e reconhecidos.

Brincar, no contexto do Mamulengo, em alguma medida, implica uma certa abertura para que se possa negar ou até mesmo transgredir normas e convenções socialmente dadas, e, desse modo reestabelecer num plano ficcional novos contratos sociais. É na brincadeira que os personagens Caroca e Catirina satirizam a monogamia; que o Frescal tende a representar a tirania, numa crítica contundente por parte do/da mamulengueiro/a ao funcionário público que ao invés de cuidar e fomentar o patrimônio cultural censura a brincadeira por meio do autoritarismo e da burocracia. E assim, em cada passagem é possível evidenciar transgressões.

Importante refletir o quanto a rua, a praça, o terreiro, o pátio da feira operam em outra dinâmica de convívio (se comparados a espaços institucionalizados), e o quanto esses espaços podem nos dizer sobre a complexidade do Mamulengo enquanto fenômeno artístico-cultural.

Em espaços ao ar livre, geralmente, vemos a brincadeira de Mamulengo acontecer atrelada a algum evento: missa, festejos carnavalescos, juninos, natalinos, uma feira de alimentos, ou ainda uma cerimônia política (campanha eleitoral, festa de emancipação, comemoração da independência etc.). Tais eventos tendem a reunir pessoas com diferentes propósitos, quer sejam aquelas que foram exercer sua fé, folgar, ou ainda aproximar-se de suas bases, como no caso de grupos políticos, que veem nesses eventos a oportunidade de conquistar popularidade. Desse modo, as pessoas que compõem a audiência de uma brincadeira de Mamulengo, possuem diferentes idades, etnias, escolaridades, gêneros, sexualidades, crenças, classes sociais e interesses.

Fotografia 5 – Brincadeira de Mamulengo com ênfase para o público

Autor da fotografia: Alex Apolonio. (2021) – Encontro de Mamulengo de Carpina – PE.³⁴

No caso específico dos festejos, geralmente o Mamulengo não é a única atração, visto que divide espaço na programação e concorre pela atenção do público com outros brinquedos como Cavalo Marinho e Maracatu, com bandas musicais locais e nacionais, que, por vezes, se apresentam simultaneamente com o Mamulengo. Para o Mamulengo, há em toda essa diversidade a possibilidade de encontros potentes, recheados de afetos e celebrações, assim como de conflitos e confrontos, naturalmente estamos falando da rua, de um espaço propenso à transgressão, ao transe, por isso um espaço suscetível a conflitos.

³⁴ O encontro, idealizado e executado pelo produtor cultural Antônio Neto (neto de mestre Calú), ocorreu em 04/12/2021 no centro da cidade, com a presença de cinco grupos da região, sendo eles: Mamulengo Sorriso Encantado – mestre Bibiu (Carpina – PE), Novo Milênio – mestre Miro dos Bonecos (Carpina), Nova Geração – mestre João Galego (Carpina), Mamulengo da Saudade – mestre Vitalino (Nazaré da Mata – PE), Flor de Jasmim – mestre Calú (Vicência – PE). Ver a gravação das brincadeiras na íntegra em: <https://www.youtube.com/watch?v=0zEuN6GAQmQ>. Acesso em: 02 mar. 2022.

Nem só de praças e terreiros vive o Mamulengo. Atualmente, é cada vez mais comum a brincadeira ocorrer em instituições de ensino, festivais culturais, projetos financiados por leis de incentivo, com a única finalidade de fomentar o trabalho dos/das brincantes. A partir da pandemia, os terreiros também tornaram-se digitais, e aqui me refiro às brincadeiras realizadas por meio de transmissões ao vivo, as *lives*.



Caroca
Alex, mo fi.



Alex
Diga.



Caroca
Tu vai falar das *live*?



Alex
Sim, mais adiante a gente chega lá.



Caroca
Pois, demore muito não, que eu tenho um negócio pra dizer dessa tal de *live*.

O que há de comum nesses espaços físicos e digitais é que eles possuem uma carga semântica³⁵ predominantemente associada ao lazer, e, no caso dos espaços físicos, aos festejos e à possibilidade de transgressão da rigidez das normas sociais, como soltar uma gargalhada sem o constrangimento de ser julgado, de rir com o outro, de permitir-se ao ridículo, ao bailado, à embriaguez, aos encontros, ao erótico, ao simbólico e ao diabólico.

³⁵ A expressão *carga semântica* está empregada aqui no sentido atribuído pelo pesquisador, ator e encenador Evil Rebouças, que considera a natureza do espaço como elemento dramaturgico. Para mais informações, ver: REBOUÇAS, Evil. *A dramaturgia e a encenação no espaço não convencional*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

Em razão de sua heterogeneidade, é pouco provável que o público do Mamulengo, se encontre em outro espaço cotidiano para vivenciar as situações propostas pelo Mamulengo, e ainda que venham a encontrar-se por alguma razão, é quase certo que essas vivências se darão pela esfera religiosa, civil, laboral e não pelo viés estético, do modo como propõe o Mamulengo. A singularidade e a qualidade das relações sociais por meio da fruição estética e a forma como se dá o aprendizado na brincadeira de Mamulengo, é algo insubstituível e incomparável no espectro das relações sociais.

Ainda sobre essa dimensão social, atualmente, mesmo com a plena popularização da televisão, e com uma parcela significativa da população tendo acesso à internet (redes sociais, *websites* e os serviços de *streaming*), o Mamulengo, por atuar com foco numa dimensão territorial, continua sendo um potente veículo de socialização e comunicação, reafirmação e até elaboração de ideias e valores entre indivíduos de uma mesma comunidade, num modo de linguagem e organização cuja natureza é oposta aos meios massivos de comunicação.

Embora sejam indivíduos de uma mesma comunidade, a compreensão de comunidade que busco estabelecer aqui não se restringe às fronteiras entre bairros ou cidades, sendo bem mais complexa e polissêmica, pois nas convivialidades mamulengueiras, mesmo a dimensão territorial tendo muito valor, as convivialidades também se dão por áreas de interesse como: álcool, maternidade, esporte, profissões, gosto musical, crenças religiosas, ideologias políticas, conflitos pertinentes ao momento vivido por determinado grupo para o qual se brinca, ou até mesmo vividos pelos/as próprios/as brincantes.

Nesse complexo tecido social, onde é impossível desconsiderar as relações entre raça, classe e gênero, pois, como já dito no início do capítulo, o Mamulengo é um reflexo da cosmovisão daqueles que o vivenciam, os dramas encenados nesse teatro de bonecos popular retratam um cotidiano indissociado do *modus operandi* de um sistema patriarcal, cristão, capitalista, que moldou a sociedade pernambucana como conhecemos hoje.

Nessa breve abordagem, muito além de apresentar os elementos, profissionais e espaços que compõem o Mamulengo, busquei dar ao leitor/a uma dimensão do quanto o convívio é um elemento vital para o Mamulengo. A partir de março de 2020, com a pandemia da Covid-19, o Mamulengo seria desafiado a experimentar, por meio do tecnívio, um formato de relação com o público completamente novo.

1.1.2 Tecnovívio

Tecnovívio é um neologismo formado a partir de duas palavras: *tecnologia* e *convívio*, trata-se de uma expressão usada para designar convívios mediados por suportes tecnológicos. A depender do tipo de suporte, podemos vivenciar experiências distintas de tecnovívio. Uma referência para os estudos sobre tecnovívio nas artes cênicas é o filósofo e teatrasta argentino Jorge Dubatti, segundo o qual:

Ao conceito de convívio, opomos a noção de tecnovívio, isto é, a cultura vivente desterritorializada por intermediação tecnológica. Podem-se distinguir duas grandes formas de tecnovívio: o tecnovívio interativo (telefone, *chat*, mensagens de texto, jogos em rede, Skype etc.), no qual se dá a conexão entre duas ou mais pessoas; e o tecnovívio monoativo, no qual não se estabelece um diálogo de mão dupla entre duas pessoas, mas a relação de uma pessoa com uma máquina ou com um objeto ou dispositivo produzido por essa máquina, cujo gerador humano se ausentou no espaço e/ou no tempo. O tecnovívio interativo sintetiza-se na relação bidirecional: *homem 1 – máquina – homem 2*; o monoativo sintetiza-se em: *homem 1 – máquina {homens}* (DUBATTI, 2016, p. 129, grifo do autor).³⁶

É inegável que a pandemia da Covid-19 foi um marco na relação dos/das brincantes de Mamulengo com as mídias de comunicação em massa (jornais, programas de rádio e televisão, mas sobretudo a internet). No entanto, o período pandêmico não foi o primeiro momento de contato entre o boneco popular pernambucano e essas mídias.

Com base nos escritos de Borba Filho (1966, p. 84), pode-se dizer que o jornal impresso foi a primeira mídia que contribuiu para uma aproximação entre o Mamulengo e o público letrado já no final do século XIX. Mais adiante, nas últimas décadas do século XX, o rádio, nas palavras de Alcure (2007, p. 151), tanto cumpria a função de promover o trabalho de artistas da cultura popular em suas comunidades, quanto permitia que os mamulengueiros absorvessem influências musicais de artistas de projeção nacional como: Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro. Brochado (2005, p. 102) versa sobre a influência da televisão no Mamulengo, refletindo sobre o modo como a TV passou a ocupar no cotidiano das comunidades da Zona da Mata, um espaço que antes era majoritariamente preenchido “pelas

³⁶ Jorge Dubatti é crítico, historiador e professor universitário especializado em teatro. Doutor pela Universidade de Buenos Aires (UBA) na área de história e teoria das artes, Dubatti fundou e dirige, desde 2001, a Escuela de Espectadores de Buenos Aires. Autor de diversos títulos, dentre eles: *Teatro dos mortos*: introdução à filosofia do teatro. São Paulo. Edições Sesc, 2016. Informação disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/edicoes-sesc/506_O+TEATRO+DOS+MORTOS#/tagcloud=lista. Acesso em: 28 jul. 2021.

diversões populares produzidas pela própria comunidade”. Embora haja presença do Mamulengo na produção cinematográfica brasileira, durante esta pesquisa não foram localizados estudos que abordassem a questão.

Ainda que possamos problematizar os interesses da grande mídia sobre as manifestações artísticas de tradição popular, e a qualidade do serviço prestado por essas mídias ao Mamulengo, há de se considerar que em certa medida os jornais impressos, bem como as emissoras de rádio e televisão, ofereceram contribuições para a difusão do Mamulengo. Porém, diferentemente dessas mídias de caráter privado e de tecnovívio monoativo, onde o espaço de veiculação está prioritariamente a serviço do lucro, a internet, por meio das redes sociais, proporcionou aos fazedores/as de Mamulengo uma liberdade de difusão de conteúdo e uma comunicação direta com o grande público, significativamente mais ampla, em relação às demais mídias, porém longe de ser totalitária.

Antes da pandemia já havia artistas mamulengueiros/as que possuíam perfis em redes sociais com a finalidade de promover seus trabalhos, sobretudo divulgando eventos conviviais (brincadeiras, cursos, fóruns etc.). No entanto, essa relação se altera radicalmente com o estado de distanciamento social imposto pela pandemia, visto que, “do dia para noite”, os mamulengueiros se viram isolados em suas casas com o desafio de se relacionar com o “mundo exterior” exclusivamente por meio das redes sociais. É a partir daí que as redes sociais deixam de ser algo completamente inacessível ou apenas um espaço de divulgação das ações presenciais, para se tornarem um canal de realização das práticas mamulengueiras (brincadeiras, formação e diálogo) e a principal fonte de rentabilidade dos artistas.

2 MAMULENGOS EM QUARENTENA E A PESQUISA-AÇÃO COMO UM CAMINHO PARA A INCLUSÃO DIGITAL

No Brasil, a pandemia da Covid-19 intensificou no cotidiano de profissionais de setores como saúde, educação, cultura, entre outros, um processo de inserção de aparelhos/programas de comunicação por internet, que estava em curso desde 1989, ano que marca a chegada da internet ao país.³⁷ Durante o período de distanciamento social, com parte da população brasileira enfrentando dificuldades para trabalhar em suas residências, a inclusão digital passou a ser um tema ainda mais relevante para a manutenção e o desenvolvimento das atividades econômicas, educacionais, culturais... Inclusão digital é um conceito bastante amplo, por essa razão, Bonilla e Oliveira (2011, p 35)³⁸ chamam a atenção para as ambiguidades, contradições e implicações em seu uso, de modo que para os autores:

[...] não se trata apenas de uma discussão terminológica ou semântica sobre o termo inclusão digital, mas sim de uma leitura social, associada às análises dos interfaceamentos políticos entre os atores envolvidos, apreendendo seus sentidos de forma crítica e construtiva. Cabe analisar até que ponto ações de inclusão digital potencializam interações e possibilidades dos próprios sujeitos se engajarem nas atuais dinâmicas sociotécnicas de forma ativa, participativa, propositiva e construtora de novas realidades sociais. Já propusemos alguns caminhos possíveis para escapar de uma lógica inclusiva ligada à perspectiva economicista de que estar “incluído” significa ser consumidor. Buscamos sempre a perspectiva de oportunizar condições para que os sujeitos sejam capazes de participar, questionar, produzir, decidir, transformar, tornando-se parte integrante da dinâmica social, em todas as suas instâncias.

Durante a pandemia, para o senso comum, a compreensão da inclusão digital foi expandida para além das aplicações econômicas, visto que ficou evidente o papel da tecnologia no ensino-aprendizado, nas articulações em prol de lutas políticas por parte da sociedade civil organizada, e sobretudo no consumo de obras artísticas, uma vez que em tempos de isolamento a arte teve um papel fundamental na dimensão do lazer, e na

³⁷ Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/prim%C3%B3rdios-da-rede/>. Acesso em: 24 jul. 2021.

³⁸ Maria Helena Silveira é professora Dra. pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, onde pesquisa Educação, Comunicação e Tecnologias (GEC), autora de diversos artigos e livros sobre educação e tecnologias da informação e comunicação, formação de professores, inclusão digital, software livre e políticas públicas. Paulo Cezar Souza de Oliveira é Mestre em Educação pela UFBA e especialista em Aplicações Pedagógicas dos Computadores pela UESC.

contribuição para a saúde física e mental dos indivíduos. Segundo Lemos (2011, p. 17)³⁹, “inclusão é um processo amplo e complexo que deve partir da valorização dos quatro capitais da inteligência coletiva”.

O capital social é aquele que valoriza a dimensão identitária e comunitária, os laços sociais e a ação política. O capital cultural é o que remete à história e aos bens simbólicos de um grupo social, ao seu passado, às suas conquistas, à sua arte. Já o capital técnico é o da potência da ação e da comunicação. É ele que permite que um grupo social ou um indivíduo possa agir sobre o mundo e se comunicar de forma livre e autônoma. O capital intelectual é o da formação da pessoa, do crescimento intelectual individual com a aprendizagem, a troca de saberes e o acúmulo de experiências de primeiro e segundo grau. (LÉVY 1998 apud, LEMOS 2011, p. 17).

Assim, corroborando o pensamento de Lemos (2011), incluir digitalmente no âmbito da pesquisa-ação aqui realizada implica expandir esses quatro capitais, encarando o desafio de abordar a questão da inclusão digital para além das relações de consumo. Porém, ainda que o aspecto do consumo não represente a maior finalidade no trabalho que vem sendo realizado com os mamulengueiros/as no campo da tecnologia de comunicação, não é possível desconsiderar que diante de uma profunda crise econômica pela qual o Brasil já vinha passando, e que se agravou com a chegada da Covid-19, ganhos econômicos precisavam fazer parte do objetivo das ações inclusivas, pois reverberam diretamente na sobrevivência dos artistas, e na salvaguarda do Mamulengo.

No contexto da pandemia, para os/as trabalhadores/as da cultura, em especial, nas artes cênicas conviviais: dança, circo, contação de histórias, performance, teatro, e suas hibridações, ter acesso e compreender as aplicações das tecnologias de comunicação ao trabalho cênico, tornou-se fator determinante para a garantia de renda, uma vez que, durante o período de distanciamento social, a venda, distribuição e consumo da produção cênica dependeu exclusivamente da tecnologia de comunicação por internet. Nesse novo contexto de trabalho (novo ao menos para uma parcela significativa dos/as artistas das artes cênicas conviviais, em especial para os/as mamulengueiros/as), o letramento digital⁴⁰ tem sido condição determinante para o posicionamento e a sobrevivência nessa dinâmica de trabalho

³⁹ Inteligência coletiva é um conceito cunhado pelo filósofo e sociólogo Pierre Lévy, que se dedica a pesquisar a ciência da informação e da comunicação, bem como o impacto da internet na sociedade, as humanidades digitais e o virtual.

⁴⁰ Entendendo letramento digital como a capacidade de compreender (leitura) e dialogar (escrita) com os múltiplos códigos presentes na comunicação por meio da internet (LEMOS, 2011). Códigos esses que vão muito além da língua escrita formal, haja vista que a linguagem da internet também é visual e sonora.

remoto.

Contudo, num país como o Brasil, marcado por profundas desigualdades socioeconômicas, letramento digital e acesso à internet ainda não são uma realidade para todas as pessoas. Os desafios da inclusão digital no país são estruturais, e estão principalmente atrelados ao analfabetismo e à vulnerabilidade econômica, questões essas que afetam diretamente os artistas participantes desta pesquisa.

Pois bem, neste capítulo, discorrerei sobre as ações inclusivas desenvolvidas pelo projeto *Mamulengo em Tecnovívio*, durante os meses de agosto de 2020 a fevereiro de 2021, no intuito de propor reflexões sobre as estratégias de sobrevivência da comunidade mamulengueira em meio às contribuições e tensões do formato remoto. As ações inclusivas perpetradas ao longo desta pesquisa-ação foram realizadas em duas etapas:

A primeira, considero um momento de **escuta**, no qual por meio da aplicação de um questionário e de entrevistas gravadas para o *podcast Fala Mamulengo*, foi possível começar a compreender as primeiras mudanças provocadas pela pandemia e pela transição abrupta do convívio para o tecnovívio no fazer dos/das artistas mamulengueiros.

A segunda etapa, concebida a partir das necessidades apontadas pelos brincantes nos momentos de escuta, diz respeito aos desafios do trabalho por meio das redes sociais. Assim, por meio da realização do bate-papo *Caminhos para a inclusão digital*, e do curso *Conectando Brincantes*, foram dados os primeiros passos em direção ao **debate** sobre a presença do Mamulengo pernambucano nas redes sociais (Facebook, Instagram, Youtube e WhatsApp), com foco na compreensão das aplicabilidades dessas redes ao Mamulengo. Além dos conteúdos abordados de forma coletiva, houve consultorias individuais focadas nas necessidades de cada artista/grupo.

As reflexões em torno dessas duas etapas serão trabalhadas em subtópicos individuais, onde trarei informações mais detalhadas quanto a metodologia, duração, pessoas envolvidas e questões levantadas.

2.1 ESCUTA

Caminhar com os brincantes nesse processo de inclusão digital requer “dar os primeiros passos com os ouvidos”, a escuta tem um papel importante na compreensão da realidade de cada artista, sua história de vida, bem como o contexto socioeconômico em que está inserido. Por isso, na primeira etapa do trabalho de campo busquei, coletar dados sobre a

realidade dos artistas mamulengueiros por meio de um questionário, para posteriormente conhecê-los de maneira aprofundada em entrevistas.

Geralmente a primeira ideia que vem à mente sobre um trabalho de campo, nos remete ao pesquisador/a imerso/a de maneira presencial no seu local ou comunidade de estudo. No contexto de uma pesquisa sobre o fazer artístico em ambientes virtuais, em estado de distanciamento social, compreendi que meu campo é o ambiente virtual em que os artistas mamulengueiros se expressam. Assim, muito além de realizar entrevistas on-line, aplicar questionários por meio de plataformas, e promover conversas e encontros por meio de redes sociais como Youtube e Instagram, pesquisar num campo virtual implica um olhar atento e quase que em tempo integral para as dinâmicas de produção e interação entre brincantes, e entre brincantes e o público.

2.1.1 Questionário

Desde a introdução, ao falar do mestre Zé Lopes, destacando o fato de ter sido um homem negro, interiorano, financeiramente humilde e com pouca escolaridade, e ainda no primeiro capítulo, ao localizar o Mamulengo no contexto histórico e sociocultural pernambucano, sobretudo na abordagem dos elementos estruturantes da brincadeira, seus espaços e ciclos sociais, venho nas entrelinhas dando informações quanto ao perfil socioeconômico predominante da maioria dos artistas que compõem a comunidade mamulengueira. Agora, de maneira objetiva, a partir dos dados obtidos na primeira etapa desta pesquisa, trago um panorama quantitativo acerca do perfil socioeconômico dessa comunidade.

O questionário foi o primeiro instrumento de aferição da realidade utilizado na pesquisa. Visando absorver informações que possibilitassem uma ampla leitura acerca do perfil socioeconômico tanto na dimensão comunitária, quanto na individualidade do/da artista, foram elaboradas perguntas com possibilidades de respostas abertas, fechadas e de múltipla escolha. Assim, foram colhidos dados como: nome, idade, endereço, contato, etnia/raça, renda, moradia, relação com o universo digital, viabilidade de trabalhar em casa, assistência dos entes federativos, estado de saúde física e emocional, entre outros. O modelo do questionário aplicado pode ser visto no Apêndice B.

Antes de apresentar os dados da pesquisa, é preciso fazer algumas considerações quanto ao processo de aplicação do questionário. Inicialmente é importante destacar que o questionário não alcançou a comunidade mamulengueira pernambucana em sua totalidade,

pois ao longo desta pesquisa-ação foi feito um levantamento da quantidade de grupos/artistas mamulengueiros em atuação no estado (ver Apêndice A); a partir dessa visão mais ampla sobre o número de artistas/grupos em atuação, é possível afirmar que, durante a realização da pesquisa, Pernambuco contava com mais de 50 artistas mamulengueiros/as (mestres/as, contramestres/as, tocadores/as e bonequeiros/as). Mediante muito esforço, durante a aplicação do questionário, foi possível “escutar” 21 destes. O fato de o questionário ter sido aplicado de forma on-line, contribuiu para que algum brincante que porventura não tivesse acesso à internet ficasse de fora do levantamento. Vale salientar que esta pesquisa foi realizada em um contexto de distanciamento social, em que estavam proibidas ações presenciais como viagens pelo Estado e visita aos brincantes. Atrelada às restrições de locomoção, imperava a escassez de tempo e de recursos financeiros, e o fato de não ter uma relação preestabelecida com alguns membros da comunidade, tendo, portanto, que contar com os brincantes já conhecidos para fazer com que o questionário chegasse a artistas que ainda não conheciam a pesquisa nem o pesquisador. Por tais razões, o questionário chegou a pouco mais de 40% da comunidade, brincantes residentes na Zona da Mata e na região Metropolitana.

O questionário foi hospedado na plataforma Google Formulários, e disponibilizado aos brincantes por meio de link endereçado em suas contas no WhatsApp, Messenger do Facebook e Direct Messenger no Instagram. Paralelo a isso, foram realizadas ligações telefônicas e videochamadas a fim de expor os objetivos da pesquisa e com isso mobilizar os brincantes para responder e compartilhar o formulário. Naturalmente, nesse processo algumas pessoas sentiram dificuldades no preenchimento do formulário em decorrência da falta de familiaridade com os botões de acesso e navegação da plataforma Google Formulários.

Como pode ser visto no Apêndice B, trata-se de um questionário amplo com 82 perguntas, divididas em oito eixos:

1. CONHECENDO O AGENTE CULTURAL
2. PERFIL FINANCEIRO DO AGENTE
3. RELAÇÃO COM O UNIVERSO DIGITAL
4. VIABILIDADE DE PRODUÇÃO
5. RELAÇÃO COM O PODER PÚBLICO
6. RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS CULTURAIS PRIVADAS (SESC)
7. SAÚDE FÍSICA E EMOCIONAL DO AGENTE
8. ESTADO CRIATIVO

Além de indagar os participantes sobre dados pessoais, trajetória artística, formação acadêmica e relação com o universo digital, também foram feitas perguntas sobre identidade

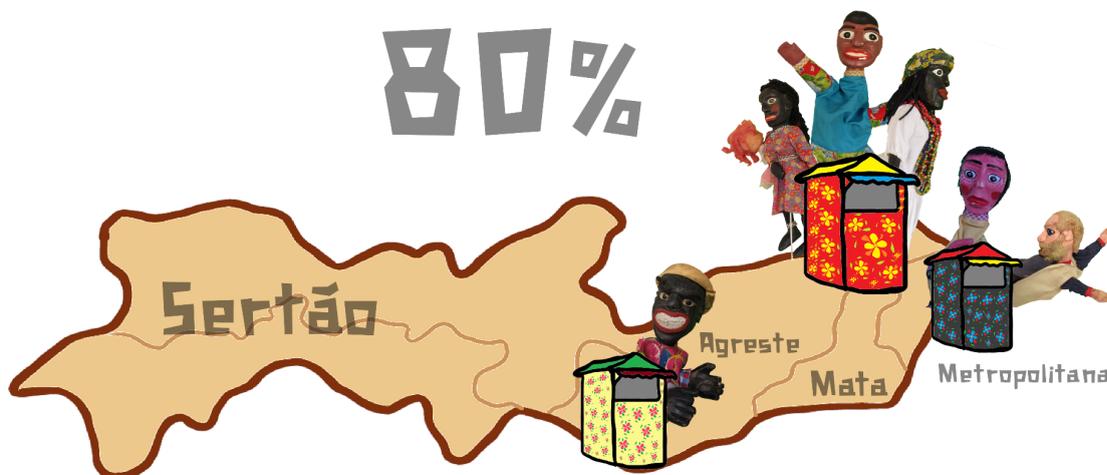
de gênero, maternidade, saúde mental, desempenho dos/as mandatários/as municipais, estaduais e federais na condução da pandemia, entre outras, haja vista que a pandemia englobou questões que vão além da saúde, como: trabalho/economia, convívio doméstico, política etc. Nesse sentido, a aposta num questionário amplo foi a chave para obter dados que permitissem uma leitura interdisciplinar e sensível da questão da inclusão digital para os brincantes.

Ademais, há perguntas que num primeiro olhar podem parecer descabidas para a realidade da comunidade, ou cujas respostas podem parecer óbvias, mas que ainda assim julguei importante serem feitas no intuito de provocar o/a brincante a pensar sobre questões como: raça/etnia, gênero, orientação sexual, religiosidade, saúde mental etc. De modo geral, lancei algumas perguntas para as quais já poderia presumir a resposta, mas as utilizei para delatar as ausências e ainda para fazer lembrar das presenças, excessos, incômodos e vazios.

Posto o contexto em que se deu a aplicação do questionário, por meio das respostas obtidas, emergiram dados significativos para um primeiro olhar sobre a relação com a comunicação pela internet, de uma parcela significativa da comunidade mamulengueira pernambucana. Vamos a eles:

De modo geral, os artistas que preencheram o questionário são mulheres (38%) e homens (62%), entre 19 e 97 anos, residentes em áreas urbanas, em sua maioria no interior do estado, em especial na Zona da Mata. Desse grupo, 80% se definem como pessoas não brancas, ou seja, pessoas autodeclaradas negras, pardas e indígenas.

Figura 2 – Representação da comunidade mamulengueira pelo Estado⁴¹



Sobre a participação na vida escolar, 9,5% dos participantes disseram nunca ter frequentado uma instituição de ensino, enquanto 47,6% afirmaram ter concluído o ensino médio, e apenas 4,8% chegou a concluir um curso superior.

Alfabetização é fator preponderante para a inclusão digital. Entre a comunidade mamulengueira são perceptíveis as limitações na capacidade de leitura e escrita nos brincantes com mais de 50 anos. Por isso, pensar a inclusão digital da comunidade mamulengueira, implica considerar as diferenças geracionais entre os brincantes. A título de exemplo, se, por um lado, enquanto numa mesma comunidade temos brincantes na faixa etária dos 30 a 49 anos que em suas trajetórias tiveram a oportunidade acessar os níveis fundamental e médio do ensino formal, por outro lado, temos artistas entre 50 anos e até mais de 90 anos que possuem pouquíssimo ou nenhum conhecimento sobre as letras. Assim, as limitações desse mercado de trabalho virtual, ainda que sejam as mesmas para todas e todos, serão vivenciadas de formas diferentes devido às circunstâncias descritas. Mas, embora essas limitações interfiram no trabalho realizado por meio das redes sociais, elas não são de todo modo impeditivas. Quanto à relação inclusão digital e analfabetismo, Bonilla e Oliveira (2011, p. 39) afirmam:

⁴¹ Embora no ato da aplicação nenhum brincante do Agreste tenha participado do preenchimento do questionário, na ilustração acima faz-se referência à presença de brincantes nessa região por uma questão de inclusão e representatividade, haja vista que existem brincantes

na região (um deles bastante significativo na segunda etapa desta pesquisa). Vale salientar que a porcentagem explicitada na imagem se mantém coesa aos dados obtidos no questionário, e as fotografias dos bonecos utilizadas para compor as figuras pertencem à mala do Mamulengo Teatro Riso (Glória do Goitá – PE).

Evidentemente, quanto mais inserido nas dinâmicas contemporâneas, dentre elas os processos educativos, com mais rapidez os sujeitos se familiarizam e compreendem os processos digitais. No entanto, entendemos que hoje, com a convergência de mídias, é possível que uma pessoa semialfabetizada possa produzir, interagir, desencadear dinâmicas de produção de conteúdos nas mais diversas linguagens, inclusive potencializando seus processos de alfabetização, em todas essas linguagens. A grande dificuldade se apresenta, na maioria dos casos, entre aqueles que se constituíram numa cultura estritamente analógica, alfabetizados ou não, por não compreenderem, pelo menos não de imediato, a lógica digital.

Miro dos Bonecos, mestre mamulengueiro de Carpina, Zona da Mata pernambucana, é um dos exemplos de superação dos desafios da inclusão digital, pois como homem analfabeto, Miro, por meio da leitura visual da interface das redes sociais, se mantém em diálogo com seus seguidores no Facebook e Instagram e nos grupos do WhatsApp. O mestre falou abertamente sobre seu analfabetismo, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, contando como durante a pandemia utilizou as redes para manter suas vendas, pois, além de brincar com seus bonecos, ainda os vendia, sendo também um artesão.

Se você tem um cliente e nessa pandemia você liga pra ele: – Óia, eu fiz uma peça assim, assim. – Eu tô com essa peça aqui, aqui, desse jeito. Aí vai mostrando as peça, vai mostrando... [...] Porque a melhor coisa [...] é o celular, né?! Antigamente pra gente falar era mais difícil, né?! Mas agora tem o celular. Mesmo que eu não sei lê uma coisa, mas sei apertar. Digo: – Oia, fulano, eu tenho uma peça aqui, desse jeito ó. Eu não sei mandar pra tu lá, pra o “zap”, manda pra cá, dá um oi pra cá, que eu mostro aqui a tu. Aí ele manda, eu já mostro as peça tal, aí ele diz: – Ó, eu vou querer aquela ali, como é que você vai fazer? Eu vou no Correio, mando, tu me paga a peça e o correio, né?! E aí chega. E assim a gente vai vendendo [...] aqui são três família pra tirar desses bonecos, né?! (Mestre Miro dos Bonecos – Mamulengo Novo Milênio de Carpina – PE, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 04:13 a 05:20, set. 2020).⁴²

Miro se refere à importância do trabalho com o Mamulengo para a manutenção da renda familiar, uma questão delicadíssima que está totalmente atrelada à luta dos artistas mamulengueiros para compreender e ocupar os terreiros digitais. Nesse sentido, dos artistas entrevistados, 65% afirmam ser a única pessoa responsável pelo sustento da família.

⁴² *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 02, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC> Acesso em: 02 ago. 2021. Ermírio José da Silva, conhecido como Miro dos Bonecos, é fundador do Mamulengo Novo Milênio, além de brincante, é um exímio bonequeiro.

Figura 3 – Representação do sustento da família por meio do Pisa-Pilão⁴³



Para 71,4% dos entrevistados a renda média mensal obtida com o trabalho artístico durante os dois anos que antecederam a pandemia, foi igual ou inferior a um salário mínimo.⁴⁴ Quanto a esse fato, vale salientar que 61,9% buscam em outras atividades profissionais fontes para complementar sua renda, enquanto 38,1% dependem exclusivamente do trabalho com o Mamulengo.

Quanto à aquisição de aparelhos de comunicação por internet e uso destes para fins de trabalho, 95,2% afirmaram já possuir em suas residências smartphone e/ou computador com acesso à internet, enquanto 85,7% utilizam essas redes para trabalho com o Mamulengo.

Figura 4 – Redes mais usadas pela comunidade mamulengueira



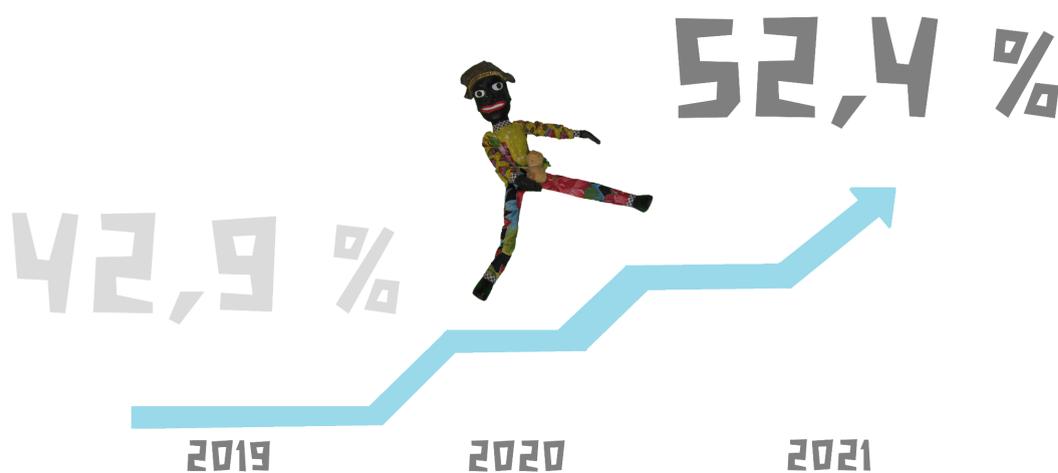
⁴³ Pisa-Pilão é uma alegoria comum no Mamulengo da Zona da Mata, que faz alusão ao trabalho manufaturado da época dos engenhos. No caso do Pisa-Pilão acima, é representado por um casal de agricultores, sendo um homem branco e uma mulher negra.

⁴⁴ Entre 2018 e 2020, o salário mínimo no Brasil foi de R\$ 954,00 para R\$ 1.045,00.

A pesquisa também evidenciou que as redes sociais mais utilizadas pelos artistas mamulengueiros são: Facebook, em primeiro lugar, e em seguida WhatsApp e Instagram.

Ainda sobre o uso e a frequência de navegação nas redes, 4,8% dos entrevistados disseram não acessar a internet antes da pandemia, enquanto o número dos que acessavam mais de cinco vezes ao dia era de 42,9%, com a pandemia esse número subiu para 52,4%.

Figura 5 – Aumento do acesso e tempo de permanência nas redes sociais



Caroca

Rapaz, em que instante tu tirou um retrato meu, pra mim butar aí, subindo nesse negócio? Oia pra ele.



Alex

Gostasse, Caroquinha?!



Caroca

E apois, tô me sentindo importante!

Vale salientar que fazer uso de redes sociais demanda uma complexa estrutura que vai desde a aquisição de computadores/smartphones, passando pela contratação de serviços de

internet banda larga e/ou móvel, instalação e atualização de softwares e criação de perfis nas redes sociais, o que por questões socioculturais, geopolíticas e econômicas, nem sempre foi algo acessível e prático a todos e todas.

A compreensão e o domínio da linguagem escrita também são necessários, me refiro não só à língua portuguesa, pois os códigos inerentes à comunicação digital geralmente são expressos também em língua inglesa, o que dificulta ainda mais a utilização dessa tecnologia para fins de trabalho por parte de pessoas que não compreendem o idioma estrangeiro.

Figura 6 – Incompreensão da linguagem digital



Sobre as dificuldades para utilizar essa tecnologia, 28,6% relatam ter algum tipo de entrave, e quando questionados sobre o que fazem para enfrentar os obstáculos, em geral as respostas foram: utilizar aparelhos de terceiros (no caso dos que não possuem aparelhos, ou até possuem, mas não em condições de atender alguma necessidade específica como gravar ou fotografar em boa resolução), solicitar orientação de filhos e/ou demais pessoas do convívio familiar para navegar (geralmente pessoas mais jovens e alfabetizadas), buscar informação para poder aprender e navegar sozinho/a.

Nesse contexto, se estabelecem novas relações de ensino-aprendizado, não só com relação às plataformas, mas também entre os brincantes de uma mesma família, casa e/ou comunidade. Pois, se os mais velhos transmitem os saberes inerentes ao brinquedo para os mais jovens, em relação à comunicação digital são os mais jovens, geralmente por terem tido

mais oportunidades de acesso à educação formal do que seus pais e avós, que passam a conduzir o processo de ensinamento e inserção dos brincantes mais velhos no universo digital, e a contribuir na manutenção das suas redes sociais.

Diante do exposto, fica evidente que a relação com o universo digital possui questões que perpassam a história de vida dos indivíduos, onde geração, letramento e renda tornam-se pontos determinantes para a presença do trabalho desses artistas no ambiente virtual. Também ficou evidente que a visão sobre a importância da internet, e a qualidade da relação com a mesma passaram por uma mudança significativa a partir da pandemia.

Contudo, para além de dados quantitativos – nas duas últimas perguntas que dizem respeito à percepção sobre as mudanças no próprio fazer artístico, as respostas obtidas por meio do questionário se dividem entre a gana pela reinvenção num cenário de crise e uma descrença sobre as possibilidades de dias melhores em meio ao horror da pandemia. Vejamos as impressões de alguns artistas mamulengueiros deixadas no questionário:

Algo importante que surgiu na pandemia foi o encontro virtual entre brincantes e mestres de todo o país pelas redes sociais, principalmente Whatsapp e Instagram. Neste contexto, surge a Rede de Bonequeiras Brasileiras, que está realizando um mapeamento das mulheres inseridas nessa arte, o que se torna algo histórico e fundamental que pode ocorrer graças à internet.⁴⁵

Mariana Acioli – Mamulengo Água de Cacimba, Olinda – PE.

Não sei o que será daqui pra frente, pois a única renda que tava tendo era o Auxílio [Emergencial],⁴⁶ baixou, estou muito preocupada com tudo isso. Só queria que tudo isso acabasse para que nós voltasse a trabalhar e vender nossos trabalhos.

Genilda Félix – Associação Cultural dos Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá – PE.

Mais força pra continuar e investir mais no meu teatro. Sim, estou produzindo mais meus bonecos.

⁴⁵ A Rede de Bonequeiras Brasileiras é um coletivo com forte atuação digital cujo objetivo é reunir e dar visibilidade à produção feminina no teatro de animação brasileiro. Para saber mais, ver: <https://bonequeirasbrasil.com/?fbclid=IwAR1PBYWd1AoIAK3OzMj-2gs93e5ga2owPjzhtudQaDOSR5tRpAk7qkvBkE>. Acesso em: 19 fev. 2022.

⁴⁶ O Auxílio Emergencial, instituído pelo Decreto nº 10.316, de 07 de abril de 2020, foi um programa de transferência de renda criado para dar suporte às pessoas que em razão da pandemia foram impedidas de trabalhar e tiveram seus rendimentos comprometidos. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2019-2022/2020/Decreto/D10316.htm. Acesso em: 17 fev. 2022.

Mestre Bel (Gilberto Souza Lopes da Silva) – Associação Cultural dos Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá – PE.

Estou formando um novo grupo de Mamulengo e investir mais nos meus bonecos.

Mestra Titinha (Edjane Ferreira de Lima) – Associação Cultural dos Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá – PE.

2.1.2 Podcast

A partir das respostas obtidas por meio do questionário, houve a necessidade de entender mais a fundo as relações dos artistas mamulengueiros com o universo digital em tempos de pandemia. Para ampliar essa escuta, foram entrevistados seis artistas, ao longo de quatro episódios do *podcast Fala Mamulengo*, sendo eles: Vitorino de Igarassu, Tonho de Pombos (Mamulengo Risada), Miro dos Bonecos (Mamulengo Novo Milênio), Neide Lopes, Cida Lopes e Larissa Lopes (Mamulengo Teatro Riso e Mamulengando Alegria).

Figura 7 – Divulgação dos 04 episódios do *podcast Fala Mamulengo*

transborda

//PODCAST **L**

FALA MAMULENGO - EP#1 e EP#2

15/10 QUINTA, 15h

Busque por:

SESC PERNAMBUCO

Nas principais plataformas de streaming de podcast

#CulturaemRedeSescPE

Vamos conversar com as mulheres do Mamulengo Teatro Riso e com o Mestre Miro do Mamulengo Novo Milênio, a respeito dos impactos da pandemia da COVID-19 em suas produções artísticas, saúde e renda. Os diálogos exibidos fazem parte da pesquisa: O MAMULENGO EM TECNOVÍVIO - Reflexões sobre o brincar no contexto da pandemia em 2020.

Mestre Miro

Alex Apolonio

Mamulengo Teatro Riso

Vamos conversar com o Mestre Vitorino e Júnior Pernambucano (Igarassu-PE) e com o Mestre Tonho de Pombos (Pombos-PE), a respeito dos impactos da pandemia da COVID-19 em suas produções artísticas, saúde e renda. Os diálogos exibidos fazem parte da pesquisa: O MAMULENGO EM TECNOVÍVIO - Reflexões sobre o brincar no contexto da pandemia em 2020.

Mestre Vitorino e Júnior Pernambucano

Alex Apolonio

Mestre Tonho de Pombos

Siga-nos!
sescpe.org.br

Fecomércio PE
Sesc | Senac
Instituto Fecomércio

Sesc

A proposta de a cada episódio conversar com artistas de dois grupos, tinha por objetivo fomentar a troca de experiências entre pessoas de um mesmo ofício diante de um momento de crise. As perguntas foram elaboradas de modo a dar espaço para que os/as entrevistados/as pudessem falar sobre suas experiências, sentindo-se livres para fazerem provocações entre si. Essas conversas posteriormente foram editadas e transformadas em quatro episódios de *podcast*. Passo a descrever os assuntos abordados.

A primeira impressão ao tratar do Mamulengo nas redes sociais é a percepção da presença da câmera num lugar que antes era ocupado pelo público e a mediação dessa relação entre mamulengueiro/a e plateia por meio das redes sociais. Nesse sentido, as produções dos brincantes em modo tecnovivial durante a pandemia, têm levado o Mamulengo a tensões de ordem ontológica sobre dois pilares: atuação e formação. Vejamos o depoimento de uma das integrantes do Mamulengo Teatro Riso acerca das *lives*:

[...] Se for levar em consideração a apresentação de Mamulengo, por exemplo, que o principal da apresentação do Mamulengo não é só os bonecos, são as pessoas! Porque todo o desenvolver da apresentação tá relacionado às pessoas. Tem a história? Certo, tem a história! Só que o mamulengueiro, ele mexe com todo o público. Fica até meio complicado você tá fazendo uma apresentação só pra frente de uma câmera, e não ter aquele contato com as pessoas, não escutar os aplausos, não escutar as risadas, não escutar as pessoas reclamando com os bonecos... é bem complicado [...] (Informação verbal. Larissa Lopes do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 22:24 a 23:01, set. 2020).⁴⁷

Correlacionando a importância do convívio⁴⁸ para o Mamulengo com o pensamento de Larissa quanto à necessidade de uma participação ativa do público numa brincadeira de Mamulengo, pensemos: seria possível a brincadeira acontecer sem a presença aurática do público? O tipo de interação ao qual Larissa se refere é uma questão que pode vir a ser solucionada com a evolução das ferramentas de transmissão ao vivo? Ou o Mamulengo no formato digital estaria limitado à encenação de uma narrativa preconcebida, sem possibilidades de interações dramáticas e de criação com a audiência?

Personagens tradicionais do Mamulengo como Chica do Cuscuz e Pisa-Pilão

⁴⁷ *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 01, gravado em 26/09/2020, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzl2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw>. Acesso em: 02 ago. 2021. Larissa do Nascimento Silva, ou Larissa Lopes, é filha de Zé Lopes e Marinês Teresa da Silva (Neide Lopes), atua como Catirina, na frente da barraca, fazendo a interação entre os bonecos e o público, além de tocar instrumentos e construir bonecos.

⁴⁸ Ver página 46 do capítulo 1.

poderiam oferecer seu “cuscuz” on-line? Ou, que efeito teria nas pessoas que assistem o Mamulengo em formato remoto a ação do personagem Janeiro de esticar seu pescoço gigante em direção à plateia para indicar a localização de sua namorada? Até que ponto as passagens que abordam temas como sexualidade, violência e alcoolismo passariam pelo filtro censor dessas redes? Para refletir sobre esse estado de tensão no ambiente digital, aprofundando as percepções entre convívio e tecnovívio, recorro mais uma vez ao pensamento de Dubatti (2016, p. 130, 131, grifo do autor):

Convívio e tecnovívio propõem paradigmas existenciais muito diferentes, contrariamente o que costuma sugerir o mercado de bens tecnológicos, que convida a acreditar que num futuro próximo o convívio será “superado” e “substituído” definitivamente pelo tecnovívio. [...] Cada tecnologia determina mudanças nas condições de viver juntos. Basta pensarmos na internet, em como a informação aparece organizada, pré-organizada, e quantas subjetividades se presentificam nessa intermediação *homem-máquina-homem* ou *homem-máquina {homens}*. Podemos falar em uma subjetividade institucional intermediadora, neste caso uma subjetividade empresarial, com tudo que isso significa: as empresas que fabricam as máquinas ou promovem os serviços [...] todas as estruturas publicitárias e os mediadores que tornam possível essa conexão e que, claro, querem estar “presentes”, à sua maneira, nessa relação, determinando suas condições e possibilidades.



Caroca

Pronto, agora é minha vez de falar. Alex, bote aí um bilhete meio no meio dessa sua dissertação para Larissa e Dubatti, que não tenho medo dessa “ordem tocológia” não, nois brinca! Chica brinca! Bote o PIX dela lá na descrição da *live*, junto com o nome do sujeito que quer o cuscuz, pra você ver se ela num amanhece o dia botando cuscuz!⁴⁹ Ainda é melhor ela receber no PIX,

⁴⁹ O cuscuz, é uma comida à base de milho típica do Nordeste brasileiro, mas no contexto do Mamulengo também é um momento de improviso por meio da construção de versos musicados, em que o/a mamulengueiro/a escolhe uma palavra que rima com o nome da pessoa da plateia que pediu o cuscuz. Exemplo: meu nome é Alex, e rima com a palavra Durex (famosa marca de fitas adesivas, que se popularizou a ponto de tornar-se sinônimo do produto), então um cuscuz com meu nome e a palavra Durex, rimado pela mestra Cida Lopes, ficou assim:

Chica

*Aplantei meu mio
E coleí com Durex.
Aplatei meu mio
E coleí com Durex.
Fazer um cuscuz
pra dar pro Alex!*

Ela pede, eu dou um aperto de mão! (2x).

porque já cai no bolso dela, não corre nem o risco do Mateu enfiar o dinheiro no bolso e depois dizer que não recebeu. Eu tava aqui caladinho esse tempo todinho, só esperando chegar nesse assunto de *live*, pra dizer que tu tá complicando demais a história, Alex. Com *live*, sem *live*, ao vivo, gravado... Pode ser do jeito que for, nois brinca! Boneco saiu da mala, ele já tá brincando. Nois brinca porque é a nossa natureza. Tá certo que, pra mim, que passei todos esses séculos brincando no terreiro, eu ainda tô me acostumando com esse olhão atrepado num tripé de butuca⁵⁰ pra mim, mas eu olho pra câmera e sei que ali dentro tem uma ruma de gente me assistindo. Com essa pandemia foi a maneira que a gente encontrou, fazer o quê, né?! É o jeito! Eu brinco! Janeiro brinca! Chica brinca! Simão brinca. Porque primeiro a gente brinca com o mestre, depois nois resenha com o Mateu, com o sanfoneiro, com a zabumbeira, com o pessoal da técnica, e com quem tiver ali na hora. E se eu saber que tem um conhecido meu assistindo a *live*, eu brinco com ele também. E tá resolvida a história! Olhe, nois brinca dentro da barraca e fora também. Tem um boneco que é um amigo meu lá do Rio Grande do Norte, é Benedito o nome dele, Benedito brinca sentado no colo do mamulengueiro Emmanuel com o celular na mão, alí ó, só de olho no chat e interagindo com o povo. E quando não tem gente na técnica, nois brinca também, certo que às vezes é muito **nó** e **quiprocó**, mas os mestres se esforça, quebra a cabeça pra entender em que botão aperta e qual fio liga no outro, mas no final dá tudo certo, é uma **folgança** boa danada! Agora, eu não vou dizer mais nada, porque se você tivesse consideração por mim, não era pra você ter butado Larissa pra falar no seu *podepeste* não!



Alex

Oxe, e por quê?



Caroca

Porque Larissa uma vez ficou de arrumar a mala pra ir pra São Paulo e me deixou do lado de fora. Diz ela que foi esquecimento, mas quem ficou sem brincar foi eu, os boneco tudinho foram se divertir lá em São Paulo e eu que fiquei aqui em Glória sozinho. Tô na *bad*, ainda não superei.

⁵⁰ Expressão local utilizada para se referir a algo que está à espreita, oculto, observado de forma direta, neste caso a câmera.



Alex

Eita, Coroca, tu é uma resenha visse [risos]. Vou continuar, posso?!



Caroca

Pode, me desculpe aí se eu falei demais, mas é que vocês escreve sobre boneco, faz *podepeste* sobre boneco, opina na vida da gente, mas se esquece de consultar a nois que somo boneco! Pra saber o que a gente pensa disso tudo. Mas vá continue aí, tô gostando. Só pule as parte que Larissa tiver falando.



Alex

Oh Caroca, deixa disso, rapaz, você não tá aqui?! Eu lhe convidei porque gosto de você e tenho muita consideração.



Caroca

Pode até gostar, mas não me convidou pro seu *podepeste*. Você só me chama pra suas coisa acadêmica quando tá tudo pronto. Mas ainda tá bom, que tu pelo menos me convida, e pior que tem gente que chega aqui pra fazer pesquisa e depois que leva o quer, vai embora e não volta mais!

A relação entre o Mamulengo e a cultura digital se intensifica de modo abrupto em função da pandemia. Sendo as redes sociais um território até então cenicamente quase inexplorado pelos brincantes, questionamentos sobre o fato de uma apresentação de Mamulengo on-line poder ser considerada uma brincadeira vieram à tona. Alguns questionamentos em tom pejorativo, buscando ancorar sua crítica numa visão cristalizada de tradição, para depreciar o trabalho dos brincantes que buscavam investigar-se artisticamente por meio desses suportes, tendo as redes sociais como única “boia de salvação” para não parar quando tudo estava parado. Mas, ainda que a dimensão brincante desse teatro de bonecos seja posta em xeque, em virtude das condições que o tecnovívio oferece, o próprio tempo e a labuta da comunidade mamulengueira já demonstram que brincar na internet não é um tipo de brincadeira inferior em relação à brincadeira presencial. Tratam-se de brincadeiras

dentro de contextos diferentes, com as possibilidades que o formato digital e o presencial permitem.

Se por um lado as relações tecnoviviais impõem desafios aos brincantes para estabelecer diálogo com o público, por outro, somente essas redes permitem aos brincantes constituir relações síncronas que não seriam possíveis de modo convival. Por exemplo, em relação à abrangência territorial.

Em uma das *lives* que a gente fez, a gente nem imaginava que tava chegando lá, né?! É... então reuniu um público muito, muito amplo e diverso, né?! Porque a gente viu gente daqui do Estado, daqui da cidade, gente de outras cidades, de outros Estados, de outro país. Então, de certa forma ampliou mais ainda, né?! Esse conhecimento, as pessoas saberem que a gente tá aqui, que a gente tá fazendo esse trabalho”. (Mestra Cida Lopes do Mamulengo Teatro Riso, Glória do Goitá – PE, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 11:48 a 12:18, set. 2020).⁵¹

Além da possibilidade de alcance global, outra característica inerente à produção de conteúdo por meio das transmissões ao vivo (as *lives*), é o registro audiovisual gerado automaticamente após a brincadeira do Mamulengo, ficando disponível para acessos assíncronos. Antes da pandemia, em razão das dificuldades de acesso às tecnologias já apontadas no início desta seção, o registro, geralmente era uma preocupação para a maioria dos brincantes apenas quando uma instituição o exigia como critério de seleção de sua obra em editais, convocatórias ou chamadas públicas.

Nessa relação mediada por suportes tecnológicos, os processos de transmissão de saberes entre mestres e aprendizes se reconfiguram para adaptar-se às novas possibilidades de conexão com o público, enxergando as redes sociais como uma nova ferramenta de fortalecimento do brinquedo. Vejamos o que o mestre Tonho de Pombos, criador do canal *Mulungu* no Youtube, espaço dedicado à partilha de saberes inerentes ao Mamulengo, tem a dizer sobre esses os processos pedagógicos em tempos pandêmicos:

[...] essa ideia de fazer esse canal surgiu justamente de uma fatalidade, né? (Na verdade, eu já tinha esse plano, só não sabia como fazer). Mas dado ao momento em que aconteceu toda essa tragédia, nosso querido Zé Lopes foi embora.⁵² E como eu estava falando anteriormente, um tesouro se perdeu! Se

⁵¹ *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 02, gravado em 26/09/2020, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC> Acesso em: 02 ago. 2021. Cirleide do Nascimento Silva, mais conhecida como Cida Lopes, é uma jovem mestra mamulengueira e bonequeira. Irmã de Larissa e filha dos brincantes Zé Lopes e Neide Lopes.

⁵² Antônio José da Silva, mais conhecido como Tonho de Pombos, em alusão ao nome do município onde reside e há décadas desenvolve um trabalho com o Mamulengo. Nessa fala, mestre Tonho refere-se à morte do mestre

perdeu! Porque muita coisa que ele não conseguiu repassar, infelizmente foi embora com ele. Então desse pensamento, dessa reflexão surgiu a ideia d'eu montar o canal. Aí eu disse: – eu vou fazer um canal no Youtube, uma conta e vou começar a registrar as minhas vivências, meu conhecimento... E o objetivo é justamente esse: de repassar! Porque não dá pra eu... E principalmente nesse momento agora que a gente tá todo mundo guardado dentro de casa, a gente não consegue entrar em contato uns com os outros, contato físico. Então é necessário que se grave, que se registre, todas essas histórias, tudo, todo o conhecimento guardado ao longo do tempo, é preciso guardar, pra que as outras pessoas possam ter acesso a esse conhecimento. (Informação verbal. Mestre Tonho de Pombos, do Mamulengo Risada, Pombos – PE, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 08:01 a 09:21, out. 2020).⁵³

Ainda em entrevista ao *podcast*, mestre Tonho tece considerações sobre as perdas de afeto humano e de qualidade da brincadeira nas interações tecnoviviais apontadas anteriormente por mestre Vitorino de Igarassu – PE, ao mesmo tempo que nos chama a atenção para as contribuições futuras do compartilhamento de saberes em forma remota e assíncrona.

Cada situação tem a sua benéfica, né?! Porque nessa questão da apresentação, é como seu Vitorino disse: nada substitui a alegria de você tá em contato com o público, de você tá sentindo, ouvindo de perto a reação do que você tá fazendo, o que você tá provocando nas outras pessoas, em termo de emoção, você tá conseguindo emocionar as outras pessoas. Nada substitui isso! Agora, a importância desse momento que a gente tá vivendo de registro, tem uma outra importância, tem um outro peso. Isso vai vir ser mostrado no futuro, quando as outras gerações começarem a fazer, a pensar sobre isso, por consequência da influência desse trabalho que a gente tá fazendo: essas entrevistas, essas *lives*, elas não são em vão, elas têm sua importância porque isso vai afetar futuramente (Informação verbal. Mestre Tonho de Pombos, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 28:18 a 29:20, out. 2020).⁵⁴

Uma questão delicada nesse formato remoto e assíncrono de ensino/aprendizado é a ausência do olhar do mestre(a) para com o aprendiz. Essa ausência de convívio, não daria conta de reparar possíveis más interpretações por parte do aprendiz acerca dos saberes da arte do Mamulengo. Para os futuros brincantes, o registro será importante como recurso didático,

Zé Lopes, ocorrida em 21/08/2020. Para ver o canal *Mulungu* e conhecer o trabalho do mestre, consultar: <https://www.youtube.com/channel/UCMRnGXhgfhLomikR-78VDxQ>. Acesso em: 06 ago. 2021.

⁵³ *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 03, gravado em 01/10/2020, disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6mC5sz4qNmAyVtwE7C9d1I>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁵⁴ Idem.

mas não substitui o/a mestre/a, visto que o Mamulengo se mantém vivo na relação mestre-discípulo, brincante-público.

O Mamulengo é uma manifestação artístico-cultural que vai além do território das artes cênicas, chegando ao campo das artes visuais, onde encontra outras possibilidades de existir poeticamente e de gerar rentabilidade. Um exemplo disso são os/as bonequeiros/as que comercializam seus trabalhos, em seus ateliês/casas, em feiras de artesanato e festivais. Com o advento da pandemia, o mercado de venda de bonecos também precisou se reinventar, haja vista que os mamulengueiros pararam de receber clientes em seus ateliês/casas, e viram eventos como o Festival de Inverno de Garanhuns – FIG e a Feira Nacional de Negócios do Artesanato – a Fenearte,⁵⁵ terem suas edições em 2020 canceladas.

[...] Durante o ano, a feira que a gente mais vende, que a gente conta realmente que começa a produção, é acabando a feira hoje, já começa a trabalhar pro ano que vem, é a Fenearte, que são dez dias de feira, né?! E foi bem puxando pra gente, foi uma “lapada” muito forte, a pandemia veio e tirou essa feira da gente [...] (Informação verbal. Larissa Lopes, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 21:17 a 21:35, set. 2020).⁵⁶

Nesse sentido, a necessidade de sobrevivência suprida pela venda dos bonecos no mercado de artesanato, foi mais um fator impulsionador para que os brincantes encarassem as vendas on-line como uma possibilidade real de rentabilidade, e por isso buscassem superar os desafios tecnológicos.

Ainda em março de 2020, durante os primeiros casos de Covid-19 no Brasil, não era possível imaginar que as edições dos ciclos das paixões, do ciclo junino, do FIG e da Fenearte seriam suspensas. Na medida em que a pandemia perdurava e junto com ela o distanciamento social, as autoridades iam postergando a reabertura das atividades econômicas. Com isso, os brincantes foram seguindo a tendência global das *lives*, realizando apresentações remotas quer seja por iniciativa própria ou por contratos com instituições públicas e privadas. Enfim, os brincantes foram buscando formas de gerar renda a partir da internet, a exemplo das

⁵⁵ Organizada pelo governo de Pernambuco, em 2019, na sua 20ª edição a Fenearte contou com 5 mil expositores e um público estimado em 300 mil pessoas, movimentando cerca de 45 milhões de reais. Informação disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/canal/economia/pernambuco/noticia/2019/07/15/fenearte-movimenta-r-45-milhoes-e-supera-expectativa-383300.php>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁵⁶ *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 01, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cOmmEifWz12gijO5ct2vm?si=MWxugAtOSk6MSvU9COxMQw> Acesso em: 02 ago. 2021.

vendas on-line realizadas pelos mestres Miro, Tonho e tantos outros. Nesse sentido, dentre os vários aprendizados a partir das condições impostas pela pandemia, os/as brincantes destacam:

Uma pandemia onde você se vê preso dentro de casa, sem poder sair, sem poder estar em contato com as pessoas, isso também lhe coloca numa condição de, de o seu emocional, o seu mental também mudar, né?! Então, às vezes, você vai se encontrar num momento muito criativo, em outros momentos, vai se ver desmotivado a criar, né?! Então, apesar da gente saber que terá fim essa pandemia, porque terá, e eu acredito que está próximo, mas você lidar com sete meses dentro de casa, sem você brincar, sem você levar seus bonecos pra vender, isso vai mudando muita coisa, vai mudando tanto no interno, quanto no externo mesmo do artista, do mental, do emocional, de tudo. (Informação verbal. Mestra Cida Lopes, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 23:18 a 24:05, set. 2020).⁵⁷

A fala da mestra Cida revela outra camada que afeta diretamente a qualidade do trabalho feito pelos brincantes durante a pandemia: a saúde mental. Em situações isoladas essa poderia ser vista como uma questão pessoal e subjetiva, mas num contexto de crise global como a pandemia, onde muitas pessoas vivenciaram um longo período de confinamento, em maior ou menor grau, essa passa a ser uma questão coletiva. A brincante fala ainda sobre as descobertas dos benefícios tecnológicos e aplicabilidades ao Mamulengo que continuarão fazendo parte do seu ofício para além da pandemia.

E eu acho que essa ideia das *lives*, não sei tanto se com apresentação exatamente, mas pra uma conversa mesmo, isso, isso é bom, é uma coisa que a gente pode deixar como positivo e pra o futuro mesmo, continuar se fazendo isso. Já que a tecnologia tá aí, tem essa forma da gente estar aqui e estar em vários lugares ao mesmo tempo, então isso é muito positivo pra gente levar pra vida mesmo, pra o nosso trabalho. (Informação verbal. Mestra Cida Lopes, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 12:39 a 13:06, set. 2020).⁵⁸

E conclui falando de seu reposicionamento frente aos últimos acontecimentos:

Uma coisa que essa quarentena ensinou é que a gente tem de ir atrás dos clientes, e a internet tá aí pra gente fazer esse corre, né?! Porque antes a

⁵⁷ *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 01, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzI2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw>. Acesso em: 02 ago. 2021.

⁵⁸ *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 02, gravado em 26/09/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC>. Acesso em: 02 ago. 2021.

gente dependia das feiras como a Fenearte, que a gente não teve esse ano, e muitas outras feiras, apresentações e tudo. Então, o que a gente não vai fazer agora é ficar apenas esperando, a gente precisa realmente correr atrás disso, né? (Informação verbal. Mestra Cida Lopes, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 21:41 a 22:06, set. 2020).⁵⁹

Mestre Tonho de Pombos também ressalta outros aspectos positivos e negativos da pandemia, e há na sua fala correlações com o discurso de Cida no tocante aos desafios psicológicos e aprendizados tecnológicos.

[...] eu acredito na dualidade das coisas, toda coisa ruim tem um lado bom, que é preciso explorar, às vezes a gente não percebe, mas tem um lado bom. Isso [estado de distanciamento] me manteve mais dentro de casa, e me fez criar mais, pensar mais sobre meu trabalho com o Mamulengo, porque eu tava muito correndo atrás de outras coisas e tava meio que esquecido do trabalho com o Mamulengo, que é de suma importância pra mim. Isso me fez evoluir um pouco nessa questão de internet, tecnologia, essas coisas [...] (Informação verbal. Mestre Tonho de Pombos, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 20:50 a 21:33, out. 2020).⁶⁰

Mestre Vitorino de Igarassu destaca valores como fé, coragem, perseverança, e a importância da poesia como chaves para superar a crise e levar o Mamulengo adiante:

Eu acho que depende da fé, um homem de fé, que não tem preguiça, se for preguiçoso não vai, o negócio é sério! É tem de ser de fé, de coragem, disposição, inteligência, e Deus dá aquela inteligência a ele, dele ir à frente, aquilo que ele pensa na memória e ele dizer assim: – eu vou fazer, e fazer! E fazer com alegria. Ele mesmo sorri com o que ele faz, ele ter alegria e faz os outros sorri [...] e fazer os outro apreender também alguma coisa pra que aquela arte não morra, pra não morrer, pra ir pra frente sempre os que vai ficando. Isso aí é bom, isso aí é bonito, a gente ficar dentro de uma empanada, ocupar duas mãos com boneco e sair cantando:

*Oi quebra coco, quebra coco,
Na beirinha do riacho.
Tu quebra coco em cima,
Que eu quebro coco em baixo (2x)*

⁵⁹ Idem.

⁶⁰ *Podcast Fala Mamulengo*, episódio 03, gravado em 01/10/2020 e disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6mC5sz4qNmAyVtwE7C9d1I> Acesso em: 02 ago. 2021. José Vitorino Freire (1923-2021), na época com 97 anos, foi um dos brincantes mais longevos do Estado. Além de artista, seu Vitorino também foi curandeiro/rezador.

(Informação verbal. Mestre Vitorino de Igarassu, Mamulengo do Vitorino, Igarassu – PE em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, 31:51 a 33:28, out. 2020).⁶¹

Pois bem, o questionário e o *podcast* foram exercícios de escuta focados na individualidade de cada artista/grupo. Até aqui, no que diz respeito ao contexto pandêmico estão postas as principais questões quanto à inclusão digital na comunidade mamulengueira e à presença do Mamulengo nas redes sociais. A partir dessa compreensão, deu-se início às ações propositivas desta pesquisa na busca gradativa pela superação das problemáticas apontadas.

2.2 PROPOSIÇÃO

Na introdução deste trabalho, pontuei que a pesquisa *Mamulengo em Tecnovívio* em suas ações, por meio das leis de incentivo à cultura, durante os primeiros meses de confinamento pandêmico, tinha como propósito inicial “tão-somente compreender as tensões entre mamulengueiros/as e as redes sociais”, mas que “pouco a pouco, passei a defrontar-me com relatos de alguns brincantes sobre as dificuldades em lidar com atividades corriqueiras do trabalho com redes sociais”, o que me fez concluir que apenas compreender a situação não daria conta do problema.

Pontuei ainda o desconforto de cogitar uma passagem pelo PPGArC pesquisando o Mamulengo em ambiente digital de forma estritamente analítica e distanciada das realidades dos brincantes, ciente que caso optasse por essa postura e não ocorrendo nenhuma ação de intervenção na problemática em questão por parte de terceiros, ao sair do programa as dificuldades dos brincantes continuariam.

Era perceptível que para as trabalhadoras e trabalhadores da cultura, estar em rede durante os tempos pandêmicos significava a única oportunidade possível de trabalho e trocas afetivas com o mundo. Presumo que estar em rede no pós-pandemia será fator importante e quiçá determinante para a manutenção de um brinquedo como o Mamulengo, e do diálogo dessa manifestação tradicional da cultura popular com as novas gerações de apreciadores e brincantes.

É importante ter em mente que o discurso defendido aqui não se trata de uma sobreposição do tecnovívio ao convívio. Antes de tudo, trata-se da defesa de que ambos possam coexistir complementando-se para potencializar o Mamulengo enquanto manifestação

⁶¹ Idem.

cultural, fortalecendo o/a mamulengueiro/a que precisa e merece estar incluído no universo digital para que assim possa realizar seu trabalho e garantir sua renda.

É sabido que, para o artista da cultura popular, acostumado a viver no meio do terreiro, cercado de gente, nada substitui o convívio, a brincadeira ao vivo, com gente interagindo com o boneco. Com a superação da pandemia, é natural e extremamente vital para o processo de manutenção e salvaguarda do Mamulengo que o convívio seja retomado. Mas, ao fim da primeira etapa desta pesquisa (outubro de 2020), ainda não havia nenhuma perspectiva concreta de quando aconteceria a tão sonhada superação, e o ambiente digital continuava sendo a única opção de espaço para desenvolvimento de trabalho remunerado.

Por isso, aquele momento de crise demandava uma resposta imediata, capaz de em um curto espaço de tempo possibilitar conhecimento básico para que os brincantes pudessem ter um grau mínimo de autonomia no trabalho com Mamulengo por meio das plataformas digitais. Desse modo, foi a necessidade imediata de oferecer suporte à produção virtual dos brincantes que inspirou a continuidade de uma segunda etapa da pesquisa, sem perder de vista a possibilidade de quiçá a médio e longo prazo o trabalho pudesse a vir oferecer alguma contribuição na superação das problemáticas de ordem estrutural, e com isso algum avanço no processo de inclusão digital dos brincantes.

Pois bem, nesta segunda etapa ocorreram duas ações: o bate-papo *Caminhos para a inclusão digital* e o curso *Conectando Brincantes* – composto por 05 aulas, seguidas de 30 minutos de consultoria individual para cada participante.

2.2.1 Bate-papo *Caminhos para a inclusão digital*

Com a proposta de discutir a temática da inclusão digital entre a comunidade mamulengueira, na tarde do sábado 13 de fevereiro de 2021, estiveram reunidas virtualmente 25 pessoas, entre elas: brincantes, produtores e pesquisadores de diversas regiões de Pernambuco, bem como de Alagoas e do Rio Grande do Norte.⁶²

⁶² Bate-papo completo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0AhPn8tDS2A> Acesso em: 27 jan. 2022.

Figura 8 – Divulgação do bate-papo *Caminhos para a inclusão digital*



Ao longo de duas horas de conversa, os presentes compartilharam suas experiências com o Mamulengo no âmbito virtual, sobretudo durante o período pandêmico, porém logo no início do bate-papo alguns mestres não deixaram de enfatizar a presença de recursos tecnológicos de comunicação no cotidiano do/da artista mamulengueiro/a muito antes da pandemia. Os mestres Wagner Porto e Jurubeba destacam a valorização que seus precursores davam à difusão e ao registro do Mamulengo por meio de tais recursos.

Wagner Porto,⁶³ por exemplo, relatou no bate-papo que no início dos anos 2000, ao se estabelecer em Garanhuns – PE, admirou-se com um mamulengueiro conhecido por João

⁶³ Wagner Porto é bonequeiro e mestre mamulengueiro atuante desde a década de 1980, nos últimos 20 anos radicou-se em Garanhuns (Agreste pernambucano), onde junto à sua família dedica-se à arte do Mamulengo, sendo um dos poucos mamulengueiros atuantes na região. Com o tempo, passou a se dedicar também à produção cultural, e por meio de leis de incentivo desenvolve projetos de abrangência estadual com foco na salvaguarda do Mamulengo. Em 2019, recebeu do IPHAN, o Prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade pelo trabalho de registro e difusão do fazer de mestres/as mamulengueiros/as, desenvolvido por meio do *Canal Babau*, com foco nas redes sociais, disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCa9Kzhsl-Jsa4JG7rltj5Aw/videos>.

Fuzaca,⁶⁴ que chegava a pagar o dobro do valor do seu cachê para obter um registro filmico de sua brincadeira. Segundo Wagner, o hábito de João de registrar suas brincadeiras em filmes, foi inspirador para a idealização do projeto *Salvuarda do Mamulengo Pernambucano: patrimônio cultural do Brasil*, tendo o registro filmico do fazer dos brincantes como principal ferramenta de salvaguarda.

A fala de Wagner fez surgir a necessidade de entender mais a fundo o seu trabalho de salvaguarda tendo o uso de ferramentas cinematográficas como estratégia de registro do Mamulengo, por isso o convidei para uma entrevista à parte, da qual passo a transcrever os trechos mais relevantes para a reflexão em curso:

Wagner, como você chegou no entendimento de que o audiovisual poderia contribuir com o processo de salvaguarda do Mamulengo?

Foi João quem deu a ideia de como seria a nossa estratégia de salvaguarda. Porque quando eu falei pra ele: – *Oh João, como é que a gente vai fazer? Tem que fazer um trabalho de salvaguarda dos bonecos [...]* Aí ele disse: – *A gente vai na casa de cada um e filma todos os bonecos um, por um.* Isso foi em Olinda – PE, em 2015, durante o *Seminário Patrimônio Por Eles Mesmos* e lá, dentro das mesas temáticas – com 55 mestres do Nordeste, todo mundo falava isso: – *Tem de registrar os bonecos; – Tá se perdendo...* Foi aí que João foi bem prático e disse: – *Ah, se é pra registrar, então vamos atrás de todo mundo, filmar todos os bonecos e acabou!* (Informação verbal).⁶⁵

Segundo Wagner, mesmo João sendo um homem da tradição, era um apologista do uso da tecnologia no Mamulengo, sobretudo pela possibilidade de utilizar a linguagem cinematográfica a serviço da poeticidade dos mamulengos.

João foi muito importante para que eu percebesse o valor desse trabalho! João deixou bem claro pra mim o quanto isso era importante – afetivamente [...] Que era legal se assistir, era um ponto de vista que ele não tinha, o ponto de vista do lado de fora da barraca. Como é que as pessoas estão vendo o espetáculo? Ele tinha muitas pretensões, João almejava que a gente fizesse um longa metragem, era o sonho dele um superfilme de Mamulengo. E ele estudava isso, ele fazia cadernos [...] Estudava histórias em quadrinhos, né?! *Storyboards* com ações dos personagens do Mamulengo. Os personagens do Mamulengo de João tinham uma extensão de vida, numa

⁶⁴ Mestre João do Mamulengo, o João Azevedo Cavalcanti (1962-2017), também conhecido como João Fuzaca. Segundo Wagner, iniciou na arte do Mamulengo ainda criança como ajudante do mestre Neném Fuzaca em São João (cidade vizinha a Garanhuns). Além de mamulengueiro, João exerceu outras profissões como palhaço e tocador em banda de forró.

⁶⁵ Informação fornecida pelo mestre mamulengueiro Wagner Porto, por meio de entrevista remota em 04 de fevereiro de 2022, Pernambuco.

outra dimensão que era desenhada nesses cadernos de João [...] (Informação verbal).⁶⁶

Você falando isso, fica claro algumas escolhas estéticas e a própria narrativa dos filmes postados no Canal Babau no Youtube. Wagner, qual a sua familiaridade com equipamentos como: câmera, tripé, microfone, computador, programas de edição, nessa época?

Quando eu vim morar em Garanhuns, em 2000, eu não tinha nenhum equipamento eletrônico. Mas as coisas aconteceram muito rapidamente, em 2007 ganhei o prêmio *Culturas Populares*, e foi com esse recurso do extinto Ministério da Cultura – Minc que comprei um computador. E nem tinha energia elétrica lá na minha casa [Nesse período Wagner morava em um quilombo na zona rural de Garanhuns] Eu tive que solicitar um auxílio ao Minc, que entrou em contato com a CHESF, [Companhia Hidrelétrica do São Francisco] e a partir de 2008, eu passo até mais contato com João e passo a acompanhá-lo, e assim, sempre que eu tinha bateria e cartão, eu tava gravando ele.

A dificuldade com equipamento era muito grande, principalmente nos anos 2000. A primeira dificuldade era dominar essa tecnologia. Primeiro que ela é cara, né?! Excludente, de difícil acesso, manipulação... E precisa de amparo técnico mesmo, pra gente fazer um trabalho legal, de uma forma profissional. Depois, eu fui percebendo que existia uma dificuldade muito grande com som, de controlar elementos externos que pudessem atrapalhar a gravação. Mas a maior dificuldade sempre foi tá “chupando cana e assoviar ao mesmo tempo”, sabe?! Às vezes, eu tava filmando, e tocando, e entrando na barraca pra ajudar João, e depois voltava pra tocar de novo, aí às vezes a câmera se desligava sozinha, eu não via, aí perdia o registro e tinha que ligar de novo, enfim... Era uma coisa muito difícil não ter uma equipe.

Daí em 2017, quando a gente conseguiu recurso para fazer o projeto de salvaguarda, daí a gente já tava em contato com pessoas do universo audiovisual, e daí conseguimos avançar mais. Foi massa conviver com pessoas que tinham essa base técnica, porque daí eu pude aprender mais sobre equipamento, lentes, planos, enfim... Juntando essas experiências todas, a gente conseguiu fazer umas coisas legais dentro do audiovisual, dentro das limitações que a gente tinha, né?! Mas, mesmo assim “apanhado” bastante. E dentro dessas limitações, pra gente fazer alguma coisa, tem de ser muito criativo. A gente vai inventando soluções, como: adaptar um “braço” com uma câmera na boca de cena da barraca para captar de pertinho os bonecos, e a gente foi aprendendo no fazer mesmo... (Informação verbal).⁶⁷

Assim como João, dentre os mestres com quem você trabalhou, todos tinham essa disponibilidade de entregar o que sabiam para a câmera?

Não, não! Tinha uma questão que permeava toda essa história aí, é que alguns mestres ficavam achando que poderia não ser legal entregar os seus enredos, né?! Entregar, como diz mestre Calú, *seus papéis*. Porque eles

⁶⁶ Idem.

⁶⁷ Idem.

achavam que podia fazer perder a graça, – *Ah, a pessoa já assistiu o filme e aí? Qual é a graça que vai ter assistir ao vivo?* Eles achavam que o filme tava entregando, e alguns mestres não gostaram disso. Por isso, que lá no *Canal Babau* tem alguns filmes que a pessoa olha assim e diz: – *Oxe! Mas isso não tem lógica!* Aí eu digo: – *Pois é, mas o mestre quis assim. Ele não quis entregar a história completa.*

Infelizmente, logo após o início do projeto *Salv guarda do Mamulengo Pernambucano: patrimônio cultural do Brasil*, em 2017, João foi acometido por uma doença, vindo a falecer em 31/12/2017, aos 55 anos. Wagner afirma ainda que por essa razão os primeiros meses do projeto foram dedicados exclusivamente ao registro da obra de João. O trabalho audiovisual de Wagner com os bonecos representa uma dimensão peculiar do Mamulengo em tecnovívio, pois busca referências nas passagens tradicionais para construir uma narrativa estruturada a partir da lógica da linguagem cinematográfica, com toda sorte de possibilidades que a linguagem do cinema permite usar.

Voltando à conversa do bate-papo *Caminhos para a inclusão digital*, mestre Jurubeba⁶⁸ enfatizou que segue a linha de mestre Ginú.⁶⁹ Segundo ele, teria sido Ginú o primeiro que “modernizou” o Mamulengo ao captar sua voz por microfone e amplificá-la em caixas de som. Isso em virtude de Ginú se apresentar em ruas e praças públicas, e ter que lidar com as interferências sonoras decorrentes do trânsito de pessoas e veículos. De forma implícita, Jurubeba nos chama a atenção para o uso de outras tecnologias sonoras e luminosas, que, aplicadas à cena, “amplificam” a recepção da brincadeira.

Ainda sobre pioneirismos, já ouvi, em conversas informais, que teria sido o mestre Zé Lopes um dos primeiros brincantes na região a inserir o número de telefone celular na placa de sua barraca, juntamente com um endereço de e-mail, o que denota a percepção do mamulengueiro sobre a importância de tais meios de comunicação como ferramentas estratégicas de se conectar com possíveis contratantes.

⁶⁸ José Júlio Souza de Melo, popularmente conhecido na região metropolitana do Recife como mestre Jurubeba, iniciou sua trajetória em 1987, por influência do mestre Otávio Coutinho do Mamulengo Só Riso de Olinda. Hoje, é um dos mais importantes mamulengueiros da cena pernambucana.

⁶⁹ Januário de Oliveira (1910-1977), popularmente conhecido como mestre Ginú, foi um importante mamulengueiro da região metropolitana do Recife – PE.

Fotografia 6 – Frente da barraca do Mamulengo Teatro Riso



Autor da fotografia: Angelo Azuos (2021). Em cena os bonecos: Morte e Bambu. Abaixo, a placa do Mamulengo com dizeres: MAMULENGO TEATRO RISO, O MUNDO ENCANTADO DOS BONECOS. CRIADO E APRESENTADO PELO MESTRE ZÉ LOPES DESDE 21.10.1982 GLÓRIA DO GOITÁ – PE. E-MAIL: MAMULENG@HOTMAIL.COM TEL: (81) 9760-3451.⁷⁰

Ainda sobre a relação com a internet, num período anterior à pandemia, Pablo Dantas⁷¹ – na época presidente da Associação Cultural dos Mamulengueiros e Artesãos de Glória do Goitá – ACMAGG, compartilhou que ao chegar à Associação, em 2017, a Associação já possuía e-mail, blog, contas no Facebook e Instagram, mas que nessas contas não havia a movimentação necessária que as redes digitais demandam.⁷²

Com a chegada de Pablo, e seu trabalho como assessor de comunicação, a Associação

⁷⁰ A foto registra a barraca em uma apresentação realizada por meio do projeto *Cada mamulengo tem sua cantoria*, em 30/10/21, no sítio Palmeira (zona rural de Glória do Goitá – PE). Na ocasião, a mestra Cida Lopes brincava com o Mamulengo, ela assumiu a condução do grupo após o falecimento do pai, e mesmo com o e-mail e telefone desatualizados, por uma questão estética e afetiva, optou por manter a placa tal qual mestre Zé Lopes deixou.

⁷¹ Historiador, especialista em cultura pernambucana, além de produtor cultural e presidente da ACMAGG.

⁷² O blog ao qual Pablo se refere está disponível em: [Museu do Mamulengo de Glória do Goitá: Mamulengo \(museudomamulengodegloriadogoita.blogspot.com\)](http://museudomamulengodegloriadogoita.blogspot.com) e possui postagens que datam de 2012. Acesso em: 29 jan. 2022.

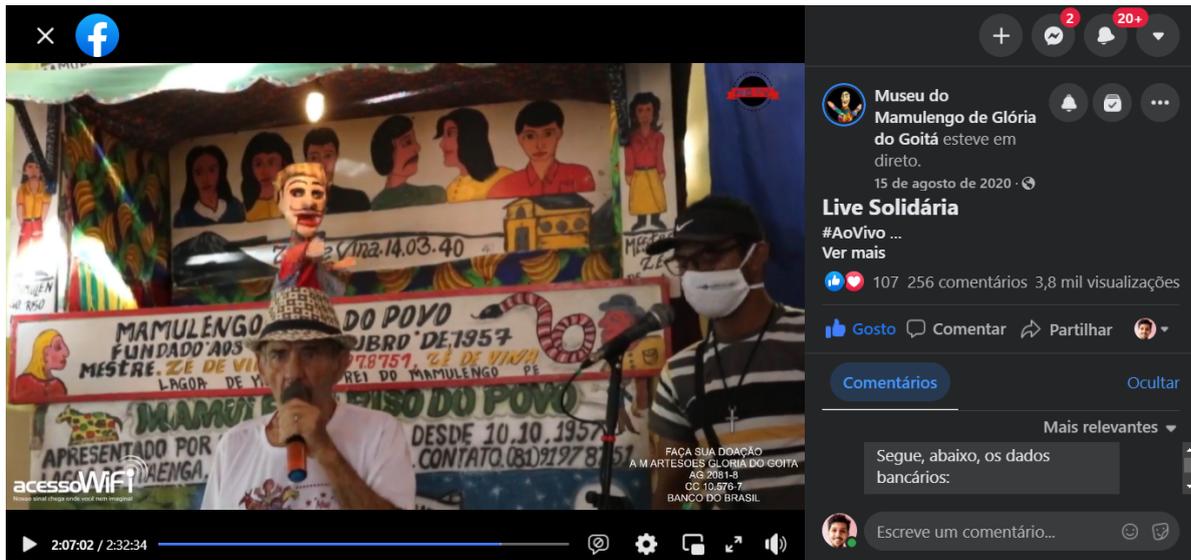
passou a atuar com maior constância nas redes, mantendo uma comunicação intensa com o público por meio de postagens diárias de textos, fotos e vídeos com o objetivo de promover os projetos realizados pela ACMAGG. Assim, quando a pandemia chegou e a Associação teve de fechar as portas, já havia sido conquistada uma interação com o público por meio das redes, o que, segundo Pablo, foi importante para o sucesso das ações de enfrentamento da crise encabeçadas pela entidade, principalmente a *Live Solidária* em prol do mestre Zé de Vina e o Feirão do Mamulengo. Ações sobre as quais me aprofundei em uma entrevista à parte com Pablo, vejamos:

Pablo, em que contexto surgiu a ideia e como se deu a *Live Solidária*?

Diante da dificuldade financeira da Associação e do mestre Zé de Vina, a gente decidiu promover uma *live solidária*. E aí Zé de Vina concordou, a gente pediu apoio a Mió TV para fazer a transmissão, a gente queria entrar ao vivo bem, coisa bem feita, com material de ponta, numa boa, sabe?! Fazendo algo de qualidade, mesmo que tivesse com esse nome de “solidária” e pedindo ajuda, né?! Mas a Mió TV veio montou estrutura de três câmeras e uma transmissão muito bem executada, e a gente montou uma programação pra ficar ao vivo umas três a quatro horas, uma “bomba” de Mamulengo no país. E aí eu entrei como apresentador, e brincou mestre Bel brincar, mestre Bila, mestre Zé de Vina, nos intervalos fomos agradecendo, falando com as pessoas... A gente não esperava a audiência que teve, tinham momentos que tinham 40, 50 pessoas assistindo. A gente também não esperava que tivesse uma doação tão grande, recebemos quase R\$ 4.000,00 (quatro mil reais) em doação. Ficamos muito felizes, e eu fiquei mais feliz ainda quando comecei a perceber que Zé de Vina estava mesmo era a fim de brincar... Então a *Live Solidária* foi maravilhosa, nos sentimos abraçados pelo Brasil... Então deu visibilidade, a gente brincou, saímos um pouco da depressão dos meses fechados... A *Live Solidária* foi o início da grande reabertura do Museu (Informação verbal).⁷³

⁷³ Informação fornecida pelo produtor cultural Pablo Dantas, por meio de entrevista remota em 04 de fevereiro de 2022, Pernambuco.

Figura 9 – Captura de tela de um momento da *Live Solidária*



Destaque para o mestre Zé de Vina ao centro da imagem conduzindo a brincadeira de fora da barraca.

Pablo, outra grande ação digital da Associação durante a pandemia foi o Feirão do Mamulengo, de onde partiu a ideia?

O Feirão do Mamulengo começa com um descontentamento com a Fenearte. A percepção de que nos últimos anos a Fenearte não estava nos trazendo lucro, e a visibilidade não era tamanha. Essa reflexão é do ponto de vista estritamente comercial, porque na Associação os sócios precisam vender pra comer, boa parte da renda dos associados vem da venda do mamulengo, das brincadeiras e oficinas. Então, a reflexão foi essa: *Se a Fenearte não está rendendo o que a gente espera, então vamos criar a nossa própria “Fenearte”, e a ideia do nome foi do mestre Bila: – Vai se chamar Feirão do Mamulengo!* E aconteceu em novembro de 2020, foi um “estrondo”! Em 15 dias vendemos quase R\$ 10.000,00 (dez mil reais) à vista, e ficou encomenda para 2021 quase todo. Então, além do Feirão render grana instantânea para os artesãos, fica encomenda para o ano inteiro. E além disso, a visibilidade “estrondosa” das redes sociais chegando no país inteiro e em outros países do mundo, a gente vendeu R\$ 800,00 de bonecos para Itália em uma tarde. Vendemos pra Espanha também. Aí quando teve a segunda edição em 2021, a gente viu que era uma coisa especial, não dava pra tá tendo sempre, é pra ter assim: uma vez no ano. É um projeto que nos rende meses de encomenda... (Informação verbal).⁷⁴

Entre as estratégias de venda para o Feirão, Pablo aponta que o catálogo, um PDF com mais de 100 fotos de bonecos, deu bastante celeridade ao projeto, visto que o formato PDF facilitou o acesso tanto pelo Instagram, por meio de um link na bio, quanto o envio pelo WhatsApp, o que tornou a divulgação dos produtos fácil para os vendedores e o acesso

⁷⁴ Idem.

simplificado por parte do público. Mas, segundo Pablo, propositalmente, o catálogo não continha todas as informações referentes à venda, visto que o intuito maior era que o cliente iniciasse uma conversa, e a partir dessa relação a venda se tornasse personalizada, e quiçá ocorresse a fidelização do cliente.

A realização de transmissões ao vivo, com os bonequeiros produzindo os bonecos, foi outra estratégia que potencializou as vendas. De acordo com Pablo, o público gosta de saber como o boneco é feito, essas transmissões possuem uma boa audiência e sempre acabavam rendendo mais vendas.

No Feirão, o público tem a oportunidade de comprar os bonecos com desconto, no entanto o custo do frete, por vezes, soava como empecilho para o fechamento de algumas vendas, desse modo quando havia várias pessoas de uma mesma região interessadas em adquirir os bonecos, a Associação estimulava que os clientes se juntassem para fazer um único pedido, para que pudessem dividir entre si a taxa de entrega. Essa estratégia garantiu que os bonequeiros não perdessem a venda, além de estimular a aquisição de mais bonecos.

De modo geral, as estratégias de divulgação adotadas pela ACMAGG humanizaram o fazer dos brincantes ao mostrar os bastidores, no intuito de compartilhar com o público o cotidiano dos fazedores do Mamulengo. O caminho tomado pela ACMAGG em ofertar ao público das redes sociais algo além dos produtos: brincadeira, boneco e oficina, é uma potente estratégia de engajamento com a audiência, retorno financeiro e consolidação de imagem positiva da Associação, visto que as pessoas não estão apenas comprando um boneco ou assistindo um brincadeira, o público está adquirindo a obra de cujos artistas acessa a intimidade profissional, isso gera empatia, a venda torna-se um meio para algo maior que é a construção de uma relação afetiva.

Voltando ao fluxo do bate-papo, para além de todo esse contexto de memórias, angústias, inquietações e ações empreendedoras com relação ao universo digital exposto nas falas dos participantes, a bonequeira Célia Regina (Olinda – PE) lançou uma problemática interessante e enriquecedora para o debate:

Não é fácil está nas mídias, porque não é acessível, porque não é fácil mesmo sabe?! [...] *Os complexos digitais, na forma como vêm avançando, precisam ter um outro olhar para essas comunidades, para esse fazedor de boneco.* [...] Eu ouvir mestre Bila falando das dificuldades, mestre Tonho falando das dificuldades, vamos fazer com que essas dificuldades diminuam... Porque daí é uma forma do mestre mamulengueiro vender esse trabalho maravilhoso. [...] Eu sei que vai vir vários incentivos aí pela frente, que vai abrir caminho, mas é preciso que esses entendedores dessa tecnologia digital *estejam mais próximos de nós*, para que esse brinquedo não seja apagado, para que seja lembrado, porque como foi dito aqui, –

*Quando você não está na mídia você é esquecido, né?! Eu vejo que a história com a tecnologia tem avançado bastante, mas eu acho que precisa mais, de políticas... Porque eu tô me vendo hoje como bonequeira, como artista, tendo que construir meu boneco numa caixa, que dê numa câmera desse tamanho [representa a tela de um smartphone com as mãos] pra vender pra internet, pra botar meu trabalho pra frente. A dificuldade que eu tenho não é só minha, é de todos aqui. Como faremos? Quais as possibilidades que a gente tem? E aí, eu peço essa atenção, já que a gente tá falando de bonecos, de tecnologia e de redes sociais e tudo mais [...]”⁷⁵ (Informação verbal. Célia Regina, em depoimento no bate-papo *Caminhos Para a Inclusão Digital*, 56:00 a 1:02:00, fev. 2021).*

Em sua fala, Célia destaca a responsabilidade de dois agentes importantes na discussão da inclusão digital da comunidade mamulengueira e por consequência da presença do Mamulengo nas redes sociais. São eles: as empresas – que detêm as plataformas digitais; e o poder público – responsável por estabelecer e garantir o cumprimento de diretrizes inclusivas para veiculação das plataformas no Brasil.

A partir da indagação de Célia, abre-se mais uma perspectiva sobre o problema: de um lado o poder privado que visa, por meio de serviços massivos, a garantia de lucro absoluto, geralmente deixando de lado questões ligadas a grupos minoritários, uma vez que não visualiza nesses grupos uma oportunidade concreta de rentabilidade. Por outro lado, o poder público, que tem como dever e missão prover de modo democrático o acesso à comunicação para toda e qualquer pessoa, assim como regulamentar a oferta de produtos e serviços.

Nesse sentido, um dos caminhos possíveis para a superação das dificuldades enfrentadas pelos mamulengueiros será o diálogo da comunidade com ambos os poderes. Contudo, seria possível, por demais ambicioso, ou quiçá ingênuo, pensar que as gigantes globais de comunicação por internet (Meta, Google etc.) fossem se ater às demandas da comunidade mamulengueira? Quanto ao poder público, em que medida uma tentativa de aproximação com as lideranças políticas do âmbito municipal, estadual e federal, poderia apontar soluções para os problemas da comunidade? A movimentação e a busca pelo diálogo tanto com o poder público quanto com a iniciativa privada, poderá levar esta pesquisa a futuros desdobramentos.

Jennyfhem Mendonça – facilitadora do curso *Conectando Brincantes*, esteve presente no bate-papo, com o intuito de estabelecer um contato pedagógico com a comunidade, captando as necessidades, lacunas e urgências que emergiram nas falas de cada participante,

⁷⁵ Célia Regina é uma exímia bonequeira e atriz premiada, com décadas de atuação na região metropolitana do Recife. Embora não seja uma brincante nata, seu trabalho com bonecos perpassa o universo do Mamulengo, fazendo dela uma artista respeitada pela comunidade mamulengueira.

para que essas questões pudessem vir a ser incorporadas no seu plano de curso. Jennyfhem finaliza o bate-papo dizendo que:

[...] Pra todo mundo isso é novo, não só pra vocês. Uma das coisas que eu sempre falo pra pessoas que me procuram, em relação à rede social é: – *Você não está sozinho nessa história!* Essa onda de ter que se reinventar, pra conseguir sobreviver... pra conseguir não ser esquecido, como a Cida Lopes pontuou muito bem: – *Aqueles que não são vistos, são esquecidos.* É verdade isso! [...] Não foi só no meio da cultura popular, claro, o meio popular, ele teve sim um grande baque por deixar de fazer aquilo que é a sua essência: que é a rua, o povo, a face a face com o outro. Mas, veio uma nova perspectiva, e a gente tá vivendo nela, a gente precisa se reinventar. Tudo aponta, pra que mesmo quando a gente for liberado dessa pandemia, a mudança já aconteceu... A parte tecnológica avançou dez anos em um. Então, a gente não pode esperar que as coisas voltem ao normal, ao que era antes. A perspectiva é que isso não aconteça. Essa necessidade digital vai permanecer e moldar nossos rumos (Informação verbal. Jennyfhem Mendonça, em depoimento no bate-papo *Caminhos Para a Inclusão Digital*, 1:35:22 a 1:39:17, fev. 2021).⁷⁶

Figura 10 – Captura de tela, bate-papo *Caminhos para a inclusão digital*



⁷⁶ Bate-papo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0AhPn8tDS2A>. Acesso em: 19 fev. 21.

Enquanto em Pernambuco a inclusão digital do/da artista mamulengueiro (e da cultura de tradição popular de modo geral) ainda não ganha espaço prioritário dentro do debate das políticas públicas culturais, diante dessa necessidade digital citada por Jennyfhem, não restam muitas opções à comunidade mamulengueira, senão buscar capacitação para corresponder às demandas da estrutura vigente, no intuito de driblar as dificuldades que os impedem de trabalhar no ambiente virtual. Nesse sentido, discorrerei sobre a experiência pedagógica do curso *Conectando Brincantes*, oferecido à comunidade na semana seguinte ao bate-papo.

2.2.2 Curso *Conectando Brincantes*

No intuito de contribuir para a autonomia na utilização das principais redes sociais de comunicação da atualidade, por meio de uma abordagem prática sobre o uso das ferramentas existentes nessas redes, assim como buscando compartilhar informações sobre o melhor modo de apresentar a si aos seus produtos/serviços no ambiente virtual, de oito a doze de fevereiro de 2021, por meio da plataforma Zoom, foi ministrado pela produtora de conteúdo digital e social media Jennyfhem Mendonça o curso *Conectando Brincantes*, para 20 membros da comunidade mamulengueira pernambucana.

Figura 11 – Divulgação do curso *Conectando Brincantes*



Por meio de exposição dialogada e exercícios extrassala, em dez horas de atividades, divididas ao longo de cinco dias, foram abordadas questões referentes ao acesso, funcionalidade e aplicabilidade de redes sociais como: Instagram, Facebook, Youtube e WhatsApp ao Mamulengo. A escolha dessas redes sociais se deu em virtude de serem as mais populares e possuírem ferramentas que melhor atendem às necessidades estéticas, organizacionais e comerciais da comunidade mamulengueira. O conteúdo programático do curso pode ser acessado no Apêndice C.⁷⁷

Ao longo dos últimos anos, o Instagram firmou-se como uma rede de alto engajamento, e durante a pandemia vem sendo bastante usada na realização de *lives*. Já o Youtube, é uma rede focada na distribuição de vídeos longos, ideal para hospedar as gravações das brincadeiras e das transmissões de saberes referentes ao brinquedo. O Facebook é a rede onde a maioria dos brincantes possuem perfis, oferece possibilidades mais amplas de interação, pois além das ferramentas que as outras redes já ofertam, ela dispõe de grupos temáticos, salas de aula, agendamento de eventos... Por fim, o WhatsApp, rede de comunicação direta, é onde se dão as maiores trocas e organizações entre membros da comunidade, assim como a conclusão das vendas iniciadas em outras redes. No geral, Facebook e WhatsApp são as redes em que os mamulengueiros mais são procurados por seus clientes.

Um dos pontos enfatizados nesse processo formativo foi a importância dos brincantes mamulengueiros/as atuarem nessas redes de modo simultâneo, personalizado e numa perspectiva de complementaridade da construção e manutenção da identidade digital do seu trabalho, visto que cada rede atende a uma demanda e a um público específico.

Num curso dessa natureza, sem a possibilidade de os participantes acompanharem as aulas por duas telas, ou seja, uma para assistir a aula e outra para navegar simultaneamente nas redes, exercitando em tempo real os conteúdos e ferramentas abordadas, não foi possível ir além de uma explanação dialogada e de demonstrações práticas ao vivo, ficando as práticas individuais para momentos extraturma. Por outro lado, o fato de os participantes poderem contar com uma tela para participar da atividade já é algo muito positivo, tendo em vista as dificuldades de aquisição de aparelhos e uso da internet já apontadas no início do capítulo.

De modo complementar às aulas, foram oferecidas consultorias individuais para que os/as mamulengueiros/as pudessem tirar dúvidas e exercitar o aprendizado de procedimentos

⁷⁷ As gravações das aulas foram editadas e acrescidas de interpretação em LIBRAS, as cinco videoaulas podem ser vistas no canal *Bota Pra Moer* no Youtube, disponível em: https://www.youtube.com/channel/UCE50ljuZgOgL885_oPzKTYg. Acesso em: 30 jan. 2022.

específicos às necessidades do seu trabalho nas redes sociais.

Além da busca pela compreensão sobre aspectos da funcionalidade e navegabilidade das redes sociais, nas consultorias também ficou evidente a dificuldade de alguns brincantes que possuem mais de uma conta na mesma rede social em conciliar o tempo de administração de um perfil pessoal e outro profissional, e em alguns casos, duas contas em mais de uma rede social. A título de exemplo: as mulheres Lopes (Cida, Larissa e Neide) do Mamulengo Teatro Riso e Mamulengando Alegria, estavam num momento em que cada integrante possuía um perfil individual destinado ao trabalho, mais dois perfis profissionais coletivos, sendo um do Ateliê Teatro Riso e outro AACG (Associação de Arte e Cultura de Glória do Goitá), que após a consultoria veio a se chamar Quitérias Produtora.

A partir da consultoria com Jennyfhem, as mamulengueiras entenderam a importância de manter seus perfis pessoais e adotar uma postura comercial em apenas um perfil comercial, concentrando as atenções neste perfil. Esse processo também contribuiu para repensar a descrição imagética e textual do perfil do grupo, tornando-a mais objetiva quanto ao foco nas vendas de brincadeiras e bonecos. Essa inquietação sobre administrar o uso do tempo entre um perfil pessoal e profissional também apareceu nas consultorias com a bonequeira Marinês de Glória, e com o mestre mamulengueiro Wagner Porto. Wagner fala da necessidade de melhorar suas redes, mas ressalva que ainda assim seu trabalho com as redes sociais lhe rendeu dois prêmios em 2020. Para Wagner, a internet é entendida como um lugar ideal para pôr em prática ações de salvaguarda em favor do Mamulengo.

Em seu espaço de consultoria, mestre Tonho de Pombos direcionou suas questões para a plataforma Youtube, pois tem o desejo de profissionalizar o *Canal Mulungu*. Assim, temas como edição de vídeo, criação de vinheta, iluminação para a câmera e comunicação com o público foram discutidos com a facilitadora, que indicou ao mestre experimentar aplicativos de edição para iniciantes como VN e In Shot, pois desse modo o mestre poderia conseguir um resultado com maior profissionalismo, sem que houvesse a necessidade de investir recursos financeiros, já que a falta de verba foi uma questão apontada por ele. Ainda que questões técnicas voltadas à produção audiovisual não tivessem sido um assunto abordado no curso e tampouco na consultoria, a experiência de Jennyfhem como fotógrafa e *videomaker* lhe permitiu fazer orientações precisas ao mestre.

Essa etapa de proposição terminou com a aplicação de um formulário de avaliação, um espaço onde a comunidade mamulengueira pudesse opinar sobre as ações ofertadas e sugerir apontamentos para uma eventual próxima edição do projeto.

Ao avaliarem o quanto o conteúdo do curso foi relevante e aplicável aos seus

trabalhos, de forma unânime todos os participantes responderam que sim, o curso foi relevante e os assuntos abordados foram aplicados em seu fazer artístico. E quando perguntados sobre o que acreditavam que poderiam melhorar em seu trabalho com o Mamulengo a partir do curso, as respostas giraram em torno do aperfeiçoamento das estratégias de venda e divulgação. Vejamos algumas respostas:

Na divulgação e conseqüentemente nas vendas, também e no uso melhor dessas ferramentas digitais, tendo assim um melhor aproveitamento desses instrumentos de divulgação tão importantes.

Mestre Tonho de Pombos

Maior atenção e conhecimento no uso de ferramentas de comunicação digital.

Mestre Wagner Porto

Agora me sinto segura para usar as redes sociais e promover ainda mais o meu trabalho.

Larissa Lopes

Vou postar melhor meu trabalho nas redes sociais.

Genilda Félix

Mais popularidade, assim trazendo mais gente para a cultura.

Mestre Bel

Mais divulgação do meu trabalho e mais clientes nas vendas dos bonecos.

Mestra Titinha

Saber como usar as ferramentas e o tempo para cada uma.

Mestre Jurubeba

A divulgação, a venda, mais alcance de pessoas.

Neide Lopes

Tinha dificuldade para entender o quanto as redes sociais são importantes para ampliar o alcance do nosso trabalho. Hoje compreendo que não é tão difícil usar as redes como vitrine do nosso trabalho, e o quanto isso pode ajudar em nosso crescimento.

Mestra Cida Lopes

A linguagem da facilitadora e do mediador também foi avaliada: para a maioria dos participantes foi interpretada como uma linguagem simples. Também para a maioria o conteúdo foi explicado com objetividade e clareza. Aliás, as únicas dificuldades explicitadas no formulário dizem respeito à impossibilidade de se manterem plenamente conectados ao curso tanto pela oscilação do sinal de internet de seus provedores, quanto por terem de se ausentar para dar conta de demandas com o Mamulengo, e com o cuidado da casa e da

família. Quando questionados sobre uma possível continuidade das atividades formativas promovidas pelo projeto *Mamulengo em Tecnóvivo*, os artistas expressaram que gostariam de aprender mais sobre:

Edição de vídeo e produção de conteúdo.

Mestre Tonho de Pombos

Seria legal um curso sobre marketing digital, como tornar uma publicação interessante e atrativa.

Larissa Lopes

Um projeto de como criar um site.

Mestra Titinha

Pela avaliação positiva e pela participação da comunidade mamulengueira ao longo das ações discorridas, esta pesquisa-ação cumpre sua função de contribuir para a inclusão digital da comunidade, haja vista a colaboração para que os brincantes conseguissem vislumbrar outros horizontes possíveis de atuação com Mamulengo para além do modo presencial, onde é possível ter rentabilidade e continuar difundindo os valores estéticos, pedagógicos e políticos inerentes ao brinquedo, além de ter colaborado com o desenvolvimento pessoal dos membros, e conseqüentemente com o fortalecimento da comunidade mamulengueira.

Tudo isso, sem perder de vista o desafio de não limitar a questão da inclusão digital a uma lógica consumista, porém sem desconsiderar que no cenário de crise em que a pesquisa-ação foi realizada, ganhos econômicos reverberaram diretamente na sobrevivência dos artistas, contribuindo para a salvaguarda do Mamulengo.

Ao fim de 2021, o projeto *Mamulengo em Tecnóvivo* foi indicado pelo IPHAN Pernambuco à final nacional do Prêmio Rodrigo Melo de Franco, voltado para o reconhecimento de ações que contribuem para a preservação do patrimônio cultural brasileiro.⁷⁸

Mesmo diante da rica caminhada de acolhimento, resistência e superação ao lado dos brincantes, sigo ciente de que uma pesquisa não possui um caráter salvacionista. Se para alguns brincantes a pesquisa-ação contribuiu no entendimento básico quanto ao funcionamento das redes sociais e suas ferramentas, para outros as dificuldades persistem, e

⁷⁸ Informação disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Resultado%20-%20Estapa%20Estadual.pdf> Acesso em: 28 fev. 2022.

como as redes sociais são dinâmicas, é provável que, do tempo de finalização da consultoria até a conclusão desta escrita, novas dificuldades já tenham se instaurado. Em todo caso, fica a sensação de dever cumprido, pois algo foi feito durante a pandemia para contribuir com o fazer dos brincantes, e a certeza de que é preciso dar novos passos nessa luta pela inclusão digital e presença do Mamulengo no ambiente digital.⁷⁹

Para uma arte que tem na base da sua criação uma leitura reelaborada do universo presente, o Mamulengo mesmo diante da crise pandêmica segue ainda mais forte, se apropriando de ferramentas tecnológicas, que antes cogitaram ser a razão de seu fim, para firmar um canal direto de comunicação com o público por meio das redes sociais, mostrando ser possível o diálogo entre os saberes e o fazer da cultura de tradição popular e as tecnologias de um mundo globalizado. Nesse sentido, segundo Dubatti (2016, p. 134).

É preciso assumir que entre convívio e tecnovívio não há substituição superadora, mas alteridade, tensão e cruzamento. E é importante deixar claro por meio dessa política, que perder a cultura do convívio é perder um dos mais inestimáveis tesouros da humanidade. Igualmente, acredito que, na sociedade tecnovivial, constrói-se um equilíbrio de resistência no convivial. Assim como se afirma que “quanto mais a globalização, maior a localização” pode-se também estabelecer que “quanto maior a extensão de experiência tecnovivial, maior a necessidade experiência convivial”. O teatro responde diretamente a essa última necessidade. Daí sua vigência.

É na capacidade de adaptação do Mamulengo que reside sua força renovadora, é ela que o mantém em constante processo de diálogo e autoatualização tanto com os costumes e tradições, quanto com novos desafios advindos com a globalização.

⁷⁹ A terceira edição do projeto *Mamulengo em Tecnovívio* será realizada em meados de 2022, com incentivo do Edital FUNCULTURA 2020/2021 – Governo do Estado de Pernambuco. As atividades formativas planejadas para essa nova edição foram concebidas a partir das questões emergentes em sala de aula e dos desejos explicitados no formulário de avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No primeiro capítulo, vimos como o Mamulengo pernambucano é compreendido em seus aspectos dramáticos, no amplo universo do Teatro de Bonecos Popular do Nordeste, bem como refletimos sobre a importância do convívio para a brincadeira do Mamulengo e a influência da territorialidade na qualidade do brincar, interseccionando essa noção de território e convívio com a noção de tecnovívio na perspectiva de Dubatti (2016).

Já no segundo capítulo, discutimos a problemática da inclusão digital da comunidade mamulengueira no cenário de crise pandêmica, buscando identificar as estratégias de sobrevivência da comunidade no âmbito digital, em meio à transição abrupta do convívio para o tecnovívio, tendo como foco a análise das ações desta pesquisa-ação: questionário, *podcast*, bate-papo, curso e consultorias, num processo de construção do conhecimento onde as vozes dos artistas mamulengueiros e suas reflexões sobre o assunto em questão são o fio condutor das reflexões deste trabalho.

Nesta pesquisa-ação, a própria comunidade mamulengueira, ao avaliar o caminho percorrido, aponta os próximos passos dessa caminhada quando enfatiza a necessidade de mais vivências tanto com as ferramentas audiovisuais, quanto com as vendas on-line, ou ainda quando chega à compreensão de que será preciso trazer a inclusão digital para o centro do debate das políticas públicas culturais do Estado.

Também ficou perceptível que fazer rir por meio Mamulengo, numa relação intermediada por suportes tecnológicos, é algo recente se comparado à longevidade das brincadeiras de terreiro, algo que ainda está em processo, e exige dos/as mestres/as mamulengueiros/as um constante exercício de compreensão e domínio da linguagem da internet para poder dialogar com o público das redes sociais. Por isso, um estudo mais detalhado e focado estritamente na noção de brincadeira e na análise dessas brincadeiras em tecnovívio, poderá nos trazer reflexões mais amplas acerca da presença do Mamulengo nas redes sociais, expandindo o campo de estudos sobre o Mamulengo.

Embora a pandemia tenha sido um dos maiores momentos de crise já vivenciados por toda a economia criativa, o Mamulengo segue pondo em descrença hipóteses de que está sob ameaça de desaparecer em razão da globalização. Hipótese da qual discordo, pois basta analisar a quantidade de *lives* e outras ações on-line que pude acompanhar e algumas que tive a honra de produzir durante a pandemia, mais de 40 (no Apêndice D, há uma lista completa com os links dessas *lives* apenas em Pernambuco), muitas dessas impulsionadas pelo auxílio

emergencial à cultura que foi a Lei Aldir Blanc, para perceber que o brinquedo está cada vez mais forte e em pleno desenvolvimento.

De modo que é questionável se tecnologia e globalização implicam diretamente no enfraquecimento da cultura do Mamulengo, penso que não! O brinquedo está se fortalecendo a partir das possibilidades dadas pelo momento histórico vivido, as ferramentas digitais são algumas delas. Certo que obstáculos existem, muitas vezes causados por uma questão de impossibilidade de acesso, domínio e até mesmo pelos interesses mercadológicos aplicados no uso dessa tecnologia, mas vejamos que se trata de uma questão de intencionalidade de uso e não das ferramentas tecnológicas em si.

Nesta pandemia, para muitos brincantes também houve vontade e oportunidade de aprendizado, permitindo-lhes superar obstáculos, prova disso é a produção efervescente da comunidade mamulengueira, a resistência dos artistas e grupos veteranos e o surgimento de novos artistas e grupos como os Mamulengos Flor de Mulungu e Risadinha, ambos na cidade de Glória do Goitá – PE.

Mas, sem dúvida, as maiores conquistas do Mamulengo em formato remoto foram: o alcance simultâneo de pessoas de diferentes lugares, algo que o formato presencial dificilmente possibilitaria, mais pessoas tomaram conhecimento sobre o brinquedo e puderam participar pela primeira vez de brincadeiras e atividades de formação, enquanto outras tiveram a oportunidade de se reencontrar com o brinquedo por meio do tecnovívio; e a maior quantidade de registro audiovisual dos fazeres e saberes dos brincantes, é neste ponto onde o tecnovívio oferece sua contribuição como ferramenta de coleta de dados em pesquisas, mas sobretudo como instrumento potencializador do processo de salvaguarda dos saberes do Mamulengo.

Dentro da perspectiva da pesquisa-ação, onde o intuito tem sido intervir na realidade vigente, de modo a contribuir com o processo de inclusão digital daqueles/as brincantes que se identificam com a dinâmica das redes sociais e de espontânea vontade aderiram às ações do projeto *Mamulengo em Tecnovívio*, fica a satisfação de ter trabalhado em prol da comunidade mamulengueira como pesquisador e produtor cultural no projeto *Mamulengo em Tecnovívio*, fazendo parte desse momento de luta e resistência.

Sobre resistência em tempos pandêmicos, mestre Tonho, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*, fez uma bela analogia entre o Mamulengo enquanto fenômeno artístico-cultural e a árvore Mulungu, que, como dito no início do trabalho, é a madeira da qual se esculpe o mamulengo.

O Mamulengo tem uma característica muito interessante, eu falo sempre isso nas minhas oficinas, que é a capacidade de se reinventar, de se adaptar. É como a árvore do Mulungu, ela passa por um período de estiagem, e ela se adapta perdendo as folhas pra poder economizar energia. E durante esse processo ela fica aparentemente morta, as pessoas dizem: – Oiá a árvore morreu! Mas ela não morreu, ela tá passando pelo período de estiagem, o sol, o calor, então quando chega o momento da chuva ela ressurgir. O Mamulengo é exatamente assim! O Mamulengo passou por crises e crises... Na época que não existia essa ferramenta de comunicação extraordinária que é a internet, ele sobreviveu, chegou até aqui. E nesse momento é o momento de estiagem, momento de se adaptar, de se preparar para as chuvas que virão, para que a gente possa ressurgir como a árvore de Mulungu faz. (Tonho de Pombos, em entrevista ao *podcast Fala Mamulengo*).

Então, que as águas da abundância possam vir a nos banhar. Que o Mamulengo possa a cada renascimento nos proporcionar ainda mais riso e revolução social! Viva o Mamulengo, viva, sobretudo, os artistas mamulengueiros/as! Me despeço com uma canção que tornou-se a presença viva do nosso imortal Zé do Rojão, ou mestre Zé de Vina, como era conhecido Brasil afora.

*Adeus, minha rosa,
Adeus, meu amor.
Até para o ano
Se nós vivo for.*



*O café de Josué
A apanhadeira panhou.
Josué, bem satisfeito
O festejo preparou.*

*Deu comida a todo mundo,
Deu cachaça ao lavrador
Sanfoneiro animou
Bateu com o pé
E o forró já começou.*

*Adeus, minha rosa,
Adeus, meu amor.
Até para o ano
Se nós vivo for.*

*Meu povo todo, adeus, adeus.
Eu digo adeus que eu já me vou.
Eu digo adeus, até outro dia,*

Se nós todos vivo for.

*Adeus, adeus,
Meu povo todo, quem se vai sou eu!*

*Adeus, adeus,
Meu povo todo, quem se vai sou eu!*

*Adeus, adeus,
Meu povo todo, quem se vai sou eu!*

REFERÊNCIAS

- ALCURE, Adriana Schneider. **A Zona da Mata é rica de cana e brincadeira: uma etnografia do Mamulengo**. 2007. 360 p. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Antropologia Cultural) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2007.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; OLIVEIRA, Paulo César Souza de. Inclusão digital: ambiguidades em curso. In: BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson De Luca (org.). **Inclusão digital: polêmica contemporânea**. Salvador – BA: EDUFBA, 2011. v. 2. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/qfgmr/pdf/bonilla-9788523212063.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2021.
- BORBA FILHO, Hermilo. **Fisionomia e espírito do mamulengo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
- BROCHADO, Izabela Costa. **Mamulengo puppet theatre in the socio-cultural context of twentieth-century Brazil**. 2005. 498 p. Tese (Doutorado em Filosofia) – Samuel Beckett Center School Of Drama, Dublin, 2005.
- Caminhos Para a Inclusão Digital**. Bate-papo episódio 01. Mediador Alex Apolonio. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0AhPn8tDS2A>. Acesso em: 19 fev. 2022.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2014.
- DUBATTI, Jorge. **O Teatro dos Mortos: introdução a uma filosofia do teatro**. Trad. Sérgio Molina. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016.
- Fala Mamulengo**. Episódio 01. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: Cida Lopes, Larissa Lopes, Neide Lopes e Miro dos Bonecos. Programa gravado em 26/09/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7cQmmEifWzl2gijO5ct2vm?si=MWxugAtQSk6MSvU9CQxMQw>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- Fala Mamulengo**. Episódio 02. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: Cida Lopes, Larissa Lopes, Neide Lopes e Miro dos Bonecos. Programa gravado em 26/09/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/2rAkNzFHq7J7COiE0PG9KC>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- Fala Mamulengo**. Episódio 03. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: mestre Tonho de Pombos, mestre Vitorino de Igarassu e Júnior Pernambuco. Programa gravado em 01/10/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/6mC5sz4qNmAyVtwE7C9d1I>. Acesso em: 02 ago. 2021.
- Fala Mamulengo**. Episódio 04. Entrevistador Alex Apolonio. Entrevistados: mestre Tonho de Pombos, mestre Vitorino de Igarassu e Júnior Pernambuco. Programa gravado em 01/10/2020. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/7fGo8NFRzmDirT6Ycj23tc>. Acesso em: 02 ago. 2021.

SANTOS, Fernando Augusto. **Mamulengo um povo em forma de bonecos**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1979.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1986.

APÊNDICE A – LISTA DE GRUPOS E BRINCANTES PERNAMBUCANOS CONTEMPORÂNEOS A ESTA PESQUISA

| Nº | NOME: GRUPO/ARTISTA por data de criação/idade/ do mais velho para o mais jovem. | DESDE | CIDADE | REGIÃO |
|-----------|---|--------------|-----------------------|---------------|
| 01 | Mamulengo Riso do Povo Zé de Vina/Zé do Rojão: 1º mestre mamulengueiro (<i>in memoriam</i>); Dona Zefa: tocadora de ganzá e cantadeira; Maro: mateu (<i>in memoriam</i>); Bel: 2º mestre mamulengueiro; Paulo: tocador. | 1957 - 2021* | Lagoa do Itaenga – PE | Zona da Mata |
| 02 | *Encerrou suas atividades neste ano com o falecimento do mestre, permanecendo apenas com apresentações que já estavam previamente agendas, nessas brincadeiras mestre Bel assumiu a condução do grupo. | | | |
| 03 | Presépio Flor de Jasmim Calú: mestre e figureiro; Duda: Figureiro (filho do mestre Calú); Nicolás: Figureiro; Zé do Cavaco: tocador de cavaquinho; Antônio: tocador de mineiro ou pandeiro; Doda: Zabumba. | 1964 | Vicência – PE | Zona da Mata |
| 04 | Mamulengo Americano Beto: mestre mamulengueiro; Famia: contramestre; Ivan: tocador. | 1973 | Tracunhaém – PE | Zona da Mata |
| 05 | Mamulengo Teatro Riso Zé Lopes: 1º mestre mamulengueiro e bonequeiro (<i>in memoriam</i>); Neide Lopes: contramestra e bonequeira; Cida Lopes: 2ª mestra mamulengueira e bonequeira; Larissa Lopes: catirina e tocadora de triângulo; Theo Lopes: tocador de zabumba. | 1982 | Glória do Goitá – PE | Zona da Mata |
| 06 | Mamulengo Nova Geração João Galego: mestre e bonequeiro; Marlene Silva: cantadeira; Djanira da Silva: contramestra e tocadora; João José da Silva Filho: tocador de acordeon; José Severino de Oliveira Filho: tocador; Gercino José da Silva: tocador. | 1985 | Carpina – PE | Zona da Mata |
| 07 | Mamulengo da Saudade Vitalino: mestre mamulengueiro; Carlinhos: contramestre; Dona Bia: brincante. | 1986 | Nazaré da Mata – PE | Zona da Mata |
| 08 | Mamulengo Jurubeba Jurubeba: mestre mamulengueiro e bonequeiro; | 1987 | Recife – PE | Metropolitana |

| | | | | |
|----|---|------|----------------------|---------------|
| | Sérvio Ramos: contramestre; Douglas Donato: mateu e músico; Tomás Melo: percussionista e sonoplasta. Anderson Guedes: percussionista. | | | |
| 09 | Mamulengo Novo Milênio Miro: mestre, bonequeiro mateu e tocador; Leo: mamulengueiro; Adriano: contramestre. | 1999 | Carpina – PE | Zona da Mata |
| 10 | Mamulengo Tomé Wagner Porto: mestre mamulengueiro e bonequeiro; Antônio do Pífano: mestre tocador de pífano; Marcos do Pandeiro; tocador percussionista; Raoni Yô: brincante e tocador. | 2000 | Garanhuns – PE | Agreste |
| 11 | Mamulengo Risada Tonho: mestre e bonequeiro. (não há uma formação fixa de folgazões neste grupo) | 2008 | Pombos – PE | Zona da Mata |
| 12 | Teatro História do Mamulengo Bila: mestre mamulengueiro e bonequeiro; Jaci Félix: mateu e tocadora de triângulo; Tamires: contramestra. | 2009 | Glória do Goitá – PE | Zona da Mata |
| 13 | Mamulengo Sorriso Encantado Bibiu: mestre mamulengueiro e bonequeiro. (não há uma formação fixa de folgazões neste grupo) | 2009 | Carpina – PE | Zona da Mata |
| 14 | Mamulengando Alegria Cida Lopes: mestra mamulengueira; Neide Lopes: contramestra; Larissa Lopes: catirina e tocadora de triângulo; Theo Lopes: tocador de zabumba. Felipe Santos: rabequeiro e mateu. | 2010 | Glória do Goitá – PE | Zona da Mata |
| 15 | Mamulengo Arte da Alegria Bel: mestre mamulengueiro e bonequeiro; Titinha: contramestra; Igor: contramestre; Jaci Félix: mateu e tocadora de triângulo; Tonho: tocador de oito baixos. Nildo: tocador de zabumba. | 2014 | Glória do Goitá – PE | Zona da Mata |
| 16 | Mamulengo Flor de Mulungu Titinha: mestra mamulengueira e bonequeira; Jennefer Maria: contramestra; Jaci Félix: mateu e tocadora de zabumba; Genilda Felix: tocadora de triângulo e bonequeira; Stefani Leite: tocadora de ganzá. | 2020 | Glória do Goitá – PE | Zona da Mata |
| 17 | Água de Cacimba Mariana Acioli: mamulengueira e bonequeira; Allan de Freitas: tocador e mateu. | 2019 | Olinda – PE | Metropolitana |
| 18 | Mamulengo Teatro do Povo Eduardo Félix: mamulengueiro; | 2019 | Glória do Goitá – PE | Zona da Mata |

| | | | | |
|----|--|------|----------------------|--------------|
| | Josias: zabumbeiro e mateu, João: tocador de oito baixos; kaike: triângulo. | | | |
| 19 | Mamulengo Risadinha Tiago: aprendiz mamulengueiro e bonequeiro; Vinicius: aprendiz mamulengueiro, contramestre e bonequeiro; Victor: aprendiz tocador e bonequeiro; Eric: aprendiz tocador e bonequeiro; Igor: aprendiz tocador, mateu e bonequeiro. | 2021 | Glória do Goitá – PE | Zona da Mata |

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

MAMULENGO EM TECNOVÍVIO

TEXTO DE APOIO

Você é brincante de Mamulengo? Então esse questionário é pra você!

Que a pandemia de alguma maneira tem mexido com a vida de todos nós, isso é um fato. Ciente da importância da Cultura, queremos saber se como você, brincante de Mamulengo pernambucano, tem passado por esse momento. O questionário a seguir faz parte de uma pesquisa que integra o projeto #CulturaEmRedeSescPE, e busca compreender como a pandemia tem afetado a vida e a produção artística dos brincantes.

Nesse formulário queremos te ouvir, pois acreditamos que esse canal de diálogo ajudará a contribuir para que possamos compreender melhor as necessidades dos brincantes e juntos pensarmos soluções para enfrentarmos esse momento. Cada pergunta foi cuidadosamente elaborada no intuito de compreender a sua realidade, pedimos que responda com atenção.

A pesquisa é conduzida por mim, Alex Apolonio, além de pesquisador, sou artista de teatro e mestrando em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Te garanto que suas respostas ficarão restritas somente aos objetivos desta pesquisa, assegurando o sigilo, em compromisso com a ética.

Então separa aí uns dez minutinhos e vamo simhora!

ESTRUTURA DO QUESTIONÁRIO:

ETAPA 1 – CONHECENDO O AGENTE CULTURAL

ETAPA 2 – PERFIL FINANCEIRO DO AGENTE

ETAPA 3 – RELAÇÃO COM O UNIVERSO DIGITAL

ETAPA 4 – VIABILIDADE DE PRODUÇÃO

ETAPA 5 – RELAÇÃO COM O PODER PÚBLICO

ETAPA 6 – RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS CULTURAIS PRIVADAS (SESC)

ETAPA 7 – SAÚDE FÍSICA E EMOCIONAL DO AGENTE

ETAPA 8 – ESTADO CRIATIVO

ETAPA 1 – CONHECENDO O AGENTE CULTURAL

DADOS PESSOAIS

Nome de batismo ou nome social:

Você se define como uma pessoa:

Negra Indígena Branca Asiática - Outro: _____

Idade: _____

Sobre sua identidade de gênero, você se define como:

Mulher Cis* Mulher Trans* Homem Cis Homem Trans Pessoa não Binária* - Outro: _____

ATENÇÃO!

*Cis, abreviação de Cisgênero, refere-se a pessoas que se identificam com o gênero atribuído ao nascer em função do seu sexo biológico.

* Trans, abreviação de Transgênero, refere-se a pessoas que não se identificam com o gênero atribuído ao nascer em função do seu o sexo biológico.

* Não binárias são as pessoas que não se definem unicamente com o gênero masculino ou feminino.

Orientação sexual:

Heterossexual* Homossexual* Bissexual* - Outro: _____

ATENÇÃO

*Heterossexuais, refere-se a pessoas que sentem atração sexual por pessoas do sexo oposto.

* Homossexuais, refere-se a pessoas que sentem atração sexual por pessoas do mesmo sexo.

* Bissexuais, refere-se a pessoas que sentem atração sexual tanto por homens quanto por mulheres.

Possui alguma deficiência ou comorbidade?

Sim Não. Se sim, qual(is)? _____

Escolaridade

Alfabetização

Fundamental Incompleto

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Fundamental Completo | <input type="checkbox"/> Superior completo |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio incompleto | <input type="checkbox"/> Pós-graduação |
| <input type="checkbox"/> Ensino médio completo | <input type="checkbox"/> Nunca frequentei uma |
| <input type="checkbox"/> Superior incompleto | instituição de ensino |

Endereço:

Telefone com DDD:

Redes sociais:

E-mail:

Tempo de brincadeira (ano de início):

Durante algum tempo de sua vida, ficou afastado(a) do ofício artístico, quanto tempo?

Lembra o período? (ex.: de 1990 a 2000)

PERFIL DO(A) TRABALHADOR(A)

Autônomo/Informal ()

Pessoa Jurídica/MEI () Há quanto tempo?

Outro, por favor especifique:

Nome do(s) grupo(s) ou organização(es) cultural(is) de que participa?

Quantidade de membros fixos no seu brinquedo/grupo/associação/cia. ou outro nome dado à organização de que participa? _____

Rede(s) social(is) do(s) grupo(s):

Dentre as diversas funções que possam a vir existir no seu trabalho artístico, como: produtor(a), mestre(a), folgazã(ão), artesã(ão), músico/musicista/tocador(a), costureira(o), dentre outras... Quantas e quais delas você se vê fazendo no seu dia a dia? Se há outra função que você desenvolve e não está citada nos exemplos acima, conta pra gente.

ETAPA 2 – PERFIL FINANCEIRO DO AGENTE

Nos últimos dois anos, qual a média de ganho individual por apresentação? (Sem considerar o valor do cachê como um todo, apenas a sua parte).

Nos últimos dois anos, qual a sua média de ganho mensal (Sem considerar o valor do cachê como um todo, apenas a sua parte).

- Menos de 1 salário mínimo. Entre 3 e 5 salários mínimos.
 Entre 1 e 2 salários mínimos. Mais de 5 salários mínimos.

Possui alguma renda por desenvolver outra profissão, ou recebe algum benefício que não tem a ver com o trabalho artístico?

- Sim, então conta pra gente qual é essa outra profissão ou benefício: _____
 Não, me mantenho unicamente do meu trabalho artístico.

Sua renda familiar provém unicamente do seu trabalho?

- Sim, sou a única pessoa responsável pelo sustento financeiro da minha família.
 Não, divido as despesas com outra(s) pessoa(s).

ETAPA 3 – RELAÇÃO COM O UNIVERSO DIGITAL

Você possui celular tipo smartphone e/ou computador com acesso à internet na sua casa?

- Sim Não

A velocidade e qualidade da internet oferecida na sua região é:

- Ruim Excelente
 Regular Não há sinal de internet

Você acha que o valor cobrado pela internet na sua região é:

- Barato Caro
 Justo Muito caro, mas dá pra pagar
 Muito caro, não consigo pagar

Você possui algum tipo de dificuldade para utilizar o celular/computador?

- Sim. Não. Se sim, qual? E o que tem feito para superar essa dificuldade? _____

Marque abaixo as redes sociais que utiliza.

- | | |
|------------------------------------|----------------------------------|
| <input type="checkbox"/> Facebook | <input type="checkbox"/> Twitter |
| <input type="checkbox"/> Instagram | <input type="checkbox"/> TikTok |
| <input type="checkbox"/> WhatsApp | <input type="checkbox"/> Nenhuma |

Com que frequência você costumava acessar essas redes ANTES da pandemia?

- | | |
|--|--|
| <input type="checkbox"/> Uma vez por semana. | <input type="checkbox"/> Mais de cinco vezes ao dia. |
| <input type="checkbox"/> Uma vez por dia, todos os dias. | <input type="checkbox"/> Não acessava antes da |
| <input type="checkbox"/> Três vezes por dia. | pandemia. |

Com que frequência você está acessando essas redes DURANTE a pandemia?

- Uma vez por semana.
 Todos os dias.
 Três vezes por dia.
 Mais de cinco vezes ao dia.

Utiliza a internet para trabalho?

- Sim Não

Sua arte ou produto artístico pode ser vendido pela internet?

- Pode, vendo meu trabalho artístico pela internet e de modo presencial.
 Pode, mas nunca utilizei a internet para vender minha arte.
 Não pode, só consigo vender meu trabalho de modo presencial.

Se comparar os primeiros seis meses desse ano (2020) com os primeiros seis meses de 2019, você acredita que a sua renda como artista tenha:

- Caído em 100%.
 Caído em 50%.
 Não mudou em nada, você continuou trabalhando e entrou o mesmo valor.
 Não mudou em nada, você não trabalhou remuneradamente em ambos os períodos.
 Sua renda aumentou em 50% ou mais.
 Sua renda aumentou em 100% ou mais.

Pensando nos próximos seis meses, ou seja, de julho 2020 até dezembro de 2020, você acredita que:

- Terá a mesma renda em relação ao mesmo período em 2019.
 Terá renda MENOR em relação ao mesmo período de 2019.
 Terá renda MAIOR em relação ao mesmo período de 2019.

Qual(is) serviço(s) novo(s) foram contratados ou acrescentados no seu trabalho artístico para enfrentar as dificuldades provocadas pela Covid--19?

- Serviço de internet residencial
 Internet móvel
 Publicidade na internet
- Construção de website ou páginas nas redes sociais
 Outro, diga qual: _____
 Não contratei nenhum serviço durante a pandemia

ETAPA 4 – VIABILIDADE DE PRODUÇÃO

Compra de matéria-prima em 2020, comparando com o primeiro semestre de 2019.

- Caiu em 100%
 Caiu em 50%
- Não alterou
 Aumentou em 50%
 Aumentou em 100% ou mais

Durante a pandemia os preços dos produtos que você utilizava para realizar sua arte, exemplo: tecidos, tintas, instrumentos musicais, suportes eletrônicos, gasolina para transporte etc.

- Permaneceram iguais ao período anterior à pandemia.
 Aumentou em 20% ou mais.
- Aumentaram em 50% ou mais.
 Aumentaram em 100% ou mais.

ETAPA 5 – RELAÇÃO COM O PODER PÚBLICO

Na sua cidade foi montado algum hospital de campanha? Ou destinados leitos exclusivos para o tratamento da Covid-19 em unidades de saúde já existentes?

- Sim Não

Você acessou alguma política pública da prefeitura voltada para a pandemia?

- Cesta básica ou vale-alimentação.
 Material de proteção e higiene pessoal como: sabão, álcool 70 e máscara.
 Orientação de prevenção e cuidados com a saúde, quer seja pessoalmente, pela TV, Rádio ou Internet.
 Atendimento médico em domicílio.

Participou de algum edital emergencial voltado para a Cultura que tenha sido promovido pela prefeitura?

- Sim
 Não

Esteve inserido(a) em evento virtual como *live* ou outro da mesma natureza que tenha sido promovido pela prefeitura?

- Sim
- Não

Participou ou tomou conhecimento de alguma reunião/evento voltada para discutir as necessidades do setor cultural que tenha sido promovida pela prefeitura?

- Sim
- Não

Como você avalia o desempenho do prefeito(a), vice-prefeito(a), vereadores(as) e secretários de saúde e de cultura da sua cidade durante a crise?

- Péssimo (Não contribuiu de forma alguma para o enfrentamento da pandemia).
- Regular (Até contribuiu, mas deixou a desejar).
- Bom (Contribuiu, atendendo a maioria da população).
- Ótimo (Contribuiu de modo geral e na área da Cultura promoveu assistência BÁSICA aos artistas-técnicos-produtores).
- Excelente (Contribuiu de modo geral e, na área da Cultura, promoveu assistência TOTAL aos artistas-técnicos-produtores).

Recebeu algum auxílio do Governo de Pernambuco?

- Cesta básica ou vale-alimentação.
- Material de proteção e higiene pessoal como sabão, álcool 70 e máscara.
- Orientação de prevenção e cuidados com a saúde, quer seja pessoalmente, pela TV, Rádio ou Internet.
- Atendimento médico em domicílio.

Participou de algum edital emergencial voltado para a Cultura que tenha sido promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco?

- Sim Não

Esteve inserido(a) em algum evento virtual como “Live” ou outro da mesma natureza que tenha sido promovido pelo Governo do Estado de Pernambuco?

- Sim Não

Participou ou tomou conhecimento de alguma reunião/evento voltada para discutir as necessidades do setor cultural que tenha sido promovida pelo Governo do Estado de Pernambuco?

Como avalia o desempenho

do governador, vice-governadora, deputados(as) estaduais e secretários de saúde e de cultura de Pernambuco durante a crise?

- Péssimo (Não contribuiu de forma alguma para o enfrentamento da pandemia).
- Regular (Até contribuiu, mas deixou a desejar).
- Bom (Contribuiu atendendo a maioria da população).
- Ótimo (Contribuiu de modo geral e na área da Cultura promoveu assistência BÁSICA aos artistas-técnicos-produtores).
- Excelente (Contribuiu de modo geral e, na área da Cultura, promoveu assistência TOTAL aos artistas-técnicos-produtores).

Você acessou alguma política pública do Governo Federal voltada para a pandemia?

- Auxílio emergencial 600,00.
- Auxílio emergencial 1.200,00.
- Solicitei, mas não recebi o auxílio emergencial
- Não solicitei o auxílio emergencial.

Tomou conhecimento e até mesmo chegou a se inscrever em algum edital emergencial voltado para a cultura promovido pelo Governo Federal?

- Sim. Não.

Esteve inserido(a) em algum evento virtual como *live* ou outro da mesma natureza promovido pelo Governo Federal?

- Sim. Não.

Participou de alguma reunião/evento voltada para as necessidades do setor cultural, que tenha sido promovida pelo Governo Federal?

- Sim. Não.

Como avalia o desempenho do presidente da república, vice-presidente, ministros(a), deputados(as) federais e senadores(as) durante a crise?

- Péssimo (não contribuiu de forma alguma para o enfrentamento da pandemia).
- Regular (até contribuiu, mas deixou a desejar).
- Bom (contribuiu atendendo a maioria da população).
- Ótimo (contribuiu de modo geral e na área da Cultura promoveu assistência BÁSICA aos artistas-técnicos-produtores).
- Excelente (contribuiu de modo geral e na área da Cultura promoveu assistência TOTAL aos artistas-técnicos-produtores).

ETAPA 6 – RELAÇÃO COM AS POLÍTICAS CULTURAIS PRIVADAS (SESC)

Para além das instituições públicas, existe alguma instituição/programa de incentivo privado que nos últimos anos tem sido importante para o desenvolvimento do seu trabalho artístico?

- SEBRAE SESI
 SESC Itaú Cultural
 outro: _____

Seu município conta com algum equipamento cultural privado?

- Sim, qual? _____ Não.

Nesse momento de pandemia, tomou conhecimento e até mesmo chegou a se inscrever em algum edital emergencial voltado para a Cultura promovido por alguma instituição privada?

- Sim, qual? _____ Não.

Esteve inserido(a) em algum evento virtual como “Live” ou outro da mesma natureza promovido por alguma instituição privada?

- Sim, qual? _____ Não.

Participou de alguma reunião/evento voltada para as necessidades do setor cultural durante a pandemia, que tenha sido promovida por alguma instituição privada?

- Sim, qual? _____ Não.

ETAPA 7 – SAÚDE FÍSICA E EMOCIONAL DO AGENTE

Conseguiu ficar em casa durante o isolamento?

- Sim, a grande parte do tempo. Não, tive que sair para trabalhar.

Sua casa está localizada na cidade ou na zona rural?

- Zona urbana Zona rural

Quantos cômodos há na sua residência?

- Menos de 5 Entre 5 e 7 Mais de 7

Quantas pessoas moram com você?

Na sua residência, chega água encanada/tratada?

- Sim, diariamente. Sim, uma vez a cada 15 dias.
 Sim, entre duas e três vezes semana. Não chega.
 Sim, uma vez por semana.

Na localidade em que você mora, há saneamento básico?

- Sim. Não.

Durante a quarentena, suas condições financeiras lhe permitiram fazer em média quantas refeições por dia?

- Menos de 3 refeições. Entre 3 e 5 refeições. Mais de 5 refeições.

Contraiu Covid-19?

- Sim. Não. Não sei, é provável, mas não testei.

Algum parceiro de grupo ou pessoa do seu convívio familiar contraiu Covid-19?

- Sim, teve sintomas leves. Sim, e infelizmente veio a óbito.
 Sim, e precisou ficar internado. Não.

Você conheceu alguém na sua vizinhança, comunidade religiosa, escola, isto é, pessoas próximas que contraíram Covid-19?

- Sim, tive sintomas leves. Sim, e infelizmente veio a óbito.
 Sim, e precisou ficar internado. Não.

Precisou ou sentiu vontade de conversar com um psicólogo(a) durante a quarentena?

- Sim, durante a quarentena tive acompanhamento psicológico.
 Sim, mas não consegui acompanhamento psicológico.
 Não precisei.

Precisou utilizar o SUS em razão da Covid-19 ou de outra doença?

- Não. Sim, em razão da Covid-19. Sim, mas por outra doença.

Possui dependentes?

- Sim, tenho filhos(as) com menos de 12 anos.
 Não tenho crianças.
 Sim, cuidado de idoso(s).
 Não cuido de idoso(s).
 Sim, sou responsável por uma pessoa com deficiência.

Não sou responsável por pessoas com deficiência.

Amamenta ou amamentou durante a pandemia?

Sim. Não.

É mãe solo, isto é, é a única responsável e provedora do sustento e do cuidado do seu(s) filho(s)?

Sim. Não.

Durante essa quarentena vivenciou ou presenciou alguma situação de violência doméstica?

Não. Sim, mas prefiro não relatar. Sim, gostaria de relatar.

Participa de alguma comunidade religiosa?

Sim, sou Candomblecista.

Sim, sou Umbandista.

Sim, sou Católico(a).

Sim, possuo outra religião: _____

Sim, sou Espírita.

Não possuo crença religiosa.

Sim, sou Evangélico(a).

Acredita que de alguma forma sua crença, ou não crença, tem ajudado a passar por esse momento de isolamento social?

Sim Não

Segue as orientações da Organização Mundial de Saúde?

Sim Não Em partes

ETAPA 8 – ESTADO CRIATIVO

Como foi/está sendo criar nesse momento?

A pandemia me deixou sem inspiração ou estímulo para criar.

A pandemia me inspirou a criar.

Sua casa tem espaço adequado para realizar trabalhos artesanais, ensaios e gravações?

Sim, tenho um cômodo só para trabalho.

Não, mas consigo adaptar um cômodo e o trabalho acontece.

Não tenho condições de desenvolver um trabalho artístico em casa.

Durante a pandemia teve condições de investir na sua formação artística?

- Sim, me dediquei a treinar alguma habilidade corporal-vocal, instrumento musical, manipulação de bonecos etc.
- Sim, investi em leituras, assistir vídeos sobre minha área, e participei de debates.
- Até desejei, mas não tive condições de estudar.
- Não tive interesse.

Participou ou organizou alguma ação solidária em prol dos artistas da cultura popular?

- Sim, organizei e mobilizei pessoas, empresas e instituições para ajudar minha classe artística.
- Sim, recebi doações de alimentos e/ou ajuda financeira de outros artistas.
- Não recebi, mas gostaria de ter recebido.
- Me ofertaram ajuda, mas recusei para destinar a outra pessoa que julguei precisar mais que eu.

O que você acredita que vai mudar ou já mudou no seu fazer como artista após essa crise da pandemia?

Gostaria de compartilhar algo a mais? Fique à vontade.

Agradecemos a sua colaboração!

Obrigado pela participação, em breve entraremos em contato!

Gostou de responder ao questionário?! Então compartilha esse formulário com todos os brincantes que você conhece, quanto mais artistas participando, melhor poderemos compreender as necessidades da classe.

Pedimos que se cuide, lave as mãos com frequência, se puder fique em casa, mas se for sair, use máscara.

APÊNDICE C – PLANO DE CURSO: *CONECTANDO BRINCANTES*

Realizado de maneira on-line entre 08 e 12 de fevereiro de 2021, e disponibilizado em vídeo no canal *Bota Pra Moer* no Youtube, por meio do seguinte link:

<https://www.youtube.com/watch?v=Y4ET8tGiSjw&t=37s>

PLANO DE CURSO

Nome do curso

Conectando Brincantes

(minicurso introdutório de mídias digitais para mamulengueiros/as)

Facilitadora

Jennyfhem Mendonça

Natural de Camaragibe – PE é artista: fotógrafa, designer, videomaker e social media.

Público-Alvo

Pessoas que atuam diretamente na criação, produção, registro e difusão do Mamulengo (mamulengueiros, contramestre, folgazão, tocadores, produtores, pesquisadores etc.).

20 VAGAS.

Ementa

Uma visão prática e didática das mais variadas ferramentas existentes nas principais redes sociais de comunicação da atualidade, assim como informações do melhor modo de apresentar a si aos seus produtos/serviços no ambiente virtual.

Objetivos

Fazer com que os alunos conheçam mais sobre as redes sociais em que estão inseridos, dando mais autonomia no manuseio das ferramentas digitais.

Metodologia

Exposição dialogada e exercícios extrassala de aula.

Conteúdo Programático

1º Dia - Instagram

- Entrar no Instagram;
- Nick de nome;
- Nome;
- Foto (avatar);
- Biografia;
- Link;
- Destaques (saber que tem) capas;
- Publicando post: filtro - editar - capa (vídeo) / Escrever - hashtags - marcar - localização / Vincular ao Facebook;

- Hashtags;
- Feed de notícias;
- Diferença do feed para o storie;
- Publicando nos stories.

2º Dia - Instagram

- Stories;
- Tirar a foto direto ou buscar na galeria;
- Ferramentas laterais;
- Criar (escrever);
- Boomerang;
- Layout;
- Super zoom;
- Mãos livres;
- Ferramentas superiores;
- Baixar;
- Filtro;
- Vincular link;
- Stickers;
- Desenhar;
- Fonte;
- Amigos próximos;
- Live;
- Organizar os destaques;
- Reels;
- Atrair clientes.

3º Dia - Facebook

- Publicar no Facebook;
- Ferramentas Facebook;
- Grupos;
- Watch;
- Marketplace;
- Perfil;
- Notificações;
- Páginas;
- Eventos;
- Configurações;
- Diferenças Facebook e Instagram.

4 Dia - Youtube

- Perfil YouTube;
- Formato dos vídeos;
- Alcance e números;
- Live pelo YouTube;
- Publicar um vídeo;
- Vídeos públicos, privados e não listados;

- YouTube X outras redes.

5 Dia - WhatsApp

- Perfil WhatsApp;
- WhatsApp business;
- Grupos;
- Lista de transmissão;
- Backup;
- WhatsApp Web;
- Vender pelo WhatsApp.

Avaliação

Assiduidade, presença e participação.

APÊNDICE D – LEVANTAMENTO DA PRODUÇÃO VIRTUAL MAMULENGUEIRA DURANTE A PANDEMIA

| Lives – Mamulengo durante a pandemia: brincadeiras | | | |
|---|-------------|---|---|
| Nº | DATA | GRUPO – CIDADE | LINK |
| 01 | 23/06/20 | Mamulengo Arte da Alegria. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=297004421481788 |
| 02 | 28/06/20 | Teatro História do Mamulengo. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2578751199004311 |
| 03 | 09/07/20 | Mamulengo Teatro Riso. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=2685825581697929 |
| 04 | 09/07/20 | Mamulengando Alegria. Glória do Goitá – PE. Última <i>live</i> de Zé Lopes. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=301007214378754 |
| 05 | 15/08/20 | Live Solidária Zé de Vina. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/589691318575119 |
| 06 | 29/08/20 | Mamulengo Nova Geração. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/955145884983664 |
| 07 | 07/09/20 | Mamulengo Novo Milênio. Carpina – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=M-SBSq_QShA |
| 08 | 10/10/20 | Teatro História do Mamulengo. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/730122381206565 |
| 09 | 13/10/20 | Mamulengo Jurubeba. Recife – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=P808c5k-Cpk |

| | | | |
|----|----------|--|--|
| 10 | 31/12/20 | Mamulengo Flor de Jasmim. Vicência – PE. | https://www.facebook.com/giromatanorte/videos/706956360004281 |
| 11 | 06/01/21 | Mamulengo Flor de Jasmim. Vicência – PE. | https://www.facebook.com/giromatanorte/videos/116290370280167 |
| 12 | 29/01/21 | Mamulengo Teatro Riso. Glória do Goitá – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=9m9pg37GR3U |
| 13 | 11/02/21 | Teatro História do Mamulengo. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/498413587813525 |
| 14 | 13/02/21 | Teatro História do Mamulengo. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/1318764308491567 |
| 15 | 25/02/21 | Teatro História do Mamulengo. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/721215898766204 |
| 16 | 30/03/21 | Mamulengo Jurubeba. Recife – PE. | https://www.facebook.com/mamulengojurubeba.jurubeba/videos/3923047267789895/ https://www.facebook.com/mamulengojurubeba.jurubeba/videos/3919518214809467 |
| 17 | 12/06/21 | Mamulengo Nova Geração. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=385937186172066 |
| 18 | 11/03/21 | Teatro História do Mamulengo. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=187267386202702 https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/705617876745509 |

| | | | |
|----|----------|--|--|
| 19 | 20/06/21 | Mamulengo Riso do Povo. Glória do Goitá – PE. (Brincado por mestre Bel). | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/897960440935122 |
| 20 | 24/06/21 | Teatro História do Mamulengo Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=330874331751367 |
| 21 | 02/07/21 | Mamulengo Arte da Alegria. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/pmggpe/videos/130670742512918 |
| 22 | 08/07/21 | Mamulengo Teatro Riso. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=146854944116236 |
| 23 | 08/07/21 | Mamulengo Flor de Mulungu. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=146854944116236 |
| 24 | 09/07/21 | Mamulengando Alegria. Glória do Goitá – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=yheYfFuD5X0 (2) Facebook |
| 25 | 10/07/21 | Mamulengo Teatro do Povo. Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=408953550403114 |
| 26 | 25/07/21 | Mamulengo Riso do Povo. Glória do Goitá – PE. (Brincado por mestre Bel). | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/252473856413333 https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/4315977798440772 |
| 27 | 29/08/21 | Mamulengo Riso do Povo. Glória do Goitá – PE. (Brincado por mestre Bel). | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/964118877484244 |
| 28 | 12/09/21 | Mamulengo Flor de Jasmim. Vicência – PE. | https://www.facebook.com/giromatanorte/videos/246488810575744 |

| | | | |
|---|----------|--|---|
| 29 | 26/09/21 | Mamulengo Riso do Povo. Glória do Goitá – PE. (Brincado por mestre Bel). | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/145748901102222 |
| 30 | 24/10/21 | Mamulengo Riso do Povo. Glória do Goitá – PE. (Brincado por mestre Bel). | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/1623907521117549 |
| 31 | 01/02/22 | Mamulengo Água de Cacimba. Olinda – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=1N1ygkAeWgQ |
| 32 | 08/04/22 | Mamulengo Flor de Mulungu. Glória do Goitá – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=uNSOBFVSAyw&t=1388s |
| 33 | 09/04/22 | Mamulengo Nova Geração. Carpina – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=h5rOZjq7ZOO |
| 34 | 10/04/22 | Mamulengo Jurubeba. Recife – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=HrQ8JzeRSOM |
| 35 | 15/04/22 | Mamulengo Tomé. Garanhuns – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=FgkqTW8U1Pg&t=3506s |
| 36 | 16/04/22 | Mamulengo Novo Milênio. Carpina – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=39ACfh6ZzK0&t=3s |
| 37 | 17/04/22 | Mamulengando Alegria. Glória do Goitá – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=v6vUQqrG24c |
| Lives – Mamulengo durante a pandemia: formação | | | |
| 38 | 30/04/20 | Mamulengo Teatro Riso. Glória do Goitá – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=cj7UryVOiY&t=1s |
| 39 | 29/08/20 | Mamulengo Flor de Jasmim. Vicência – PE. | https://www.facebook.com/mestrecalu/videos/2723310774662295/ |
| 40 | 06/03/21 | Teatro História do Mamulengo Glória do Goitá – PE. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/417692025994740 |
| 41 | 20/06/21 | Projeto 80 Anos Zé de Vina. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=31338501 |

| | | | |
|---|----------|---|---|
| | | | 7127519 |
| 42 | 25/07/21 | Projeto 80 Anos Zé de Vina. | https://www.facebook.com/watch/live/?ref=watch_permalink&v=265479028672360 |
| 43 | 29/08/21 | Projeto 80 Anos Zé de Vina. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/1487064491628754 |
| 44 | 26/09/21 | Projeto 80 Anos Zé de Vina. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/380733137011853 |
| 45 | 24/10/21 | Projeto 80 Anos Zé de Vina. | https://www.facebook.com/museudomamulengo/videos/400199521575819 |
| 46 | 21/01/22 | Mamulengo Água de Cacimba. Olinda – PE. | https://www.youtube.com/watch?v=D40wrY9q2eI |
| 47 | 01/02/22 | Mamulengo Água de Cacimba. Olinda – PE | https://www.youtube.com/watch?v=Bc-QiryVrOk |
| Live – Mamulengo durante a pandemia: homenagem | | | |
| 48 | 22/10/20 | Homenagem póstuma ao mestre Zé Lopes. | https://www.youtube.com/watch?v=5rXTjrit14w |